

JUSSARA DA SILVA RODRIGUES

VENDREDI OU LES LIMBES DU PACIFIQUE
DE MICHEL TOURNIER:
O MITO DE ROBINSON CRUSOE INSERIDO NA NARRATIVA
CONTEMPORÂNEA



ARARAQUARA – S.P.
2009

JUSSARA DA SILVA RODRIGUES

VENDREDI OU LES LIMBES DU PACIFIQUE
DE MICHEL TOURNIER:
O MITO DE ROBINSON CRUSOE INSERIDO NA NARRATIVA
CONTEMPORÂNEA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Literatura.

Linha de pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientador: Guacira Marcondes Machado Leite

Bolsa: Capes

ARARAQUARA – S.P.
2009

JUSSARA DA SILVA RODRIGUES

VENDREDI OU LES LIMBES DU PACIFIQUE DE
MICHEL TOURNIER: O MITO DE ROBINSON CRUSOE
INSERIDO NA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Literatura.

Linha de pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientador: Guacira Marcondes Machado Leite

Bolsa: Capes

Data da defesa: 19/03/2008

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Guacira Marcondes Machado Leite
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Wilma Patricia Marzari Dinardo Maas
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Norma Wimmer
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho ao meu pai que me ensinou a amar os livros.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria e à minha irmã Gilmara pelo amor e incentivo;

À minha orientadora Guacira pela atenção e pelos conselhos que tornaram possível a concretização deste trabalho;

Às professoras Norma Wimmer e Wilma Patricia Maas que com suas observações contribuíram para o seu aperfeiçoamento;

Às minhas amigas Mariana e Maria Clara que me influenciaram com seus exemplos de estudo e pesquisa;

Às minhas amigas Angela e Daiane por me acolherem em sua casa todas as vezes que precisei de abrigo em Araraquara;

Ao Bruno pelo companheirismo e pelo carinho nos momentos de tensão e desânimo;

À Capes pelo apoio financeiro.

“O que convém sublinhar é que a prosa narrativa, especialmente o romance, ocupou, nas sociedades modernas, o lugar da recitação dos mitos e dos contos nas sociedades tradicionais e populares. Mais ainda, é possível destacar a estrutura ‘mítica’ de certos romances modernos, é possível demonstrar a sobrevivência literária dos grandes temas e das personagens mitológicas.” (ELIADE, 1989, p. 159)

RESUMO

A retomada do mito de Robinson Crusoe pelo autor francês Michel Tournier é um dos intertextos mais ricos da literatura contemporânea. *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* reconta a história do naufrago inglês a partir da ótica do mito e da filosofia. A trajetória do herói orienta-se pela lógica dos ritos de iniciação primitivos, recorrendo a uma variada gama de símbolos. O objetivo principal deste trabalho é analisar na obra o desenvolvimento narrativo do processo de evolução da personagem através do estudo de sua composição estrutural e temática. Nesse intuito, o trabalho divide-se em cinco partes principais. A princípio estabelece-se uma análise comparativa entre *Vendredi* e o livro *As Aventuras de Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, seu intertexto inspirador. O estudo do enredo, do espaço, do tempo e da personagem Sexta-Feira compõe a primeira parte. O texto de Tournier chama a atenção pela sua capacidade de inovar em todos estes aspectos, sem, contudo, perder sua referência ao texto original. A seguir, há um exame, também comparativo, da temática do individualismo moderno, presente nos dois textos. Uma exposição sucinta do contexto social referente ao período de elaboração das obras integra esta segunda parte. O foco principal desta análise é a personagem Robinson Crusoe. Nota-se uma mudança radical do paradigma de individualismo nos séculos XVIII e no século XX. A partir da terceira parte, o trabalho dedica-se exclusivamente ao livro de Tournier. Há um questionamento sobre o potencial de *Vendredi* para compor o conjunto de obras literárias classificadas como pós-modernas. A escritura de Tournier, aparentemente simplista e tradicional, surpreende por meio da técnica do redobramento em todas as instâncias, seja estrutural, seja temática, seja narrativa. Além disso, a obra abre a discussão sobre o papel do homem primitivo na vida do homem moderno, através da crítica e da subversão. O primitivismo é, aliás, um dos mais importantes assuntos abordados na história. A parte quatro trata exatamente das concepções, dos ritos e dos símbolos primitivos, tão presentes em *Vendredi*, assim como de alguns outros símbolos e mitos que fazem parte do imaginário universal. Por fim, a quinta parte do trabalho busca desvelar as passagens simbólicas, associadas aos ritos de iniciação primitivos como ponto de partida para a construção da trajetória da personagem. Assim, abordam-se diferentes faces do mito de Robinson Crusoe, em sua versão contemporânea, buscando esboçar uma compreensão de sua importância na literatura atual.

Palavras – chave: Robinson Crusoe. Michel Tournier. *Vendredi*. Mito. Primitivismo. Individualismo.

RÉSUMÉ

La reprise du mythe de Robinson Crusoe par l'auteur français Michel Tournier est l'un des intertextes les plus riches de la littérature contemporaine. *Vendredi* ou *Les Limbes du Pacifique* raconte l'histoire du naufragé anglais dans la perspective du mythe et de la philosophie. La trajectoire du héros est guidée par la logique des rites primitifs d'initiation, en utilisant un large éventail de symboles. L'objectif principal de cette étude est d'analyser dans le récit le développement de l'évolution du personnage à travers l'étude de sa composition structurelle et thématique. À cette fin, le travail est divisé en cinq parties principales. D'abord, il s'établit une analyse comparative entre *Vendredi* et le livre *Les Aventures de Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, son intertexte inspirateur. L'étude de l'intrigue, de l'espace, du temps et du personnage *Vendredi* compose la première partie. Le texte de Tournier a attiré l'attention pour sa capacité à innover dans tous ces aspects, sans perdre cependant sa référence au texte original. Ensuite il y a un examen, également comparatif, de la thématique de l'individualisme moderne, présente dans les deux textes. Un résumé du contexte social concernant la période de la préparation des œuvres comprend la deuxième partie. La cible principale de cette analyse est le personnage Robinson Crusoe. On observe un changement radical dans le paradigme de l'individualisme dans le XVIII^e et le XX^e siècle. À partir de la troisième partie, le travail se consacre exclusivement au livre de Tournier. Il y a une mise en question sur le potentiel de *Vendredi* pour composer l'ensemble des œuvres littéraires nommées postmodernes. L'écriture de Tournier, apparemment simpliste et traditionnelle, elle surprend par la technique de redoubler dans tous les niveaux, soit structurel, soit thématiques, soit narratif. En outre, le travail ouvre la discussion sur le rôle de l'homme primitif dans la vie de l'homme moderne, à travers la critique et la subversion. Le primitivisme est, d'ailleurs, l'une des questions les plus importantes abordées dans le récit. La partie quatre traite exactement les conceptions, les rites et les symboles primitifs, si remarquables dans *Vendredi*, ainsi que d'autres symboles et des mythes qui font partie de l'imaginaire universel. Enfin, la cinquième partie du travail cherche à dévoiler les passages symboliques, associés aux rites primitifs d'initiation, comme point de départ pour la construction de la trajectoire du personnage. Ainsi, on aborde des aspects différents du mythe de Robinson Crusoe, dans sa version contemporaine, essayant d'ébaucher la compréhension de son importance dans la littérature actuelle.

Mots-clés: Robinson Crusoe. Michel Tournier. *Vendredi*. Mythe. Primitivisme. Individualisme.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AS SURPREENDENTES E SINGULARES AVENTURAS DE DANIEL DEFOE NOS LIMBOS DE MICHEL TOURNIER	16
2.1 Enredo	17
2.2 Espaço	21
2.3 Tempo	27
2.4 Personagens: Sexta-Feira	31
2.4.1 Vendredi x Dioniso	35
2.4.1.1 O deus dos vegetais	36
2.4.1.2 O deus da música e da dança	37
2.4.1.3 O deus das contradições	38
2.4.1.4 O deus nômade	41
2.4.1.5 O deus rejuvenescedor	42
3 ROBINSON CRUSOE E O MITO DO INDIVIDUALISMO	44
3.1 O velho e o novo Robinson Crusoe	44
3.2 Robinson Crusoe e o mito do individualismo burguês	49
3.3 Novas perspectivas da sociedade moderna	55
3.4 Robinson Crusoe e o mito do individualismo na sociedade contemporânea	58
4 TOURNIER E AS NARRATIVAS PÓS-MODERNAS	63
4.1 Redobramento da voz narrativa	65
4.2 O metadiscorso	67
4.2.1 A inserção do discurso científico	68
4.3 A apropriação: intertextualidade e reescritura	69
5 OS MITOS NO MITO	73
5.1 O primitivismo	74
5.2 Símbolos de ascensão	76
5.3 O Sol	78
5.4 Ritos de iniciação e de retorno e o mito cosmogônico	79
5.5 Símbolos de intimidade: o ventre da terra mãe e esposa	83
5.6 Símbolos “gemelares”: o duplo	85
5.7 Sexualidade e androginia	86
6 POR DENTRO DE ROBINSON CRUSOE	89
6.1 Prefácio	89
6.2 O Mago	91
6.2.1 Capítulo I	93
6.2.2 Capítulo II	96
6.3 O Carro	99
6.3.1 Capítulo III	101
6.3.2 Capítulo IV	104
6.4 O Eremita	107
6.4.1 Capítulo V	108
6.4.2 Capítulo VI	111
6.5 A Estrela e os Enamorados	112

6.5.1 Capítulo VII.....	113
6.6 O Louco	114
6.6.1 Capítulo VIII	115
6.7 O Enforcado e o Diabo	118
6.7.1 Capítulo IX	119
6.8 O Sol	123
6.8.1 Capítulo X	124
6.9 A Morte	125
6.9.1 Capítulo XI	126
6.10 O Mundo	128
6.10.1 Capítulo XII.....	128
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	133

1 INTRODUÇÃO

A partir do século XVIII, entra em cena uma nova forma literária representativa dos valores da emergente sociedade burguesa. Em *A Ascensão do Romance*, Ian Watt (1990) afirma que a forma é marcada pelo individualismo e pela busca constante de afirmação em um mundo de estruturas frágeis abaladas por mudanças constantes e repentinas, trazidas no bojo da revolução industrial e do modo de produção capitalista, modelo de desenvolvimento predominante da época.

Essa nova forma literária é o romance. Baseado no ideal de representação realista, o romance, nos séculos XVIII e XIX, tinha por modelo o modo de vida burguês e zelava pela descrição minuciosa do ambiente. Rompia, desse modo, com a tradicional narrativa épica, inspirada nas “fontes literárias do passado”.

Um dos precursores dessa inovação foi Daniel Defoe. Em 1719, escreveu a história de *Robinson Crusoe*¹, que foi – e continua sendo – um grande sucesso de público. Apesar das muitas críticas ao novo gênero, na ocasião de seu surgimento, o romance de Defoe constituiu, segundo Watt, um dos grandes mitos do individualismo burguês e da sociedade moderna. A obra tornava o modelo econômico da época algo fascinante e enobrecedor, digno de compor as façanhas de um herói.

O sucesso conquistado pelo romance do século XVIII evidencia a necessidade das sociedades de autoafirmação, seja social, cultural ou politicamente: “Em todas as idades a classe social ou intelectual dominante tende a projetar seus ideais nalguma forma de história romanesca” (FRYE, 1957, p. 185). A sociedade burguesa, que começou a se consolidar a partir do Renascimento, teve no romance burguês o conjunto de suas aspirações e valores refletido.

Se, assim, àquela sociedade era preciso urgentemente a renovação da literatura, a fim de representá-la e aos seus valores, o mesmo acontece com a sociedade contemporânea. Hoje, surgem novos modelos narrativos, novos temas, novas formas, novos mitos, mais condizentes com o pensamento do homem dos séculos XX e XXI.

Michel Tournier, autor francês, contemporâneo, premiado pela academia francesa, reescreveu em 1967 a história de *Robinson Crusoe* sob uma perspectiva totalmente diversa da

¹ O título original da obra de Defoe é *The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe of York, Mariner: who lived Eight and Twenty Years, all alone in an uninhabited Island on the coast of America, near the Mouth of the Great River of Oroonoke; Having been cast on Shore by Shipwreck, wherein all the Men perished but himself. With An Account how he was at last as strangely deliver'd by Pirates. Written by Himself.*

original. *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* rompe com o modelo tradicional do individualismo burguês e insere uma renovação do mito através da representação de um individualismo modificado na sociedade do século XX, uma nova visão que o indivíduo contemporâneo tem de si próprio e do mundo ao seu redor.

A obra acima citada é tomada aqui como objeto de estudo. O principal objetivo é esclarecer de que forma o mito de Robinson Crusoe insere-se na narrativa contemporânea através da obra de Michel Tournier, tendo como foco principal a evolução sofrida pela personagem Robinson Crusoe.

Este trabalho é o passo seguinte de um estágio departamental iniciado em março de 2006, de nível de graduação, junto ao Departamento de Letras Modernas, da Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista, no câmpus da cidade de Araraquara, orientado pela Prof^a. Dr^a. Guacira Marcondes Machado Leite.

O estágio foi iniciado devido a um grande interesse em estudar um autor contemporâneo, preferencialmente francófono, produtor de uma narrativa moderna e inovadora, onde mito e filosofia se entrelaçassem, na abordagem de temas universais. O autor escolhido, Michel Tournier, não somente está vivo, como escreve e publica ainda regularmente, o que o faz não apenas contemporâneo da época em que vivemos, mas, também, contemporâneo de nossas vidas.

Tournier conseguiu atribuir à história de Robinson Crusoe uma perspectiva incomparavelmente nova. A ênfase da obra recai sobre a personagem *Vendredi* e o conjunto de valores pregado acorda com o pensamento primitivo. A civilização, o modo de produção capitalista e a sociedade burguesa, fundamentos básicos da primeira versão do mito, assumem papéis antagônicos nas mãos do autor francês. Segundo ele próprio, *Vendredi* poria um fim a toda reescritura que se fazia da obra de Defoe, dada a sua grandeza:

Eu escolho esse assunto e o trato da minha maneira, mas com uma ideia completamente megalômana na cabeça, a de que eu quero pôr fim a esse assunto, para que ele nunca mais volte, para que ele seja tão bem tratado que esteja concluído. [...] Eu escolhi *Vendredi*: é Robinson Crusoe e está acabado. Foi publicado em 67, e não mais se falou, não mais se viu robinsonadas.² (TOURNIER, 199-, tradução nossa).

² “*Je prends ce sujet et je le traite à ma façon, mais avec une idée tout à fait mégalomane dans la tête, c’est que je veux en finir avec ce sujet, qu’on n’y revienne plus, qu’il soit traité tellement bien que c’est fini. [...] J’ai pris Vendredi: c’est Robinson Crusoe et c’est fini. Ça a paru en 67, et on n’a plus parlé, on n’a plus vu de robinsonnades.*” (TOURNIER, 199-).

Na verdade, surgiram outras narrativas após 1967 baseadas na vida do náufrago, mas nenhuma delas teve destaque comparável ao da obra de Tournier.

O mito de Robinson Crusoe, seja contado através das palavras de Defoe ou de Tournier, tem enorme apelo na mentalidade da sociedade contemporânea, envolvida a todo instante pelos conflitos aflorados pela solidão, ou mais ainda, pelo isolamento do convívio social, atrelado às contradições do sentimento humano e à oposição entre ser social e indivíduo.

De modo geral, uma história é chamada de mito quando guarda em si um significado implícito simbólico que explique algo da realidade. Essa realidade pode se referir a acontecimentos relacionados a um determinado povo ou cultura ou às verdades universais (criação do mundo, fenômenos da natureza, relações humanas). Segundo o historiador de religiões Mircea Eliade (1989, p. 14-15) “a função soberana do mito é revelar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: tanto a alimentação como o casamento, o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria.”

O mito define-se por seu modo de ser: ele apenas se deixa tomar na qualidade de mito à medida que revela que algo é **pleno / manifesto**, e essa manifestação é ao mesmo tempo **criadora e exemplar**, já que ela inaugura tanto uma estrutura do real como um comportamento humano. [...] Os mitos revelam as estruturas do real e os múltiplos modos de ser no mundo.³ (ELIADE, 1957, p. 13, grifos do autor, tradução nossa).

O sentido de mito adotado neste trabalho está de acordo com a definição acima, tanto quanto ao livro de Defoe quanto ao de Tournier. As duas obras são aqui consideradas como mitos pela sua capacidade de refletir e explicar alguns traços da realidade e do comportamento humano.

Atribuindo-se à narrativa de Daniel Defoe o estatuto de mito, compartilha-se também da concepção de Ian Watt (1997). Robinson Crusoe é um “mito do individualismo moderno”. Ou seja, as ações de Robinson são representações do modelo econômico e social dominante no século XVIII. O seu comportamento revela valores religiosos e condutas morais condizentes com o modo de vida burguês. Porém, apenas ser modelar não é motivo suficiente

³ “Le mythe se définit par son mode d’être : il ne se laisse saisir en tant que mythe que dans la mesure où il révèle que quelque chose s’est **pleine / manifesté**, et cette manifestation est à la fois **créatrice et exemplaire**, puisqu’elle fonde aussi bien une structure du réel qu’un comportement humain. [...] Les mythes révèlent les structures du réel et les multiples modes d’être dans le monde.” (ELIADE, 1957, p. 13, grifo do autor).

para classificar qualquer obra como mito. A importância da obra, como mito, é o fato de ser um **modelo exemplar** de um modo de vida para um homem de negócios. A trajetória de Robinson Crusoe pode ser considerada como o feito primordial, dotada de perfeição e reveladora de uma realidade. Os valores do individualismo burguês justificam-se em meio às peripécias de sua saga. A dignidade do trabalho e a autonomia, por exemplo, deixam de ser apenas moralidades abstratas e tornam-se condições essenciais para a sobrevivência.

O “espírito mitológico” é atingido, sobretudo, pelo valor social e histórico da obra. Ou seja, alguém que busca compreender melhor o comportamento da sociedade burguesa e as bases do seu pensamento pode buscar este entendimento através da leitura de *As Aventuras de Robinson Crusoe*. Os acontecimentos narrados são, portanto, fincados em possibilidades reais, apesar de inusitadas e improváveis.

Em Tournier, entretanto, além de ocorrer uma representação do individualismo, mas dessa vez, da sociedade do século XX, incorrem outros fatores que reforçam o papel de *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* como mito. O que se revela não é apenas o comportamento de uma determinada sociedade, mas “as secretas e confusas aspirações do homem”⁴ (TOURNIER apud BOULOUMIÉ, 1988, p. 7, tradução nossa).

Além de seu caráter modelar, *Vendredi* faz forte apelo ao mundo simbólico. A personagem é certamente construída com base em um homem do século XX. Mas, os acontecimentos da ilha muitas vezes tomam uma dimensão sobrenatural. Não se pode, contudo, dizer que estamos diante de um romance fantástico. Os acontecimentos conduzem a um conteúdo simbólico, mesmo conservando passagens de caráter extremamente realista, principalmente quanto às descrições. Tournier preserva na narrativa uma característica comum à maior parte dos mitos, sua sacralidade.

O desejo de autossuperação e de autossuficiência, a busca da imortalidade e a perfeita integração do homem com o mundo natural são temas que fazem da obra de Tournier um mito universal. É, além disso, a tradução de um rito de iniciação, evidente nos vários símbolos e arquétipos recorrentes na obra.

Transposto para o domínio literário, o mito guarda, em Tournier, seu caráter religioso. [...] *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* [...] resgata “as imagens arquetípicas da iniciação”. O mito dos gêmeos pertence às religiões mais antigas da humanidade; o mito do andrógino, mesmo antes de Platão,

⁴ “*les secrètes et confuses aspirations de l’homme*” (TOURNIER apud BOULOUMIÉ, 1988, p. 7).

tem, ele também, origens religiosas. [...] É esse sentido do sagrado, preservado no mito, que o distingue da lenda.⁵ (BOULOUMIÉ, 1988, p. 9, tradução nossa).

Assim se estabeleceram algumas etapas que caracterizam a obra de Tournier não apenas pela sua “alta qualidade literária”, mas também pelos seus aspectos mitológicos e ideológicos que lhe emprestam a roupagem de um mito contemporâneo.

A presente dissertação inicia-se com uma abordagem comparativa entre as obras de Michel Tournier e Daniel Defoe. Michel Tournier utiliza a história de Daniel Defoe não apenas como referência para criar um novo enredo; o autor pretende, de certa forma, corrigir algumas incoerências que tomaram vulto com a passagem do tempo, como o tratamento dispensado a Sexta-Feira⁶ ou a pobreza interior de Robinson e sua total insensibilidade a qualquer mudança depois de tantos anos de isolamento. O próprio Tournier afirma querer fazer uma correção na obra de Defoe. Segundo o autor:

No caso do “Robinson” de Defoe, produziu-se um fenômeno curioso. Ele publica seu livro em 1719. Em 1762, Rousseau consagra-lhe duas páginas entusiastas no *Emílio*. Eis, escreve ele, em substância, o único livro de educação recomendável.

Lamentável, pobre Rousseau que acreditava encontrar em “Robinson” um eco de seu próprio pensamento! Pode-se imaginar livro mais antirrousseauiano? Eis um homem que desembarca em uma ilha deserta, a enxovalha e a desnatura, que encontra (bons) selvagens e os massacra, que salvando um, nada de mais urgente faz que o perverter e lhe ensinar... a civilização. É de crer que Jean-Jacques não tenha lido Defoe!

Eu quis corrigir o contrassenso, escrever um Robinson rousseauiano. Daí a relação inversa das personagens... Não é mais Robinson que ensina a Vendredi mas Vendredi que educa Robinson⁷ (TOURNIER apud BOULOUMIÉ, 1988, p. 226, tradução nossa).

⁵ “*Transposé dans le domaine littéraire, le mythe garde, chez Tournier, son caractère religieux. [...] Vendredi ou les Limbes du Pacifique [...] retrouve ‘les images archétypales de l’initiation’. Le mythe des jumeaux appartient aux religions les plus anciennes de l’humanité; le mythe de l’androgynie, par delà Platon, a, lui aussi, des origines religieuses. [...] C’est ce sens du sacré, préservé dans le mythe, qui le distingue de la légende.*” (BOULOUMIÉ, 1988, p. 9).

⁶ Neste trabalho, para evitar desentendimentos, ao fazer-se referência ao indígena que acompanha Robinson em parte de suas aventuras, optou-se por chamar-lhe Vendredi, quando se tratar da obra de Tournier, e, Sexta-Feira, no caso de Defoe.

⁷ “*Dans le cas du « Robinson » de Defoe, il s’est produit un phénomène curieux. Il publie son livre en 1719. En 1762, Rousseau lui consacre deux pages enthousiastes dans l’Émile. Voici, écrit-il, en substance, le seul livre d’éducation recommandable.*

Hélas, pauvre Rousseau qui croyait trouver dans ‘Robinson’ un écho de sa propre pensée ! Peut-on imaginer livre plus anti-Rousseauiste ? Voilà un homme qui aborde dans une île déserte, la souille et la dénature, qui

Essa mudança conceitual implicou, logicamente, em alterações que repercutem não apenas no enredo, mas em todas as estruturas da narrativa. Far-se-á uma análise comparativa do enredo, do espaço, do tempo e da personagem Sexta-Feira, ainda que não muito aprofundada, pois o objeto principal do trabalho não é o livro de Defoe.

A seguir, há uma análise, também comparativa, da personagem Robinson Crusoe e das perspectivas do individualismo moderno no século XVIII e no século XX. Os dois protagonistas são caracterizados como reflexo das aspirações do indivíduo contemporâneo a cada um dos autores. O Robinson Crusoe que definia as diretrizes do pensamento na época de Defoe é um homem completamente diferente deste novo Robinson, mais complexo e sujeito a diversas transformações. Um homem mais caracterizado pelo ceticismo e frustrações da sociedade do século passado – e do nosso – do que aquele homem reprodutor de um modelo ideal da sociedade burguesa e de seu modo de produção. A dinâmica do processo que levou à constituição de indivíduos tão diferentes também será abordada.

Na parte seguinte, a ênfase recai sobre alguns aspectos formais que ligam a narrativa de Tournier às narrativas pós-modernistas. A obra, aparentemente bastante tradicional e reprodutora das formas romanescas tradicionais, é repleta de elementos comuns aos textos mais modernos. A visão inovadora que Tournier insere, retomando uma outra história já consagrada, a fragmentação da narrativa em duas vozes, entre outros fatores são peças fundamentais na escritura pós-moderna. A discussão pretende incluir Tournier entre os autores que estão delineando as bases para uma renovação do romance moderno.

O destaque e a recorrência assídua a vários símbolos míticos, característica também das narrativas mais modernas, é o tema da próxima parte. Tournier introduz diversos temas e símbolos, a partir dos quais dota a trajetória do herói de transcendentalidade e divindade. Os mitos primitivos de iniciação têm a maior ênfase. Porém, facilmente aliam-se a esta primeira categoria mitos dos deuses gregos, mitos bíblicos e a simbólica do tarô.

A última parte focaliza a natureza da evolução pela qual Robinson passa. O estudo do desenvolvimento narrativo aliado à análise prévia dos outros elementos componentes da obra permitiu destacar alguns fatores mais relevantes para a formação de um indivíduo diferente não só do Robinson original, mas do próprio Robinson do início da narrativa. O herói conhecido no fechamento do livro é alçado à categoria divina e fortemente espiritualizado.

rencontre des (bons) sauvages et les massacre, qui en sauve un et n'a rien de plus pressé que de le pervertir et de lui apprendre ... la civilisation. C'est à croire que Jean-Jacques n'avait pas lu Defoe ! J'ai voulu corriger le contresens, écrire un Robinson rousseauiste. D'où le rapport inversé des personnages ... Ce n'est plus Robinson qui enseigne Vendredi mais Vendredi qui éduque Robinson" (TOURNIER apud BOULOUMIÉ, 1988, p. 226).

2 AS SURPREENDENTES E SINGULARES AVENTURAS DE DANIEL DEFOE NOS LIMBOS DE MICHEL TOURNIER

Não há que se negar o valor e a importância de *A Vida e As Surpreendentes Aventuras de Robinson Crusoe*, de York, Marinheiro, de Daniel Defoe, para a história da literatura universal. O livro é um dos pioneiros na missão de renovar as formas romanescas tradicionais vigentes no século XVIII, primando por um enredo cioso das questões de foro íntimo e realização pessoal em lugar da lenda coletiva.

Sua ficção é a primeira que nos apresenta um quadro da vida individual numa perspectiva mais ampla como um processo histórico e numa visão mais estreita que mostra o processo desenrolando-se contra o pano de fundo dos pensamentos e ações mais efêmeros. (WATT, 1990, p. 24).

A representatividade da obra de Defoe legou-lhe o título de mito da sociedade moderna. Aqui, o sentido do termo mito deve ser lembrando como aquele que faz referência a uma narrativa modelo de uma forma de comportamento do ser humano. O livro de Daniel Defoe ilustra, mais especificamente, a noção de valores destacada pela classe burguesa.

O mito de Robinson Crusoe, porém, deixou de contemplar tão amplamente os pensamentos da sociedade, passados alguns séculos, e foi magnificamente reescrito por Michel Tournier. Por isso, conforme *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* evolui, surgem mudanças significativas no que diz respeito ao enredo. E o fato de alguns trechos serem reproduzidos quase literalmente da obra de Defoe, não prejudica a excepcionalidade da narrativa.

Muitas outras peculiaridades respeitantes às estruturas narrativas, como tempo, espaço, características físicas e psicológicas das personagens, divergem do mito original. As mudanças, a princípio, podem parecer insignificantes, mas têm importância fundamental no conjunto total da obra. Os desvios em relação à história original são determinantes não apenas para dotar *Vendredi* de originalidade, mas também são capazes de constituir uma nova concepção dos temas da solidão e do individualismo, mais adequada ao pensamento do homem do século XX.

2.1 Enredo

O livro de Defoe, já bastante conhecido do público leitor contemporâneo, inicia-se com um breve relato da vida de Crusoe com sua família, antes do início de suas viagens. Ele nasce em York, na Inglaterra, em 1632, vindo de uma família de pequenos burgueses. Crusoe sente forte inclinação para a vida de viajante e, apesar da desaprovação de seus pais, aos dezenove anos abandona o lar e parte em busca de aventuras.

As viagens anteriores ao naufrágio são repletas de aventuras (perigo de morte, ataque de piratas, sequestro, fuga). A viagem decisiva ocorre em 1659 e é impulsionada pelo interesse de Crusoe em se envolver no comércio escravocrata. Nessa época, proprietário de um latifúndio no Brasil, ele parte na ambição de conseguir alguns escravos para si e trazer outros para venda, mas logo na ida acontece o naufrágio que determinará os próximos anos de sua vida.

Único sobrevivente, Robinson encontra-se em uma ilha deserta nas redondezas do Caribe. Suas primeiras providências são se garantir de tudo que for possível apanhar dos despojos do navio e improvisar uma morada para se abrigar da chuva, do sol e de possíveis inimigos, humanos ou não.

Depois de uma avaliação de sua situação, Robinson considera estar em melhores condições do que poderia desejar e trata de adaptar-se à sua nova vida sem muitas frustrações ou desespero aparente. Ele estabelece tarefas diárias (caça, marcenaria, descanso) e começa a cultivar a terra. Além disso, abatido por uma enfermidade, sente a necessidade de desenvolver algum tipo de religiosidade. Suas práticas assemelham-se às práticas protestantes.

Durante uma parte de sua estada na ilha, escreve um diário onde registra seus feitos e as dificuldades encontradas na realização deles.

Apenas após mais de três anos de exílio, Robinson pensa em construir um barco que possa tirá-lo da solidão e levá-lo para alguma paragem habitada, porém a tentativa falha. O barco que constrói está longe demais da água e é impossível levá-lo até o mar. Depois de meses de trabalho desperdiçado, a reação de Robinson ao ver o empreendimento frustrado resume-se a uma mágoa sincera. “Este facto magoou-me sinceramente, e via agora, embora tarde de mais [sic], o disparate de começar um trabalho antes de ter em consideração o custo e de julgarmos correctamente da nossa força para o levar por diante.” (DEFOE, 1975, p 128). A sua decepção, ainda por cima, é relativa a si próprio, à sua falta de tino para realizar um

empreendimento sem antes medir as consequências, e não ao resultado decepcionante de seu trabalho.

Anos depois, ele descobre que, em determinadas ocasiões, a ilha é visitada por indígenas vindos do continente americano, para realizar rituais de canibalismo. Indignado com o que ele considera um crime brutal, passa anos planejando um ataque a fim de exterminar alguns deles. Depois de um sonho, maravilha-se com a ideia de “arranjar um selvagem” para ser seu escravo e o ajudar a fugir da ilha: “imaginava-me capaz de dirigir um, não, dois ou três selvagens, se os tivesse, de forma a torná-los meus escravos, a fazerem tudo o que lhes mandasse e a evitar que fossem capazes de me fazer mal.” (DEFOE, 1975, p. 193).

Auxiliado pelo acaso, Robinson consegue realizar seu desejo e depois de vinte quatro anos de completa solidão, salva um selvagem de ser devorado por outros indígenas durante um ritual. A partir de então, Sexta-Feira passa a ser seu escravo como forma de agradecimento pela sua salvação. “Por fim, chegou ao pé de mim, ajoelhou novamente, beijou a terra, pôs a cabeça no chão e, agarrando-me num pé, colocou-o sobre a cabeça, o que me pareceu ser um juramento de fidelidade para toda a vida.” (DEFOE, 1975, p. 195).

Ele transforma Sexta-Feira num indivíduo “civilizado”, ainda que este nunca consiga ultrapassar um grau de conhecimento precário da língua inglesa e permaneça sempre em uma situação de subalterno, inferior aos homens brancos. Ele é apenas um criado dócil e obediente.

Passados cerca de três anos de convivência harmoniosa, Robinson e Sexta-Feira são resgatados por um navio. É o ano de 1686.

De volta à Europa, ele descobre-se um homem rico, devido ao empenho e fidelidade daqueles que cuidaram de seus bens e se emociona muito com isso. A ilha passa a ser habitada por alguns espanhóis que viviam no continente com a tribo de Sexta-Feira e por parte da tripulação do navio de resgate do naufrago, deixada ali como forma de punição por ter se rebelado contra seu comandante. Robinson declara-se seu senhor, nomeando-a sua “nova colônia”. Esta ideia já se lhe havia formado na mente desde os primeiros tempos de seu exílio, mesmo sem estar certo de que seria resgatado: “que tudo aquilo era meu, que era irrevogavelmente rei e senhor de todo este território e tinha direito de posse; e que, se pudesse transmiti-lo, poderia fazê-lo hereditário da mesma maneira que os nobres em Inglaterra.” (DEFOE, 1975, p. 102).

Em 1694, já viúvo de um casamento que lhe deu três filhos, Robinson decide voltar a viajar “como comerciante, para as Índias Orientais”. Nessa ocasião, faz uma visita à sua ilha. Esses últimos acontecimentos são contados muito resumidamente e a narração termina com a seguinte declaração de Robinson: “todas estas coisas com alguns incidentes bastante

surpreendentes, em novas aventuras minhas, que duraram dez anos, talvez um dia eu vos conte em detalhe.” (DEFOE, 1975, p. 289).

A narrativa de Tournier inicia-se momentos antes do naufrágio. É o dia 30 de setembro de 1759, exatamente um século depois do naufrágio ocorrido em Defoe. Robinson está no *Virginie*, navio comandado pelo capitão Van Deysse, em busca de riquezas no novo mundo. O capitão lê cartas de tarô para Robinson, durante uma tempestade, revelando-lhe de forma simbólica seu futuro. A seguir ocorre o naufrágio. Esta parte da narrativa compõe o prefácio.

Único sobrevivente, Robinson acorda em uma ilha, localizada no Pacífico, e não no Caribe, como em Defoe, onde permanece à beira da praia, à espera de que um navio logo apareça para resgatá-lo. Há uma relutância muito grande da parte do náufrago em aceitar a possibilidade de uma longa estadia na ilha. Alguns dias depois, ele resolve iniciar seu primeiro empreendimento: a construção de “uma embarcação com capacidade suficiente para atingir a costa chilena ocidental.”⁸ (TOURNIER, 1972, p. 23, tradução nossa). Pela primeira vez, deixa a costa para ir até os destroços do *Virginie* em busca de instrumentos e materiais úteis aos seus desígnios. Ele começa a construção do *Évasion*. Quando o barco está pronto, Robinson dá-se conta da impossibilidade de levá-lo até o mar. O desespero toma conta e quase o leva à loucura. Derrotado, passa dias chafurdado na lama, junto com porcos-do-mato, alimentando-se e movendo-se como um animal. Após um delírio, conscientiza-se do perigo de perder a razão e decide tomar as rédeas da sua vida: “Ele retomaria na mão seu destino. Ele trabalharia. Ele consumiria sem mais sonhar suas núpcias com sua esposa implacável, a solidão.”⁹ (TOURNIER, 1972, p. 42, tradução nossa).

Após semanas de exploração detalhada da ilha, ele decide retornar mais uma vez ao navio naufragado e retirar de lá todo o possível. Durante os meses seguintes realiza trabalhos de pecuária e de agricultura, mas as dificuldades e a depressão acabam por conduzi-lo novamente a uma situação de desânimo. Nessas ocasiões, ele volta para a lama com os porcos, buscando se refugiar da realidade.

Mas, acima do desânimo, Robinson é movido pelo mais intenso rancor de estar confinado na ilha e consegue realizar prodígios agrícolas no seu terreno selvagem. Sua produção e a manufatura de vários objetos ultrapassa em muito os feitos do Robinson de Defoe. A coroação de sua vitória sobre a desumanização é a construção de uma casa feita

⁸ “*un bateau de tonnage suffisant pour rallier la côte chilienne occidentale.*” (TOURNIER, 1972, p. 23).

⁹ “*Il reprendrait en main son destin. Il travaillerait. Il consommerait sans plus rêver ses noces avec son épouse implacable, la solitude.*” (TOURNIER, 1972, p. 42).

basicamente com madeira, pedras, palha e argila na entrada de uma gruta: “Robinson apenas recuperaria plenamente sua humanidade ao se dotar de um abrigo que fosse outra coisa além do fundo de uma gruta ou uma cobertura de folhas.”¹⁰ (TOURNIER, 1972, p. 65, tradução nossa).

Junto à tarefa de administrar a ilha, Robinson inicia a escritura de um diário, ou *log-book*, como é nomeado na obra. O diário registra a evolução interior da personagem e é repleto de reflexões filosóficas.

Robinson estabelece ainda leis que irão reger seu comportamento e trabalha para impor uma “organização frenética da ilha”. Entre as novas regras consta a proibição de se entregar à tentação de chafurdar na lama, símbolo para ele de derrota na luta pela não-desumanização. Mas, ao mesmo tempo, em determinadas situações, entrega-se a experiências completamente diversas das até então conhecidas. São momentos de completo alheamento às obrigações e de fusão com os elementos da ilha, experiências de ordem sexual e/ou metafísica. Uma fuga da ordem administrativa estabelecida.

É impossível determinar depois de quanto tempo de completo isolamento Vendredi chega à ilha. Um dia, enquanto Robinson observa os selvagens realizarem rituais de sacrifício e canibalismo, o araucano Vendredi salva-se da morte e o acaso faz Robinson acolhê-lo. Ao contrário do protagonista de Defoe, Robinson em momento algum alimentara o desejo de salvar a vida de Vendredi para tê-lo junto de si, mas assim como o primeiro, tentará fazer do selvagem um indivíduo “civilizado”, religioso e servil. E, embora, a princípio, o indígena sujeite-se e cumpra todas as ordens sem reclamar, Robinson percebe logo algo de perturbador no seu comportamento, exteriorizado, principalmente, por um “riso devastador”.

Certo dia, Vendredi acorda e percebe a ausência de seu senhor, entregue a uma de suas experiências transcendentais com a ilha. Sentindo-se livre para agir como bem lhe aprouver, Vendredi começa a vagar pela ilha realizando os mais absurdos empreendimentos. Uma de suas artes acaba por destruir um arrozal cultivado com muito esforço por Robinson. Depois disso, não volta para casa, entregue às suas renações. Robinson sai à sua procura, movido pela curiosidade, pelo remorso e pela tristeza que toma conta do cão Tenn, companheiro inseparável de Vendredi. Irá encontrá-lo dias depois dissimulado em meio a folhagens e heras. O episódio conscientiza Robinson sobre a existência de uma vida e de uma personalidade do araucano as quais ele desconhecia.

¹⁰ “Robinson ne devait recouvrer pleinement son humanité qu’en se donnant un abri qui soit autre chose que le fond d’une grotte ou un auvent de feuilles.” (TOURNIER, 1972, p. 65).

Depois desse e de outros desentendimentos entre senhor e escravo, a vida acaba por retomar sua rotina monótona até o momento da grande reviravolta, inversora do sentido da ação e da situação das personagens. Vendredi causa acidentalmente a explosão da casa de Robinson e da gruta, depósito de todos os seus bens. E, “a liberdade de Vendredi – na qual Robinson começou a iniciar-se nos dias seguintes – não era apenas a negação da ordem extinta da superfície da ilha pela explosão.”¹¹ (TOURNIER, 1972, p. 190, tradução nossa).

Juntos, a antiga relação hierarquizada entre Robinson e Vendredi é abolida. Robinson passa a fazer coisas consideradas em outros tempos incompatíveis com sua dignidade de homem civilizado. Jogos e exercícios aprendidos com o selvagem, como, por exemplo, andar apoiado nas mãos.

A mudança culmina na modificação interior de Robinson, que o leva a dispensar a oportunidade de voltar à civilização, quando o navio *Whitebird* ancora na ilha. Após conhecer a tripulação e ter contato com homens “civilizados”, Robinson decide continuar na ilha com Vendredi, decepcionado com a mesquinhez do homem moderno, retrato do que ele fora um dia.

Ao acordar, no dia seguinte à visita do *Whitebird*, descobre a partida de Vendredi. Desesperado, ele deseja morrer dentro dos escombros da gruta. A ponto de entrar nela, uma criança sai do buraco: é o grumete do navio, que, atraído pela bondade do olhar de Robinson, fugiu para permanecer ao seu lado. Robinson guia-o em direção a um ponto alto da ilha, e no momento em que nasce um novo dia e afasta-se o navio, ele batiza-o com um novo nome (MERLLIÉ, 1988).

2.2 Espaço

Para escrever as aventuras de Robinson Crusoe, Daniel Defoe inspirou-se em um acontecimento real. O marinheiro escocês Alexander Selkirk, tendo desembarcado numa ilha do Pacífico Sul, chamada Más a Tierra¹², no arquipélago Juan Fernández, na costa chilena, devido a desentendimentos com o capitão de seu navio, lá permaneceu em completo isolamento até ser resgatado, quatro anos mais tarde, por um navio inglês.

¹¹ “*la liberté de Vendredi – à laquelle Robinson commença à s’initier les jours suivants – n’était pas que la négation de l’ordre effacé de la surface de l’île par l’explosion.*” (TOURNIER, 1972, p. 190).

¹² Atualmente, a ilha chama-se Robinson Crusoe.

Mesmo inspirado por esse *fait divers*, Defoe não se manteve fiel em localizar suas aventuras na ilha onde esteve realmente Selkirk.

Em Defoe, a ilha da qual Robinson se torna senhor situa-se no Caribe, conforme se pode inferir pelo título do livro (ver nota 1) e pelo trecho a seguir: “mais tarde percebi que era derivado ao fluxo e refluxo do poderoso rio Orenoco, na boca de cujo golfo se situava a ilha, e a terra que eu avistava a oeste e noroeste era a ilha de Trindade, no extremo norte da foz do rio.” (DEFOE, 1975, p. 206).

A escolha de Defoe por mudar o local original da aventura de Selkirk pode estar relacionada ao exotismo exercido pelo Caribe no imaginário europeu e, também, por ter tomado o Brasil como ponto de partida do herói em direção à África. Não seria muito aceitável o fato de um navio saído do nordeste brasileiro em direção ao leste, ser arrastado para o Pacífico, nas costas do Chile, por uma tempestade, por mais violenta que fosse.

A ilha deve adaptar-se para proporcionar o bem estar de Crusoe. Ali, ele explora a maior quantidade de recursos possíveis. O interesse pela ilha dirige-se sempre no sentido de conhecê-la melhor para dela retirar o máximo de proveito material possível.

Ele a nomeia a “ilha do Desespero”, um lugar de aprisionamento. Ao sair dali, declara ter sido resgatado de um “cativeiro”.

Uma das únicas vezes em que Robinson expressa algum tipo de encantamento em relação à ilha é ao chegar a um vale, durante suas explorações da região. Rico em frutas, árvores, água e mais seguro contra tempestades, aquele seria um lugar melhor para estabelecer sua morada. Porém, devido à distância da costa, Robinson prevê diminuída sua possibilidade de resgate e desiste da mudança. Em outra ocasião, ao se afastar de barco da costa insular, acaba pego por uma corrente marítima e teme não conseguir voltar à ilha. Defrontado então entre a ilha ou a morte, ele diz: “é difícil imaginar a consternação que sentia, afastado como fora da minha querida ilha (**pois assim me parecia agora**)” (DEFOE, 1975, p. 139, grifo nosso).

Mas, nada na ilha é para ele mais confortável e aconchegante do que a sua tenda construída como morada. Ali confecciona móveis, cria animais domésticos e deposita seus bens. O único lugar que realmente o conforta na ilha, mesmo com todas as belezas naturais ao redor, é o mais próximo daquilo que se pode chamar de civilizado.

Sob outra perspectiva, entretanto, a ilha é uma “dádiva” para Crusoe. Na linha de pensamento do homem burguês capitalista, a ilha é a possibilidade de desenvolver individualmente todas as suas atividades, mas ao mesmo tempo desfrutar “sozinho dos

benefícios do seu trabalho.” (WATT, 1997, p. 171). Tanto que, durante o período que ali esteve, Crusoe viveu com fartura e conseguiu acumular uma certa quantidade de bens.

A ilha é, portanto, vista por Crusoe, apenas em um sentido utilitarista, como fonte de exploração, mesmo depois de sua saída de lá, quando a constitui sua colônia.

Tournier transfere o local das aventuras para mais próximo à ilha do real desembarque do marinheiro escocês. Porém, também não localiza as aventuras na ilha Más a Tierra especificamente, mas sim em algum lugar próximo dali.

Robinson embarca no navio *Virginie* em Lima, já próximo das ilhas em questão. Entretanto, logo após a chegada à ilha constata a falta de qualquer menção nos mapas, é uma ilha desconhecida.

Já que esta terra não era a ilha Más a Tierra, deveria se tratar de uma ilhota que os mapas não mencionavam, situada em alguma parte entre a grande ilha e a costa chilena. A oeste o arquipélago Juan Fernández, a leste o continente sul-americano encontravam-se a distâncias impossíveis de determinar¹³ (TOURNIER, 1972, p. 18-19, tradução nossa).

É importante recordar que as aventuras escritas por Tournier passam-se exatamente um século depois daquelas de Defoe. Em 1759, a ilha Más a Tierra era um local conhecido e habitado. A opção de Tournier por transferir o local das aventuras para um sítio desconhecido pode ser justificada por este fato. A informação que, provavelmente, é desconhecida pela maior parte dos leitores de Tournier, é dada pelo próprio autor através das explicações de seu narrador.

Assim que a tempestade se formara, a galeota do capitão Van Deyssel devia se encontrar – não ao norte, como ele acreditara – mas a nordeste do arquipélago Juan Fernández. Desde então, o navio, fugindo sob o vento, devia ter sido atirado sobre as aterragens da ilha Más a Tierra, em vez de derivar livremente no vazio marinho de cento e setenta milhas que se estende entre esta ilha e a costa chilena. Tal era ao menos a hipótese menos desfavorável a Robinson, já que Más a Tierra, descrita por William Dampier, nutria uma população de origem espanhola, muito espalhada, é verdade,

¹³ *Puisque cette terre n'était pas l'île Mas a Tierra, il devait s'agir d'un îlot que les cartes ne mentionnaient pas, situé quelque part entre la grande île et la côte chilienne. A l'ouest l'archipel Juan Fernández, à l'est le continent sud-américain se trouvaient à des distances impossibles à déterminer*” (TOURNIER, 1972, p. 18-19).

sobre noventa e cinco quilômetros quadrados de florestas tropicais e de pradarias.¹⁴ (TOURNIER, 1972, p. 15-16, tradução nossa).

Willian Dampier, de fato, existiu e descreveu os locais por onde passou. Considerando-se o rigor documental a que Tournier submete seus trabalhos¹⁵, mesmo imbuídos de grande teor mitológico, ele opta por não apenas realocar as aventuras de Robinson, como também explicar o motivo da mudança ao leitor.

Ao mesmo tempo, a ilha desconhecida permite ampliar a atmosfera de suspense em torno dos acontecimentos. Crusoe sai de um mundo conhecido para um lugar do qual nunca ouvira falar, completamente estranho para ele. Localizar a ilha em um lugar onde não existe realmente nada mencionado nos mapas dá margem ao leitor para questionar-se quanto à existência real desse lugar. Crusoe não está em tal ou tal ilha, ele encontra-se nos limbos do Pacífico. Ou seja, um lugar de indefinição, de transição. Segundo Bouloumié (1988, p. 32, tradução nossa), a denominação “os limbos do Pacífico” sublinha aquilo que este lugar tem de irreal, fora do mundo”¹⁶. Portanto, há certo mistério envolvendo a ilha de Tournier. Será que essa ilha existe realmente? Ou é um lugar mágico? Robinson poderia muito bem não ter se salvado verdadeiramente do naufrágio e estar suspenso em uma existência além da vida e da morte, rumo à qual parece ser conduzida sua evolução.

O espaço mágico, indefinido, misterioso, evocado já no título da obra, dota cada local descrito da ilha de uma atmosfera simbólica e mítica, essencial para a evolução da personagem. Em Tournier, mesmo a gruta que se localiza por detrás da casa, ícone de sua civilidade, exerce um papel, se não totalmente contrário ao de humanização, ao menos, paradoxal. Depois da descoberta de uma estreita passagem por onde pode escorregar e se acomodar em posição fetal, Robinson entrega-se, em algumas ocasiões, a uma experiência que o imbuí de uma essência anterior à constituição de si próprio como indivíduo humano, em

¹⁴ “*Lorsque la tempête s’était levée, la galiote du capitaine Van Deyssel devait se trouver – non pas au nord, comme il l’avait cru – mais au nord-est de l’archipel Juan Fernández. Dès lors, le navire, fuyant sous le vent, avait dû être chassé sur les atterrages de l’île Mas a Tierra, au lieu de dériver librement dans le vide marin de cent soixante-dix milles qui s’étend entre cette île et la côte chilienne. Telle était du moins l’hypothèse la moins défavorable à Robinson, puisque Mas a Tierra, décrite par William Dampier, nourrissait une population d’origine espagnole, assez clairsemée, il est vrai, sur de quatre-vingt-quinze kilomètres carrés de forêts tropicales et de prairies*” (TOURNIER, 1972, p. 15-16).

¹⁵ Por seu gosto da descrição rigorosa, minuciosa da realidade, Tournier admite se ligar aos escritores do século XIX. Para elaborar suas obras, ele viaja, conduz investigações pessoais e, sobretudo, faz uso de documento, enciclopédias ou obras especializadas, que ele em geral não conserva, uma vez seu próprio trabalho terminado (MERLLIÉ, 1988, p. 254, tradução nossa).

¹⁶ “*‘les limbes du Pacifique’ souligne ce que ce lieu a d’irréel, hors du monde*” (BOULOUMIÉ, 1988, p. 32).

uma relação que ultrapassa a simbologia da relação entre a mãe e o seu feto e implica numa integração total de Crusoe com a ilha. Naquela posição, naquele momento, ele não é um indivíduo independente, mas se sente como um dos elementos componentes da ilha.

A relação com a ilha passa por vários estágios, paralelos à evolução da personagem. Ela representa muito mais do que uma fonte de recursos materiais. Num primeiro momento, ao se dar conta de que aquela ilha não era a conhecida Más a Tierra, mas um lugar perdido no oceano Pacífico, Robinson enxerga a ilha como um espaço de infelicidade e tristeza. “Já que esta não é Más a Tierra, ele disse simplesmente, é a ilha da Desolação.”¹⁷ (TOURNIER, 1972, p. 18, tradução nossa). Mas, quando consegue entrever a possibilidade de permanecer na ilha, ele a rebatiza como Speranza. O nome certamente faz referência ao sentimento pelo qual o coração de Robinson é arrebatado, naquele momento; mas, por outro lado, empresta um caráter mais humano à ilha, destacado pelo trecho seguinte:

Ele decidiu que a ilha se chamaria daí em diante Speranza, nome melodioso e ensolarado que evocava além disso a mais profana recordação de uma ardente italiana que ele conhecera antigamente quando era estudante na universidade de York. [...] Além disso, parecia a ele, olhando de determinada maneira o mapa da ilha que ele desenhara aproximadamente, que ela podia figurar o perfil de um corpo feminino sem cabeça, uma mulher, sim, sentada, as pernas dobradas sob ela, numa atitude em que não se teria podido distinguir o que havia de submissão, de medo ou de simples abandono.¹⁸ (TOURNIER, 1972, p. 45-46, tradução nossa).

A ilha, para Robinson, assume, a partir de então, uma personalidade feminina, “ligada aos valores de refúgio e de intimidade”¹⁹ (BOULOUMIÉ, 1988, p. 32, tradução nossa) com a qual ele estabelecerá uma relação de sensualidade. Essa personalidade da ilha acaba não se definindo entre as figuras de mãe ou de esposa. Mas, certamente, para Robinson, tem personalidade humana.

¹⁷ “Puisque ce n’est pas Mas a Tierra, dit-il simplement, c’est l’île de la Désolation” (TOURNIER, 1972, p. 18).

¹⁸ “il décida que l’île s’appellerait désormais Speranza, nom mélodieux et ensoleillé qui évoquait en outre le très profane souvenir d’une ardente Italienne qu’il avait connue jadis quand il était étudiant à l’université d’York. [...] Il lui semblait d’ailleurs, en regardant d’une certaine façon la carte de l’île qu’il avait dessinée approximativement, qu’elle pouvait figurer le profil d’un corps féminin sans tête, une femme, oui, assise, les jambes repliées sous elle, dans une attitude où l’on n’aurait pu démêler ce qu’il y avait de soumission, de peur ou de simple abandon.” (TOURNIER, 1972, p. 45-46).

¹⁹ “liée aux valeurs de refuge et d’intimité” (BOULOUMIÉ, 1988, p. 32).

A proximidade faz com que Robinson, em determinada altura não distinga mais entre si mesmo e a ilha, como acontece nos momentos de refúgio na concavidade da gruta. O encanto dessa fusão vivenciada com Speranza só se quebra após a chegada de Vendredi e a instauração de uma nova ordem na ilha.

A descrição do espaço sai do âmbito telúrico e aderirá a um caráter mais aéreo. Os espaços predominantes deixam de ser a terra, a lama, a gruta, a combe e passam a ser o topo das árvores, o alto de uma colina e o próprio céu. O espaço se amplia, como se o próprio Crusoe saísse de uma densa floresta e passasse para um campo a céu aberto.

A caracterização tão particular da ilha deve-se, nesse caso, à estreita ligação do romance com a mitologia. O espaço da ilha deve representar um espaço primordial, ou seja, um espaço com potencial para dar **origem** às coisas. Um espaço indefinido entre céu e terra, animal e vegetal, onde todas as formas são híbridas. Speranza é o local ideal para que Crusoe possa retornar ao momento da criação e renascer, é um lugar que não sofreu a influência da história.

Nos romances de Michel Tournier, o espaço mítico é, pois, espaço virgem, evocador do mundo da gênese: onde os elementos estão ainda misturados, o homem e o mundo fazem um só. É também um espaço dotado de vida e de alma. [...] Espaço edênico ou infernal, ele prepara o herói, no curso de sua viagem iniciática, para receber uma revelação.²⁰ (BOULOUMIÉ, 1988, p. 39, tradução nossa).

Por outro lado, há uma preocupação da parte do autor com o realismo do espaço que descreve. Postas de lado, todas as indagações sobre a existência real ou não desta ilha ou de características que lhe permitem estar envolvida por uma atmosfera mítica, sua descrição é bastante minuciosa e detalhada, em Tournier tanto como em Defoe – característica habitual das narrativas realistas.

Se o espaço é dotado de uma aura fantástica isso se deve mais ao caráter excepcional exercido por qualquer ilha no imaginário popular e aos acontecimentos, esses sim surpreendentes, que sucedem a Robinson.

²⁰ “Dans les romans de Michel Tournier, l’espace mythique est donc espace vierge, évocateur du monde de la genèse : les éléments y sont encore mêlés, l’homme et le monde n’y font qu’un. C’est aussi un espace doué de vie et d’âme. [...] Espace édénique ou infernal, il prépare le héros, au cours de son voyage initiatique, à recevoir une révélation.” (BOULOUMIÉ, 1988, p. 39).

2.3 Tempo

Defoe inicia a história de Robinson Crusoe a partir de seu nascimento, em 1632, mas a narrativa apenas toma corpo – pois até então fora uma breve descrição das relações de Robinson com sua família – quando a personagem tem já 19 anos, em 1651, e realiza sua primeira viagem. O naufrágio que condena Robinson ao isolamento ocorre no dia 30 de setembro de 1659 e o resgate dá-se a 15 de dezembro de 1686. Depois a narrativa prossegue até cerca de 1694 contando o sucesso de Robinson no seu retorno à civilização.

Na história de Tournier não há antes e depois da ilha – mesmo porque Robinson não será resgatado. A narração se limita ao período de tempo decorrido desde a chegada de Robinson em Speranza até o encontro com Jaan, o pequeno grumete do Whitebird. As informações obtidas sobre o passado de Robinson têm como fonte apenas algumas poucas palavras do capitão Van Deysse, ainda no prefácio, e esparsas referências bastante subjetivas do próprio Robinson. O naufrágio ocorre também, no dia 30 de setembro, mas no ano de 1759 e o navio que poderia resgatá-lo aporta na ilha em 19 de dezembro de 1787. A narração se encerra no dia seguinte.

Há, portanto, um século que se interpõe na cronologia das narrativas. Segundo Maillard (1993, p. 101, tradução nossa), a mudança proposta por Tournier tem um motivo claro, pois agora “Robinson é verdadeiramente um homem do século XVIII, um homem da era industrial. O conflito entre o mundo civilizado e o mundo selvagem será bem mais estarrecedor.”²¹

A chegada do Whitebird, além disso, acontece em 1787 e, não em 1786, como seria de se supor para estabelecer também entre as datas um século de distância. Watt (1997) supõe que essa discrepância é a forma encontrada por Tournier para corrigir um erro de cálculo feito por Defoe: ele afirma que Robinson passou vinte e oito anos, dois meses e dezenove dias na ilha, mas na verdade, pelas datas escolhidas pelo autor, o período transcorrido é de vinte sete anos, dois meses e dezenove dias.

Singular também é a maneira como a passagem do tempo é encarada na obra de Tournier. O primeiro Robinson estabelece uma contagem exata do decorrer dos anos, desde a sua chegada à ilha. Quando é resgatado percebe um erro de apenas um dia no seu cálculo do tempo transcorrido. O erro, e ele mesmo está ciente disso, deve-se a uma ocasião de

²¹ “Robinson est bel et bien un homme du XVIII^e siècle, un homme de l’ère industrielle. Le conflit entre le monde civilisé et le monde sauvage n’en sera que plus frappant.” (MAILLARD, 1993, p. 101).

adoecimento; após tomar uma infusão de folhas de tabaco, passa um dia e duas noites dormindo, tendo perdido então um dia no seu calendário.

Para o Robinson de Michel Tournier, a contagem do tempo é bastante irregular. Muito perturbado no momento da chegada à ilha, ele não se preocupa em contar o tempo, acredita na possibilidade do resgate em poucos dias. Quando resolve começar a fazer uma contagem, já se passou um certo período impossível de ser determinado.

Ele negligenciava tomar nota dos dias que passavam. Saberia da boca de seus salvadores quanto tempo se passara desde o naufrágio da Virginie. Assim não soube nunca precisamente ao fim de quantos dias, semanas ou meses, sua inatividade e sua vigilância passiva do horizonte começaram a lhe pesar.²² (TOURNIER, 1972, p. 22, tradução nossa).

Na verdade, a evolução sofrida por Robinson ao longo de toda a obra o encaminha para uma abolição do tempo cronológico e essa necessidade “civilizada” de localizar os acontecimentos em um dia, mês e ano passará a ser insignificante para o herói. Desde o começo de sua permanência na ilha o narrador já nos alerta sobre o fato. “Robinson encontrava-se alijado do calendário dos homens, como ele estava separado deles pelas águas, e reduzido a viver em uma ilhota de tempo, como em uma ilha no espaço.”²³ (TOURNIER, 1972, p. 45, tradução nossa).

Ao iniciar sua contagem do tempo, Robinson não se preocupa em estabelecer uma data, que seria, logicamente, arbitrária. Apenas o narrador em terceira pessoa, vez por outra dá algumas referências de passagem do tempo, localizando um acontecimento “três dias depois” ou “meses depois”.

A sua organização é restrita à divisão dos dias da semana – “porque era terça-feira – assim o determinava seu emprego do tempo...”²⁴ (TOURNIER, 1972, p. 55, tradução nossa) – e das horas do dia, a fim de manter a organização temporal de suas atividades, dotadas de uma regularidade não apenas quanto ao horário, mas também hebdomadária. A medição das horas

²² “*Il négligeait de tenir le compte des jours qui passaient. Il apprendrait bien de la bouche de ses sauveteurs combien de temps s’était écoulé depuis le naufrage de la Virginie. Ainsi ne sut-il jamais précisément au bout de combien de jours, de semaines ou de mois, son inactivité et sa surveillance passive de l’horizon commencèrent à lui peser.*” (TOURNIER, 1972, p. 22).

²³ “*Robinson se trouvait coupé du calendrier des hommes, comme il était séparé d’eux par les eaux, et réduit à vivre sur un îlot de temps, comme sur une île dans l’espace.*” (TOURNIER, 1972, p. 45).

²⁴ “*parce que c’était mardi – ainsi le voulait son emploi du temps...*” (TOURNIER, 1972, p. 55).

do dia, aliás, é mais um dos avanços em relação ao Robinson de Defoe. O primeiro Crusoe tinha total controle sobre a data, mas apenas podia estabelecer a hora pela observação do sol. Na sua busca obsessiva por aproximar-se do que ele considera mais humano, a civilização, o Robinson de Tournier constrói uma clepsidra:

Era simplesmente um garrafão de vidro transparente cujo fundo ele havia perfurado com um pequeno buraco por onde a água vazava gota à gota em uma bacia de cobre colocada no chão. O garrafão levava exatamente vinte e quatro horas para se esvaziar na bacia, e Robinson riscara seus flancos com vinte quatro círculos paralelos marcados cada um com um algarismo romano. Assim o nível do líquido dava a hora a todo o momento.²⁵ (TOURNIER, 1972, p. 66, tradução nossa).

Desse modo, ele tem a possibilidade de saber as horas enquanto está dentro da gruta ou mesmo durante a noite. “Três horas da manhã. Luminosa insônia”²⁶ (TOURNIER, 1972, p. 84, tradução nossa).

Mas um dia, depois de esquecer-se de recompor a água do relógio à noite, Robinson sente-se envolvido por um grande bem-estar, revelador de uma “outra ilha”. A parada da clepsidra implicava também uma interrupção de suas obrigações. Após tal descoberta, em determinadas ocasiões, ele entrega-se a outras experiências na ilha, que não envolvem a disciplina rígida do trabalho ou das cerimônias religiosas e legislativas: “A partir daí, ele recorreu frequentemente à parada da clepsidra para entregar-se a experiências que libertariam talvez um dia o Robinson novo da crisálida onde ele dormia ainda.”²⁷ (TOURNIER, 1972, p. 94, tradução nossa).

A preocupação com a contagem do tempo é totalmente abolida após a explosão da gruta. A partir daí, ele é medido pelas sensações. A percepção do tempo é subjetiva. Para Robinson, ele não passa mais. Não há uma sucessão dos dias, mas uma repetição infinita do mesmo instante. A história ganha uma nova dimensão fora do tempo e instala-se completamente no mito. Para o homem primitivo, grandes acontecimentos deveriam repetir o

²⁵ “C’était simplement une bonbonne de verre transparent dont il avait percé le cul d’un petit trou par où l’eau fuyait goutte à goutte dans un bac de cuivre posé sur le sol. La bonbonne mettait exactemet vingt-quatre heures à se vider dans le bac, et Robinson avait strié ses flancs de vingt-quatre cercles parallèles marqués chacun d’un chiffre romain, ainsi le niveau du liquide donnait l’heure à tout moment.” (TOURNIER, 1972, p. 66).

²⁶ “Trois heures du matin. Lumineuse insomnie” (TOURNIER, 1972, p. 84).

²⁷ “Désormais il recourut souvent à l’arrêt de la clepsidre pour se livrer à des expériences qui dégageraient peut-être un jour le Robinson nouveau de la chrysalide où il dormait encore.” (TOURNIER, 1972, p. 94).

seu momento primordial, através de um retorno no tempo “porque é sempre através de um retorno simbólico ao instante atemporal da plenitude primordial que se espera pela garantia da perfeita realização de cada uma dessas situações.” (ELIADE, 1992, p. 75). Dessa forma, se Robinson está vivendo a situação de eterno retorno, todas as suas ações e todos os acontecimentos da ilha tendem para a garantia de plena e perfeita realização.

Desde que a explosão destruiu o mastro-calendário, eu não senti necessidade de manter a contagem de meu tempo. A lembrança daquele acidente memorável e de tudo aquilo que o preparou permanece em meu espírito com uma vivacidade e um frescor inalteráveis, prova suplementar de que o tempo se congelou no momento em que a clepsidra voava em pedaços. Desde então não será na eternidade que estamos instalados, Vendredi e eu?²⁸ (TOURNIER, 1972, p. 219, tradução nossa).

A única percepção temporal é a diferença entre dias e noites, mas sem que isso dê a noção exata da passagem do tempo ao personagem, pois ele parece “reviver sem cessar o mesmo dia”²⁹ (TOURNIER, 1972, p. 219, tradução nossa).

A instauração do tempo cíclico aproxima Robinson de uma existência similar à dos deuses ou dos heróis míticos, instalados na eternidade. Segundo Bouloumié (1988, p. 243, tradução nossa), “redescobrimo o tempo cíclico, invertendo o curso do tempo, o herói do romance mitológico, como aquele da epopeia, obtém o segredo da imortalidade.”³⁰

A história tem também aspectos comuns às narrativas utópicas, pois propõe uma realidade direcionada à perfeição e uma ruptura com o restante da sociedade. A utopia, o não-lugar, é diferente daquele em que vivemos, seja pela organização social, pelas relações interpessoais ou pelo cotidiano incomum. Os três aspectos mesclam-se na trajetória de Robinson. O tempo na ilha de Crusoe é imbuído de uma outra dimensão, capaz de dotá-lo de capacidades sobre-humanas. Na ilha, Robinson não envelhece e tem um vigor físico superior ao que ele possuía na própria juventude. Segundo Maillard (1993, p. 90, grifo do autor,

²⁸ “*Depuis que l’explosion a détruit le mât-calendrier, je n’ai pas éprouvé le besoin de tenir le compte de mon temps. Le souvenir de cet accident mémorable et de tout ce qui l’a préparé demeure dans mon esprit avec une vivacité et une fraîcheur inaltérables, preuve supplémentaire que le temps s’est figé au moment où la clepsydre volait en éclats. Dès lors n’est-ce pas dans l’éternité que nous sommes installés, Vendredi et moi?*” (TOURNIER, 1972, p. 219).

²⁹ “*revivre sans cesse la même journée*” (TOURNIER, 1972, p. 219).

³⁰ “*En redécouvrant le temps cyclique, en inversant le cours du temps, le héros du roman mythologique, comme celui de l’épopée, obtient le secret de l’immortalité.*” (BOULOUMIÉ, 1988, p. 243).

tradução nossa) “essa utopia é também aquilo que poderia ser chamado uma ‘**ucronia**’, a ‘negação do tempo’, porque este não é mais medido.”³¹

2.4 Personagens: Sexta-Feira

Ele era um indivíduo com bom aspecto bem constituído com membros fortes, mas não muito largo, alto e bem torneado, e calculo que com cerca de vinte e seis anos. Tinha bom aspecto, nem feroz nem grosseiro, parecendo possuir qualquer coisa de varonil na cara, se bem que tivesse também a doçura e a suavidade de um europeu, principalmente quando sorria. O seu cabelo era preto e grande, mas não era encaracolado como lã; tinha a testa alta e larga e um brilho inteligente e vivo nos olhos. A cor da pele não era preta, mas muito morena, mas não daquele horrível pardo dos Brasileiros e Virginianos e outros nativos da América; tinha uma cor semelhante à de uma azeitona castanho-escura e brilhante, que tinha algo de muito agradável, mas não era fácil descrever. A cara era redonda e rechonchuda, um nariz pequeno e não achatado, como o dos negros, uma boa boca, de lábios finos, e os dentes pequenos, bem colocados, tão brancos como o marfim. (DEFOE, 1975, p. 197).

A descrição física de Vendredi em Daniel Defoe é detalhada nesse longo trecho e ao mesmo tempo em que dá a ideia exata da aparência do indígena, revela o preconceito de Robinson Crusoe (e, de modo geral, dos europeus, na época) em relação aos negros. Robinson alegra-se e vê certa beleza em Sexta-Feira, percebendo semelhança com os europeus e mais que isso, nenhum traço da raça negra, nem na cor da pele – como tem a maior parte do povo brasileiro e de outros nativos da América, uma mistura de brancos, índios e negros –, nem os cabelos enrolados ou os maxilares fortes ou o nariz achatado ou os lábios grossos dos negros. E, apesar de todas essas “vantagens”, Robinson o considera sempre como inferior, um criado, por sua origem indígena.

A insignificância de Sexta-Feira para o desenvolvimento narrativo na obra de Defoe é evidente. É um selvagem que aceita as imposições de civilidade que Robinson lhe impõe praticamente sem questionar. Num passe de mágica, ele abandona as práticas de sua cultura e adota as de Robinson como verdades irrefutáveis. Sua aparição concorre, na verdade, mais para permitir a Robinson maior êxito em suas realizações do que para acrescentar uma

³¹ “cette utopie est aussi ce qui pourrait être appelé une ‘**ucronie**’, la ‘négation du temps’, parce que celui-ci n’est plus mesuré.” (MAILLARD, 1993, p. 90, grifo do autor).

personagem nova à narrativa, já que Sexta-Feira não tem individualidade explícita. Além disso, a colonização e a exploração dos povos “subdesenvolvidos” condiz perfeitamente com a mentalidade escravocrata da sociedade do período.

Só é possível descrever Sexta-Feira fisicamente, quase nada se pode depreender de seus sentimentos, de suas paixões, a não ser seu amor incondicional por Robinson. O sentimento de gratidão por Robinson ter-lhe salvado a vida é suplantado por uma escravidão consentida. O único papel a ele concedido é o de “criado”. Robinson trata Sexta-Feira como uma folha de papel em branco, na qual é preciso tudo imprimir. A cultura do indígena não provoca em Robinson qualquer tipo de curiosidade, apenas a repugnância por seus hábitos canibais. O “selvagem” é um criado que surge providencialmente no momento em que Robinson se sente mais afligido pela solidão. Além disso, mesmo que Robinson tenha feito de Sexta-Feira “um bom cristão” nunca demonstra considerá-lo seu igual. De volta à Europa, Robinson leva Sexta-Feira que o acompanhou “sempre em todas estas deslocções e mostrou-se sempre um criado fiel.” (DEFOE, 1975, p. 264). O valor atribuído a Sexta-Feira é o mesmo dispensado à ilha, ou seja, uma fonte de exploração.

Sexta Feira é uma personagem totalmente desinteressante. Entretanto, está claro que a fraqueza da caracterização do criado de Robinson não representa uma falha na obra de Defoe, analisados os padrões de pensamento da época. Ao mostrar Sexta-Feira como um indivíduo medíocre, Defoe apenas reforça os preconceitos vigentes no século XVIII. Num período em que o racionalismo, a ciência e a tecnologia são características fundamentais para se pensar o homem moderno, não se podia considerar alguém vindo de uma sociedade primitiva, sem qualquer tecnologia, como portador de qualquer traço de humanidade ou autonomia. Além disso, o fato de toda a narração ser apresentada em primeira pessoa, deixa em desvantagem a preocupação em expor os aspectos ligados à interioridade de Sexta-Feira.

Em Tournier, acontece praticamente o oposto quanto à composição de Vendredi, tanto no que diz respeito ao físico, quanto à caracterização de sua personalidade.

Mesmo sem fazer uma descrição detalhada da personagem, Tournier deixa saber, através da introdução de observações em frases esparsas, sob a perspectiva, na maior parte das vezes preconceituosa, do olhar de Robinson, o evidente parentesco de Vendredi com negros: “Ao oposto dos índios que têm o pé pequeno e a panturrilha proeminente, Vendredi apresenta o pé comprido e a panturrilha pouco saliente, característica da raça negra.”³² (TOURNIER,

³² “*L’opposé des Indiens qui ont le pied petit et le mollet proéminent, Vendredi présente le pied long et le mollet effacé, caractéristique de la race noir.*” (TOURNIER, 1972, p. 216).

1972, p. 216, tradução nossa). Vendredi é um mestiço. “Um índio misturado com negro.”³³ (TOURNIER, 1972, 146, tradução nossa). E, mergulhado nos mesmos preconceitos do outro Robinson, mas agora confrontado com a situação de um selvagem que tem realmente traços da raça negra, a princípio, o protagonista de Tournier não consegue enxergar nenhuma beleza em Vendredi.

Apegado aos seus preconceitos, apenas uma mudança brusca no pensamento de Crusoe pode ensinar-lhe a enxergar em Vendredi algo além de sua inferioridade de raça. A metamorfose de Robinson acompanha-se de uma nova percepção do araucano. Uma percepção fragmentada, mas evoluída gradualmente.

Virando um pouco a cabeça para a esquerda, ele vê o perfil direito de Vendredi [...]. Robinson observa, como sob uma lupa, essa máscara de maxilar proeminente, um pouco bestial [...]. É então que ele nota nesta paisagem de carne sofrida e feia alguma coisa de brilhante, de puro e delicado: o olho de Vendredi. [...] Robinson está fascinado por esse órgão tão habilmente composto, tão perfeitamente novo e brilhante também. Como uma semelhante maravilha pode estar incorporada a um ser tão grosseiro, ingrato e vulgar?³⁴ (TOURNIER, 1972, p. 180-181, tradução nossa).

Só depois da explosão, depois de estabelecida uma nova ordem na ilha, Robinson passa a distinguir uma excepcional beleza em Vendredi: “Ele vai, portando sua carne com uma ostentação soberana, encaminhando-se para frente como um ostensório de carne. Beleza evidente, brutal, que parece criar o nada em seu entorno.”³⁵ (TOURNIER, 1972, p. 221, tradução nossa).

Além disso, Vendredi é bem mais jovem do que Sexta-Feira. É um adolescente: “Eu ficaria surpreso se ele tivesse mais do que quinze anos”³⁶ (TOURNIER, 1972, p. 147, tradução nossa). Esse detalhe não só justifica muito do comportamento do araucano, como também estabelece mais um dos paradoxos componentes da obra. A nova ordem em que

³³ “*Un Indien mâtiné de nègre!*” (TOURNIER, 1972, 146).

³⁴ “*En tournant un peu la tête à gauche, il voit le profil droit de Vendredi [...]. Robinson observe comme sous une loupe ce masque prognathe, un peu bestial [...]. C’est alors qu’il remarque dans ce paysage de chair souffrante et laide quelque chose de brillant, de pur et de délicat : l’œil de Vendredi. [...] Robinson est fasciné par cet organe si finement composé, si parfaitement neuf et brillant aussi. Comment une pareille merveille peut-elle être incorporée à un être aussi grossier, ingrat et vulgaire?*” (TOURNIER, 1972, p. 180-181).

³⁵ “*Il va, portant sa chair avec une ostentation souveraine, se portant en avant comme un ostensoir de chair. Beauté évidente, brutale, qui paraît faire le néant autour d’elle.*” (TOURNIER, 1972, p. 221).

³⁶ “*Mais je serais étonné qu’il ait plus de quinze ans*” (TOURNIER, 1972, p. 147).

Robinson se inicia, é uma ordem mais próxima do mundo infantil e fantasioso que do mundo adulto e racional do qual até então ele fazia parte.

A importância atribuída a Vendredi está explícita desde o título, que transfere de imediato a perspectiva do leitor para o indígena. E, mesmo que não seja prioritária a revelação da interioridade do araucano, a imagem sugerida da personagem é a de um indivíduo autossuficiente, autônomo e espiritualmente superior a Robinson. Enquanto, em muitos trechos, as atitudes de Robinson são apresentadas como manifestações ridículas de um ser humano fraco e ingênuo, com necessidade constante de autoafirmação, às vezes reforçadas por um toque de humor e ironia, Vendredi cativa o leitor com sua simplicidade e inocência em momento algum consideradas falhas de um caráter débil ou rude.

A narração da relação entre Vendredi e Robinson, assim que ele chega à ilha, deixa supor um selvagem submisso e sujeito a todos os caprichos de seu “senhor”. O narrador, extensão da voz do próprio Robinson, faz saber que ele é “de uma docilidade perfeita”³⁷ e que “pertence corpo e alma ao homem branco.”³⁸ (TOURNIER, 1972, p. 148, tradução nossa), mas essas observações se revelam, na verdade, uma grande ironia quando, logo no capítulo seguinte, Vendredi sai numa empreitada pela ilha acompanhado pelo cão Tenn, fazendo tudo o que tem vontade. Naquele momento, “ele era senhor de si, senhor da ilha.”³⁹ (TOURNIER, 1972, p. 157, tradução nossa). Esse episódio desmascara a impotência de Robinson em exercer qualquer influência sobre o araucano. As únicas vezes em que o europeu consegue inspirar algum respeito é fazendo uso da violência, o que só reforça o seu caráter cruel e ciumento.

Vendredi será o desencadeador de uma nova fase na vida de Robinson, assim como também os seus pontos de vista, o seu modo de viver, a sua identidade integrarão o padrão de comportamento na ilha depois da explosão acidental da gruta – reviravolta que marca uma nova etapa no desenvolvimento da narrativa. Ele é, realmente, dotado de um grande espírito, a ponto de Robinson imaginá-lo possuído.

Evidentemente ele me obedece pontualmente e é bastante estranho que eu me queixe disso. Mas há nessa submissão alguma coisa de perfeito demais, mesmo de mecânico, que me enregela – se não fosse este riso devastador que ele parece não poder reprimir em alguns casos e que se assemelha à

³⁷ “*d’une docilité parfaite*” (TOURNIER, 1972, p. 148).

³⁸ “*appartient corps et âme à l’homme blanc.*” (TOURNIER, 1972, p. 148).

³⁹ “*Il était maître de lui, maître de l’île.*” (TOURNIER, 1972, p. 157).

manifestação repentina de um diabo que estaria nele. Possuído. Sim, Vendredi esta possuído. E até duplamente possuído. Pois é preciso mesmo reconhecer que à parte suas explosões de riso diabólicas, sou eu inteiramente quem age e pensa nele.⁴⁰ (TOURNIER, 1972, p. 153-154, tradução nossa).

Vendredi parece já estar instalado no grau de evolução espiritual que só depois de anos na ilha Robinson alcançará e isso o torna bastante superior. Ele não tem as dúvidas e os medos que afligem Crusoe. Ele não se questiona, simplesmente age. A personagem Robinson só abandona sua condição mesquinha de humano racional depois que se inicia nos ensinamentos de Vendredi. O papel assumido por Vendredi assemelha-se, portanto, em alguns aspectos, àquele do iniciador, do mentor dos romances de formação.

Bouloumié (1991, p 27, tradução nossa) chama a atenção para a íntima relação que se estabelece entre as figuras do deus Dionísio e a do selvagem. “Como Dioniso, deus da libertação e da supressão das proibições, Vendredi libera Robinson de seus preconceitos e de suas inibições”⁴¹, destacando o papel altamente simbólico que a personagem tem na trajetória de evolução de Crusoe.

A seguir, destacam-se alguns aspectos da associação entre a personagem Vendredi e o deus grego Dioniso.

2.4.1 Vendredi x Dioniso

Entre as divindades do mundo grego, a figura de Dioniso é uma das que mais chama a atenção, hoje. Seu culto foi bastante difundido na época por trazer em si uma promessa de salvação, assim como o cristianismo.

O caráter fanfarrão e juvenil, a relação com o vinho e a loucura são todas características da figura do deus Baco que atraem a atenção de muita gente, estudiosos ou não do mundo helenístico.

⁴⁰ “*Evidemment il m’obéit au doigt et à l’oeil, et je suis bien étrange de m’en plaindre. Mais il y a dans cette soumission quelque chose de trop parfait, de mécanique même qui me glâce – si ce n’est hélas ce rire dévastateur qu’il paraît ne pas pouvoir réprimer dans certains cas, et qui ressemble à la manifestation soudaine d’un diable qui serait en lui. Possédé. Oui, Vendredi est possédé. Et même doublement possédé. Car il faut bien reconnaître qu’en dehors de ses éclats de rire diaboliques, c’est moi tout entier qui agit et pense en lui.*” (TOURNIER, 1972, p. 153-154).

⁴¹ “*comme Dionysos, dieu de l’affranchissement et de la suppression des interdits, Vendredi libère Robinson de ses préjugés et de ses inhibitions.*” (BOULOUMIÉ, 1991, p 27).

Consideradas tais singularidades, estabelecer-se-ão as principais semelhanças entre o deus e a personagem Vendredi. Essa aproximação entre as duas figuras foi percebida primeiramente por Arlette Bouloumié, estudiosa da obra do autor.

As características de Vendredi, “emprestadas” de Dioniso, reforçam o papel de iniciador exercido pela personagem e fundamentam muitas de suas atitudes. Assim, *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* deixa transparecer uma intertextualidade, às vezes óbvia, às vezes implícita, fruída em diferentes fontes, dentre as quais não poderia faltar a retomada de mitos da cultura grega.

2.4.1.1 O deus dos vegetais

Os estudiosos do deus Dioniso atribuem sua origem a alguns cultos de caráter vegetal, assinalando uma “passagem do culto aniconista da árvore a uma representação antropomórfica da divindade que se identifica com ou substitui a personalidade religiosa do vegetal.”⁴² (JEANMARIE, 1970, p. 12, tradução nossa). Esse tipo de aproximação de Dioniso ao mundo vegetal e, sobretudo, às espécies arborescentes persistirá em diversas formas que revestirão seu culto.

Essas observações permitem obter um elemento comum entre o deus e Vendredi. A identificação com as formas vegetais é evidente na própria nomeação do indígena. Ele é um araucano. Sua naturalidade é expressa por uma denominação que o liga a um tipo de árvore predominante na sua terra, a araucária.

No párodo das Bacantes o coro incita: “Coroai-vos de hera, ó *Tebas* que criaste Sêmele! Fazei germinar, fazei germinar o verde smílix de belos frutos. A dança báquica dança, com ramos de abeto, com ramos de pinho.” (EURÍPEDES, 1974, p. 16). Essa passagem reitera as afirmações dos estudiosos de Baco, que fazem referência, baseadas nas representações dos bacantes e do próprio deus. Nos cultos dionisiacos, as pessoas têm o costume de ornarem-se com plantas. Aqui, cabe lembrar o episódio em que Robinson encontra Vendredi enfiado em um maciço de magnólias.

⁴² “passage du culte aniconique de l’arbre à une représentation anthropomorphe de la divinité qui s’identifie ou se substitue à la personnalité religieuse du végétal” (JEANMARIE, 1970, p. 12).

O Araucano dissimulara sua cabeça sob um capacete de flores. Sobre todo seu corpo nu, ele desenhara com sumo de jenipapo folhas de hera cujos ramos subiam ao longo de suas coxas e enrolavam-se ao redor de seu torso. Assim metamorfoseado em homem planta, sacudido por um riso demente, ele rodeou Robinson com uma coreografia desvairada.⁴³ (TOURNIER, 1969, p. 164, tradução nossa).

Outro ponto interessante é o fato de Dioniso ser considerado um desses deuses que passam da morte à ressurreição. Em alguns cultos, uma árvore é derrubada significando, de modo bem grosseiro, a morte do deus para, dias depois, comemorarem sua ressurreição.

Ora, uma passagem da obra de Tournier em que se pode fazer uma comparação com esse costume é por ocasião da explosão da gruta. Não é de fato, nesse momento, que a ordem estabelecida por Robinson será aniquilada para ser substituída por uma ordem estabelecida por Vendredi? É coerente, então, que se interprete esse momento como uma morte ritual da antiga ordem que culminará na ressurreição de uma nova vida, dionisiaca. O que acontece por consequência da explosão é bastante simbólico. O grande cedro, ao pé do qual se situava a gruta, abalado pela explosão, cai. Para Robinson o cedro representava “o gênio tutelar de Speranza”.⁴⁴ A queda da árvore “acabava de romper os últimos laços que ligavam Robinson ao seu antigo fundamento.”⁴⁵ (TOURNIER, 1969, 190, tradução nossa).

2.4.1.2 O deus da música e da dança

A dança e a música são elementos marcantes no rito dionisiaco. Os seguidores de Baco, em geral tomados de transe, sempre presidiam seus encontros com cantos e danças, inspirados pelo deus ou em sua homenagem.

Vendredi também se relaciona com a dança. Essa relação é acentuada pela linguagem utilizada pelo autor para designar alguns de seus movimentos.

⁴³ “*L'Araucan avait dissimulé sa tête sous un casque de fleurs. Sur tout son corps nu, il avait dessiné avec du jus de génipapo des feuilles de lierre dont les rameaux montaient le long de ses cuisses et s'enroulaient autour de son torse. Ainsi métamorphosé en homme-plante, secoué d'un rire démentiel, il entoura Robinson d'une chorégraphie éperdue.*” (TOURNIER, 1969, p. 164).

⁴⁴ “*le génie tutélaire de Speranza*” (TOURNIER, 1969, 190, tradução nossa).

⁴⁵ “*achevait de rompre les derniers liens qui attachaient Robinson à son ancien fondement.*” (TOURNIER, 1969, 190, tradução nossa).

Quando Vendredi escapa em um passeio pela ilha, o autor descreve com as seguintes palavras o sentimento que toma conta do araucano: “Ele estava ébrio de juventude e de disponibilidade nesse meio sem limites onde **todos os movimentos eram possíveis**, onde nada fixava o olhar.”⁴⁶ (TOURNIER, 1969, p. 160, grifo nosso, tradução nossa). E, mais tarde, na cena da descoberta de Vendredi entre as folhas, Tournier utiliza a palavra “*choréographie*”. Em outros trechos, Robinson atribui “*grâce*” a Vendredi, explicando que usa a palavra nos dois sentidos: “aquele que se aplica ao dançarino e aquele que concerne ao santo.”⁴⁷ (TOURNIER, 1969, p. 217, tradução nossa) ou observa que Vendredi “esboça um passo de dança que faz cantar o equilíbrio dos graves e agudos de seu corpo”⁴⁸. (TOURNIER, 1969, p. 221-222, tradução nossa).

Um dos trabalhos realizados por Vendredi, em meio as suas longas horas de descanso é a confecção de um instrumento musical, denominado no livro como elementar, pois tem por executante o próprio vento. A descrição do efeito exercido na alma de Robinson e Vendredi pelo som realizado por esse instrumento lembra o sentimento contraditório próprio do estado dionisíaco, que é o esquecimento de si próprio em proveito de uma comunhão com os elementos. “Era uma nota única – mas rica de harmônicos infinitos – que encerrava na alma uma influência definitiva, m acordo formado de componentes incontáveis cuja potência tinha algo de fatal e de implacável que fascinava.”⁴⁹ (TOURNIER, 1969, p. 208-209, tradução nossa).

2.4.1.3 O deus das contradições

Dioniso é um deus de dupla feição, ao mesmo tempo portador de alegria e por outro lado, destruidor e cruel. Um dos episódios de *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique*, mostra com uma imagem chocante, a brutalidade associada à figura do indígena. A fim de retirar a

⁴⁶ “*Il était ivre de jeunesse et de disponibilité dans ce milieu sans limites où tous les mouvements étaient possibles, où rien n’arrêtait le regard.*” (TOURNIER, 1969, p. 160).

⁴⁷ “*celui qui s’applique au danseur et celui qui concerne le saint*” (TOURNIER, 1969, p. 217).

⁴⁸ “*esquisse un pas de danse qui fait chanter l’équilibre des pleins et des délies de son corps*” (TOURNIER, 1969, p. 221-222).

⁴⁹ “*C’était une note unique – mais riche d’harmoniques infinis – qui refermait sur l’âme une emprise définitive, un accord formé de composantes innombrables dont la puissance soutenue avait quelque chose de fatal et d’implacable qui fascinait.*” (TOURNIER, 1969, p. 208-209).

carcaça de uma tartaruga para servir como escudo, Vendredi submete-a a um “tratamento bárbaro”. Ele mantém sobre o fogo o animal vivo até que o seu casco comece a perder a curvatura e soltar-se da pele do animal.

Assim nos descreve Jeanmarie, alguns aspectos contraditórios do deus:

ele tinha afinidade com diversos aspectos fundamentais, ainda que parcialmente contraditórios, que a fisionomia do deus comporta e concilia. O deus da loucura histérica que, de resto, cura-se por esta catarse perfeita que é a fadiga dos músculos e a distensão do riso; - o deus dos diversos prestígios que decorrem de todas as formas de excitação frenética, - quer seja a dança, o vinho, o consumo do sangue quente, a exaltação coletiva pelo barulho, a música e o desencadeamento dos sentimentos apaixonados [...]; - o deus, em definitivo, de uma ordem de coisas e de uma visão do universo que são o mínimo possível ligadas à ordem social [...], mas que estão associadas intimamente aquilo que, no quadro das festas onde se manifesta sua presença, corresponde ao sentimento de evasão que exprime a alegria e que acompanha o sentimento, - ou a ilusão, - da abundância.⁵⁰ (JEANMARIE, 1970, p. 311-312, tradução nossa).

O primeiro ponto levantado por Jeanmarie no trecho acima é a loucura e o riso. Uma das maiores perturbações de Robinson referia-se ao riso de Vendredi. Para o hiperbóreo o riso era o efeito da possessão de Vendredi por um diabo. A suspeita de Robinson confirma a tese aqui desenvolvida de parentesco entre o indígena e o deus, já que uma das formas mais comuns de manifestação do deus é a possessão, caracterizada pela loucura e classificada como *manía* dionisíaca.

O canibalismo é um costume da comunidade da qual provém o indígena. Em cerimônias rituais, uma feiticeira, aparentemente sob a influência de um espírito, designa qual dos membros da tribo deverá ser sacrificado – diferentemente da primeira versão do mito, na qual os homens sacrificados e devorados pelos indígenas eram prisioneiros pertencentes a uma tribo inimiga e não integrantes da mesma comunidade. Da mesma forma, nos cultos dionisíacos, as vítimas sacrificadas, quando não eram animais, em geral, eram participantes

⁵⁰ “il avait affinité avec plusieurs des aspects fondamentaux, encore que partiellement contradictoires, que la physionomie du dieu comporte e concilie. Le dieu de la folie hystérique qui, du reste, en guérit par cette catharsis parfaite qu’est la fatigue des muscles et de le déchaînement du rire; - le dieu des prestiges divers qui découlent de toutes les formes d’excitation frénétique, - que ce soit la danse, le vin, la consommation du sang chaud, l’exaltation collective par le bruit, la musique et le déchaînement des sentiments passionnés [...]; - le dieu, en définitive, d’un ordre de choses et d’une vision de l’univers qui sont aussi peu attachés que possible à l’ordre social [...], mais qui sont associés intimement à ce qui, dans le cadre des fêtes où se manifeste sa présence, correspond au sentiment d’évasion qui en exprime la joie et qu’accompagne le sentiment, - ou l’illusion, - de l’abondance.” (JEANMARIE, 1970, p. 311-312).

do ritual ou pessoas próximas aos que desse participavam. Como exemplos que ilustram essa afirmação temos a morte de Penteu pelas mãos de sua própria mãe; ou, ainda, o que nos conta Marcel Detienne (1988, p. 78-79) sobre a congregação das Senhoras de Nantes, que dedicadas ao serviço do deus, uma vez por ano, segundo a vontade de Dioniso, trocam o telhado de seu santuário e, “a cada ano, sem exceção, há um acidente surpreendente”: uma das senhoras se desequilibra e cai, sendo, quase ao mesmo tempo rasgada, estraçalhada pelas outras; ou a lenda das três Miníades, na versão relatada por Plutarco, em que as irmãs tomadas pela *manía*,

são assaltadas pelo desejo de carne humana. Tiram a sorte para saber qual de seus filhos irá satisfazer esse desejo, e a mãe favorecida pela sorte delicia-se com a honra de oferecer ao deus sua própria carne habilmente dilacerada. Um assassinato sacrificial, realçado pelo desejo de devorar a vítima. (DETIENNE, 1988, p. 32).

Nessas e outras ilustrações dos ritos sacrificais do culto dionisíaco entreveem-se algumas semelhanças com o costume da tribo dos araucanos, à qual pertence Vendredi, mesmo que, no caso das cerimônias báquicas, seja mais comum a omofagia e, não, necessariamente o canibalismo.

A inversão da ordem social a que se liga a figura de Dioniso é representada por algumas atitudes bastante simbólicas de Vendredi. No Capítulo VIII, Vendredi surpreende Robinson ao aplicar um tratamento bastante singular a alguns arbustos. Ele os desenraiza e replanta-os ao contrário, ou seja, raízes para o alto e ramos enfiados na terra. O mais notável é que as plantas “pareciam todas estar acomodados nesse tratamento bárbaro”⁵¹. (TOURNIER, 1969, p. 163, tradução nossa). Isso deixa prever que a ordem de Vendredi mesmo destoante da ordem natural é bem aceita no universo da ilha.

Em outra passagem, tomamos conhecimento da capacidade de Vendredi de caminhar apoiado com as mãos com a mesma facilidade que o faz um homem em posição normal – habilidade esta que o próprio Robinson adquire e que assinala nesse momento a aceitação da personagem da nova ordem dionisíaca, uma ordem de cabeça para baixo.

Dioniso é, por excelência, um deus benfeitor e iniciador dos homens. Exatamente o papel de Vendredi com Robinson, conduzindo o hiperbóreo a um estado de revigoração intimamente ligado ao contato com a natureza.

⁵¹ “*paraissaient tous s’être accomodés de ce traitement barbare*” (TOURNIER, 1969, p. 163).

Segundo Jeanmarie (1970, p. 15, tradução nossa),

O complexo de representações e de emoções religiosas centradas em Dioniso aparece profundamente impregnado do sentimento persistente de uma equivalência ou mesmo de uma identidade entre o potencial de vida, de exaltação e de renovação que a presença desse *daïmon* significa para os adeptos de seu culto e as virtudes que emanam das essências do mundo vegetal.⁵²

Antes mesmo do estabelecimento da ordem dionisíaca na ilha, Vendredi realiza uma primeira benfeitoria a Robinson: devolve-lhe a capacidade de rir. Dioniso tem o dom de despertar a alegria e esse é um dos traços mais marcantes de sua personalidade. Jeanmarie (1970) observa que a qualificação de Dioniso como aquele que dispensa “a alegria em profusão” (*polygèthès*), é ressaltada principalmente nas obras de Píndaro e Hesíodo. Píndaro deixa entender que esta é a função mesma (*timé*) desse deus.

2.4.1.4 O deus nômade

O nomadismo é marcante na trajetória de Baco. Mesmo o local de seu nascimento não é um consenso. Além disso, suas epifanias se dão nos mais diversos lugares, onde ele vai introduzindo o seu culto. “Entre os deuses que se encontram em todas as regiões da Grécia, Dioniso é o menos sedentário.” (DETIENNE, 1974, p. 8).

Da mesma forma, esse caráter nômade condiz com a personalidade de Vendredi.

A primeira impressão que Robinson tem de Vendredi é a de que ele é um mestiço, ou seja, mesmo no meio de sua comunidade, ele tinha algo de estrangeiro.

Vivendo na ilha com Robinson, Vendredi parece que vai se fixar ali para sempre com o seu companheiro. Mas, qual não é a surpresa de Robinson – e do próprio leitor – ao perceber que Vendredi preferiu partir com o navio Whitebird. Evidência definitiva do caráter nômade de Vendredi; ele não se sente preso à ilha em momento algum e não hesita partir para

⁵² “le complexe de représentations et d’émotions religieuses qui s’est centré sur Dionysos apparaît profondément imprégné du sentiment persistant d’une équivalence ou même d’une identité entre le potentiel de vie, d’exaltation et de renouveau que la présence de ce *daïmon* signifie pour les adeptes de son culte et les vertus qui émanent des essences du monde végétal.” (JEANMARIE, 1970, p. 15).

lugares desconhecidos, fazendo parte da tripulação de um navio, que a cada dia se dirige em direção a novos horizontes.

2.4.1.5 O deus rejuvenescedor

Como vários outros deuses, Dioniso é figurado como um jovem. Para Jeanmarie (1970, p. 61, tradução nossa) trata-se de “um jovem deus, mais exatamente mesmo um deus adolescente, a pouco saído da infância.”⁵³

Essa juventude conferida a Baco é um traço ligado intimamente com a ideia de renovação da qual o deus é portador. Alguns mitos do deus designam-no como sucessor do próprio Zeus. Um sucessor que propiciará o rejuvenescimento do mundo a uma idade que seria aquela de uma nova juventude do universo. Não há nada de chocante nisso, quando se levam em conta os simbolismos próprios de um tempo cíclico e de um deus ligado ao mundo vegetal, como observa Jeanmarie (1970, p. 43, tradução nossa) no seguinte trecho:

[...] a ideia de juventude e de rejuvenescimento está ligada àquela de uma renovação perpétua, e, conseqüentemente, de uma palingenesia, nós reunimos aqui o aspecto ao mesmo tempo antigo e essencial de Dioniso que está ligado a sua função de gênio da vegetação.⁵⁴

O que dizer, então, de Vendredi? O araucano também é bastante jovem, um adolescente. Robinson acredita que ele não tenha mais de quinze anos. E considerando-se a influência do indígena em todas as transformações sofridas por Robinson, pode-se afirmar ser ele o causador do rejuvenescimento do herói. Um rejuvenescimento gradual que se exprime exterior e interiormente e proporciona a Robinson uma sensação de bem-estar consigo mesmo.

⁵³ “*un jeune dieu, plus exactement même d’un dieu adolescent, à peine sorti de l’enfance.*” (JEANMARIE, 1970, p. 61).

⁵⁴ “[...] *l’idée de jeunesse et de rajeunissement est liée à celle d’un renouveau perpétuel, et, conséquemment, d’une palingénésie, nous rejoignons ici l’aspect à la fois antique et essentiel de Dionysos qui est lié à sa fonction de génie de la végétation.*” (JEANMARIE, 1970, p. 43).

A princípio amedrontado, encarquilhado e feio, ele desabrochava pouco a pouco. Sua pele tomara um tom cor de cobre. Uma altivez inchava seu peito e seus músculos. De seu corpo irradiava um calor do qual lhe parecia que sua alma tirava uma segurança que ela jamais conhecera.⁵⁵ (TOURNIER, 1969, p. 191-192, tradução nossa).

Dessa forma comprova-se a íntima relação entre Vendredi e o deus Dioniso. *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* é uma narrativa que chama a atenção de muitos estudiosos, devido ao seu universo rico de símbolos, referências mitológicas e filosóficas, intertextualidades, além de um tema fascinante encerrado numa história recorrente no imaginário popular, o mito de Robinson Crusoe.

Nessa narrativa tão densa encontra-se com grande frequência referência ao universo grego antigo. Essas referências vão desde a utilização de alguns mitos até o emprego de características da estrutura e símbolos da tragédia.

O autor se utiliza, entre outros, do mito do deus Dioniso, atribuindo aspectos de sua personalidade ao indígena Vendredi. São vários episódios na narrativa que permitem uma aproximação entre Dioniso e Vendredi. Episódios dos quais se extrai uma série de elementos míticos que não se extinguem na relação com referencial apenas entre as duas figuras, como foi feito aqui, mas, que podem ser associados a muitos outros deuses. E, mesmo, na identificação com apenas estes, muitos pontos de contato acabam sendo negligenciados, em proveito de análise mais aprofundada dos aspectos levantados.

O que permite, no entanto, que se relacionem de maneira tão acentuada estas duas figuras é a insistência na retomada de elementos pertencentes ao deus, como foram a relação com a vegetação, o riso ou a inversão de valores.

⁵⁵ “D’abord apeuré, recroquevillé et laid, il s’était épanoui peu à peu. Sa peau avait pris un ton cuivré. Une fierté gonflait sa poitrine et ses muscles. De son corps rayonnait une chaleur à laquelle il lui semblait que son âme puisait une assurance qu’elle n’avait jamais connue.” (TOURNIER, 1969, p. 191-192).

3 ROBINSON CRUSOE E O MITO DO INDIVIDUALISMO

A importância atribuída a Vendredi é fundamental na obra de Tournier, porém, Robinson não perde seu papel de protagonista da narrativa. Ele representa, tanto em Defoe como em Tournier, alguns dos principais valores do homem dos séculos XVIII e XX, respectivamente, a peça fundamental para que as obras se consolidem como mitos das sociedades modernas.

A identificação do homem contemporâneo com Robinson deve-se ao fato de ele ser um homem comum. O que o torna especial tanto em Defoe como em Tournier não é uma personalidade forte ou um caráter extraordinário, mas sim a situação inédita vivida por ele. Segundo Maillard (1993, p. 21, tradução nossa), “quanto a Robinson [...], ele aparece desde sempre como um ser de exceção por seu destino [...] muito mais que pelos grandes traços de seu caráter ou de sua identidade.”⁵⁶

Em Tournier há certamente um forte apelo para transformar Robinson numa personagem elevada, o que é utópico, mas uma utopia bastante contemporânea. Assim como o modo de produção ideal que Crusoe instaura na ilha, em Defoe, é uma utopia do homem de negócios do século XVIII. (WATT, 1997, p. 170).

Crusoe é, entretanto, um homem completamente diferente na obra de Tournier. Não apenas devido à evolução sofrida, como também em sua caracterização no início da narrativa.

3.1 O velho e o novo Robinson Crusoe

Em Defoe, antes do naufrágio, Robinson lamenta-se por sua “forte inclinação” pelo mar, que, muitas vezes, pôs em risco sua vida e é contrária à vontade de seus pais. Ainda durante toda a sua estada na ilha Robinson reitera seu arrependimento por não ter seguido os conselhos do seu pai e permanecido em York.

⁵⁶ “Quant à Robinson [...], il apparaît d’ores et déjà comme un être d’exception par son destin ... beaucoup plus que par les grands traits de son caractère ou de son identité.” (MAILLARD, 1993, p. 21).

Os bons conselhos do meu pai vinham-me à ideia e tornavam-me presente a predição, que mencionei no princípio da narração, ou seja, que se eu tomasse essa louca decisão, Deus não me protegeria, e que teria tempo para reflectir sobre ter negligenciado o seu conselho, quando não tivesse ninguém para me ajudar a me recuperar. [...] a justiça de Deus alcançou-me, e não tenho ninguém para me ajudar ou que me ouça, repeli a voz da Providência, que misericordiosamente me tinha dado uma situação ou posição na vida em que poderia ter sido feliz e ter uma vida fácil; mas não quis vê-lo ou aprender dos meus pais a benção que era; deixei-os a afligir-se com a minha loucura, e agora estou reduzido a lamentar-me das consequências dela (DEFOE, 1975, p. 93-94).

Após seu resgate, Robinson, tendo alcançado a “posição na vida em que poderia ter sido feliz e ter uma vida fácil”, contrário às perspectivas que ele próprio cria no comentário acima, não abandona sua vida de viajante. O longo tempo de isolamento e reflexão não o dissuadiu de seu espírito aventureiro, nem houve qualquer tipo de arrependimento sincero por ter desobedecido aos pais.

Quanto à sua religiosidade, ele afirma que antes de se encontrar na ilha “agia sem usar bases religiosas” e ali chega a realizar algumas práticas próximas às do puritanismo protestante, com certa regularidade; mas quando está a salvo, quase não faz referência alguma a Deus ou persiste na prática de alguma religião. De volta à Inglaterra, quando pensa em se estabelecer novamente no Brasil, mas hesita devido à fé papista professada ali, Robinson assume que a religião “não era a razão principal que [o] impedia de ir para os Brasis. Mas era, sim, o facto de não saber a quem deixar os [seus] pertences” (DEFOE, 1975, p. 271). Essa passagem comprova a sua total falta de compromisso com a religião adotada.

Por sua vez, o Robinson de Michel Tournier passa por mudanças no seu caráter e, até, no seu físico, que não são apenas as consequências normais da passagem do tempo. Ele se torna um homem completamente diferente do conhecido pelo leitor no início da narrativa. Mas, mesmo antes dessa metamorfose, entre ele e o Robinson de Defoe já se impõem muitas diferenças.

A primeira, para a qual já se chamou a atenção, é o fato de o Robinson de Tournier não ser contemporâneo do Robinson de Defoe. Há entre eles uma diferença de 100 anos. Robinson Crusoe em *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* é um século mais moderno que o outro.

O primeiro Robinson vive em um período quando os primeiros avanços tecnológicos da Revolução Industrial ainda nem tinham começado a acontecer. O outro já é um homem do início da era industrial, do advento da produção de energia a vapor, vivendo no país pioneiro

na corrida pela industrialização e, portanto, de desenvolvimento mais acentuado no período. Ele é o típico homem moderno, acostumado às incessantes mudanças, mas por outro lado mais distante ainda da vida selvagem.

Segundo Maillard (1993, p. 51, grifo do autor, tradução nossa),

O primeiro é um homem do século XVIII, o segundo do século vinte. Um evolui em função de certezas, o outro em função de incertezas. Não se trata mais de consolidar uma ordem calcada sobre o modelo original, sobre uma matriz distante, mas de penetrar no coração do mistério, **nas suas entranhas**, deveria-se dizer.⁵⁷

São, enfim, sujeitos de vidas e de épocas diferentes. Robinson Crusoe de Daniel Defoe é um jovem do “estrato mais alto da burguesia” (DEFOE, 1975, p. 12), originário da cidade de Iorque, que começa a se aventurar pelos mares do mundo aos 19 anos. Desejo que já alimentava há alguns anos e não realizara devido à oposição de seus pais, um imigrante alemão e uma inglesa.

É um rapaz obstinado por seus projetos de viagens, mesmo quando já é senhor de prósperos negócios no Brasil. Mas, as decisões tomadas, na verdade, são em sua maioria baseadas em fatores econômicos. Segundo Watt (1997, p. 162) “sua sensibilidade está conectada às coisas materiais; ele é metódico, trabalhador, e sabe como fazer uma acurada avaliação de resultados.”

Não tendo nenhum estudo específico para qualquer atividade profissional, Robinson foi direcionado pelo pai a seguir a carreira de direito, algo nunca concretizado e do qual não sente falta. Como meio de subsistência após sua saída de casa, ele trabalha ora como mercador, ora como fazendeiro de cana no Brasil. Estas funções a que se dedica – o comércio e a agricultura – nada têm de inovador para uma sociedade moderna e apenas contribuem para reiterar o mesmo primitivo sistema capitalista de exploração e acumulação.

Apenas aos 27 anos, Robinson sofre o naufrágio que o manterá isolado do resto do mundo por um longo período. A decisão de empreender a viagem fatídica deve-se a seu

⁵⁷ “*Le premier est bien un homme du XVIII^e siècle, le second un homme du vingtième siècle. L’un évolue en fonction de certitudes, l’autre en fonction d’incertitudes. Il ne s’agit plus de bâtir un ordre calqué sur le modèle originel, sur une matrice éloignée, mais de pénétrer au cœur du mystère, dans ses entranilles, devrait-on dire.*” (MAILLARD, 1993, p. 51, grifo do autor).

caráter ambicioso, pois o maior incentivo para abandonar a estabilidade em que se encontra é a possibilidade de conseguir ganhar mais dinheiro ainda com tráfico de alguns escravos.

Os reveses sofridos nos mares são sempre substituídos pela convicção do enriquecimento com a permanência na vida de viajante. Ele próprio tem consciência de sua obstinação:

Esta influência diabólica que me levou, primeiro, a sair de casa, que me instilou a ideia de tentar arranjar fortuna e que impressionou de tal forma estes conceitos em mim, que me fez surdo a todos os bons conselhos, aos rogos e mesmo às imposições de meu pai (DEFOE, 1975, p. 23-24).

Muitas vezes parece haver uma inclinação a direcionar a obra como a história da punição de um jovem obstinado e desobediente, mas tal impressão é instantaneamente apagada quando se faz uma avaliação dos resultados da aventura de Robinson. Além de continuar sendo o mesmo homem ganancioso do início, ele só obteve vantagens, principalmente econômicas, como legado de seu tempo de isolamento.

O modo como ele trata Sexta-Feira reflete sua mentalidade racista, crente na inferioridade dos povos não-brancos, sejam negros, mouros ou índios. Em outro episódio, ele já exprimira sua desconsideração por outras raças. Ajudado a fugir de um cativo por um jovem mouro, ele vende o rapaz na primeira oportunidade como escravo. Quanto a Sexta-Feira, viveu até os últimos dias de sua vida na situação de criado.

O Robinson de Tournier parece, pelos poucos indícios que o texto nos dá sobre o seu passado, um jovem guiado por sentimentos opostos aos do outro, ainda que os motivos de sua viagem também tenham sido econômicos. Ora, sabemos que ele é casado e tem dois filhos. Ele tem formação universitária na Universidade de York, sua cidade natal. Todos esses fatores destacam a índole sedentária da personagem. As possibilidades de constituir família e cursar uma faculdade só são possíveis àqueles que mantêm uma certa estabilidade domiciliar. A viagem, empreendida aos 22 anos, na qual ele é vítima do naufrágio, parece ter sido uma decisão pensada como uma aventura única em busca de melhorar as suas condições materiais. Na verdade, Robinson não cogitava voltar à Inglaterra. Esta seria uma viagem unicamente de ida, como realmente foi, e depois de se estabelecer no Novo Mundo, ele pretendia chamar sua família para viver consigo. As atitudes não revelam um jovem inconsequente como no caso do primeiro herói; duas características destacadas pelo capitão Van Deysel são sua

austeridade e sua determinação. Ao contrário do outro, o que parece movê-lo é a busca por estabilidade, e não, a aventura.

Também passa muito do seu tempo na ilha envolvido em reflexões, de cunho pessoal e/ou filosófico, de que dá prova o diário (*log-book*) que escreve em contrapartida à superficialidade do outro, preocupado em primeiro lugar com as questões práticas. Os acontecimentos vividos na ilha são o incentivo para uma série de inquirições e questionamentos, realçando um indivíduo que tem uma vida interior bastante ativa, condição essencial para poder transformar-se em um homem novo.

Quanto à forma como se relaciona com Vendredi, esta é contrabalançada por dois extremos, antes e depois da explosão. Antes, Vendredi é tratado como um escravo, desprovido de qualquer consideração de seu senhor, severo e autoritário. Enquanto em Defoe, mesmo que Robinson nunca tenha promovido Sexta-Feira de sua posição de subalterno, muitas vezes ele o toma por um companheiro ou um amigo, o que não acontece no caso da narrativa de Tournier durante o tempo em que o relacionamento senhor-escravo é mantido. Depois da explosão há uma reviravolta em que Robinson passa a tratá-lo, não apenas como um seu igual, mas como alguém superior, digno de admiração e imitação.

Nem mesmo os pais de um e outro Robinson são os mesmos. No caso de Defoe, os pais parecem não exercer muita influência sobre o filho e, menos ainda, a mãe, que é completamente submissa ao pai. Em Tournier, a mãe de Robinson é uma “mulher forte, alma de exceção, mas pouco comunicativa e estranha às efusões sentimentais”⁵⁸ (TOURNIER, 1972, p. 107, tradução nossa), e que parece influenciar bastante o seu caráter. Já o pai, um tecelão, mostra-se um sujeito completamente fraco, apagado e sem grande importância para a vida de Robinson.

Essas peculiaridades na caracterização dos protagonistas reforçam o papel que cada um deles desempenha na constituição do mito. Enquanto em Defoe, Robinson é um indivíduo completamente autônomo e bem resolvido com sua racionalidade lógica, sem muitos problemas de ordem existencial, em Tournier, Robinson é um indivíduo constrangido pelas convenções, fragmentado, cético, mas com potencial para mudança.

⁵⁸ “*femme forte, âme d’exception, mais peu communicative et étrangère aux effusions sentimentales*” (TOURNIER, 1972, p. 107).

3.2 Robinson Crusoe e o mito do individualismo burguês

Defoe alcançou enorme sucesso de público no cenário inglês, buscando dar um tom de veracidade aos seus relatos, através de descrições minuciosas do espaço, do tempo e das ações de suas personagens. A prosa, forma privilegiada de escrita do romance, aumenta a possibilidade de criar uma narrativa objetiva e de fácil leitura.

O sucesso de Robinson Crusoe deve-se principalmente ao próprio conteúdo do livro, uma exaltação ao potencial do homem de sua época e ao modo de vida burguês. A história ganhou status de mito refletindo os principais valores da burguesia em ascensão. Robinson Crusoe é o típico burguês, vivendo em condições ideais para desenvolver livremente todos seus anseios capitalistas, sem a interferência do único elemento que poderia impor obstáculos a suas realizações: todo o restante da sociedade.

A eleição da obra como mito foi inspirada por diferentes interpretações, como no caso em que se pensa em Robinson como o modelo do primeiro homem na terra, passando pelas fases da evolução humana. Entretanto, adotar essa perspectiva é problemático, já que, Robinson não inicia sua trajetória na ilha até um estágio de desenvolvimento da técnica a partir do zero, como o homem primitivo, dispondo apenas dos recursos que a natureza lhe garante, mas auxiliado pelo espólio que faz do navio em seus primeiros dias de naufrago, antes que este submergisse completamente. Também, é um homem dotado de capacidade intelectual, de valores morais e de preconceitos, que, na história da evolução humana, demoraram séculos para se estabelecer. Robinson não é criador, mas apenas reproduzidor de técnicas que já conhece de antemão.

A versão de mito que toma Robinson como representante do modelo econômico burguês é, portanto, o principal fator que tornou a obra uma referência ao se falar sobre romance e burguesia. Segundo Coleridge (apud WATT, 1997, p. 160):

Houvesse ele desviado [...] o interesse de Robinson Crusoe para a história natural [...], o livro teria se enriquecido em muitas páginas e outros tantos incidentes agradáveis de ler; mas, se assim fosse, Crusoe deixaria de ser universal, aquela pessoa em que cada leitor veria o seu próprio substituto. Mas não, tudo que ali se faz, pensa, sofre ou deseja é apenas aquilo que cada ser humano pode imaginar-se fazendo, pensando, sentindo ou desejando.

Robinson Crusoe, como mito do individualismo, segue obedientemente aquilo que o filósofo Gerd Bornheim designou como os pontos marcantes do itinerário de evolução do projeto burguês.

O primeiro deles, considerado por Bornheim (1992) como o ponto mais decisivo, é a **autonomia** do indivíduo. Autonomia esta que tem suas bases no antropocentrismo e no racionalismo. Ou seja, o indivíduo desliga-se dos valores universais de uma “realidade divina” e concentra-se exclusivamente naquilo que diz respeito ao ser humano e a si próprio, em particular. Aquilo que não lhe diz respeito, que não faz parte do seu âmbito de realidade é dispensável de ocupar seus pensamentos. E esse pensamento deve ser limitado pela razão, descartando tudo aquilo que se relaciona “a um suposto mundo superior”.

E assim como para o projeto burguês, a autonomia é decisiva na trajetória de Crusoe na ilha. Apesar de dotado de certa religiosidade, não se pode dizer que a personagem seja um cristão exemplar. A relevância da “Providência” na vida do náufrago é, também, cerceada pelo seu individualismo, que se limita a refletir sobre a importância do indivíduo para o plano divino. Por outro lado, Crusoe ocupa grande parte de seu tempo projetando e realizando na ilha “melhorias” que contribuam para o seu bem-estar. As realizações de Robinson são fruto de longa e lenta reflexão sobre a medida em que lhe será prático, agradável e, acima de tudo, vantajoso, realizar algo.

Mas as melhorias realizadas na ilha não diminuem a quantidade de trabalho a cumprir diariamente. Assim que algo se encontra terminado e útil, ele parte para outro trabalho. Ele passa a ser possuidor de considerável quantidade de utensílios, ferramentas, móveis e imóveis. Robinson trabalha incessantemente e demonstra nisso ter um dos seus maiores prazeres. O trabalho para ele desempenha uma função terapêutica e revigorante; mesmo se, algumas vezes, reclama do cansaço, do esforço, às vezes, do desânimo, Robinson não deixa transparecer em nenhum momento o desejo de parar de trabalhar na ilha e apenas usufruir o que ela lhe oferece por seus próprios meios. Para ele, o trabalho mantém a consciência e a sanidade. A sua experiência concorre diretamente para reforçar a ideologia de dignificação do trabalho. Robinson sente-se feliz ao compreender o processo de fabricação de alguns objetos ou de produção de algum tipo de alimento. Realiza tudo com paciência e, mesmo, repetidas vezes, até conseguir alcançar o objetivo desejado.

Essa valorização exacerbada do **trabalho** é a segunda característica citada por Bornheim. Além de representar mais um fator determinante da autonomia do indivíduo. Robinson idealiza, racionaliza e põe em prática tudo de que necessita, sem depender da ajuda

de outros. Na perspectiva burguesa, o trabalho é visto também como “um meio do desenvolvimento da personalidade”.

A ideia de valorização do trabalho liga-se intimamente à concepção integrada ao termo vocação por Lutero. Para o teólogo, o homem verdadeiramente a serviço de Deus não se isola do mundo em uma vida monástica, mas trabalha com dedicação e honestidade no serviço secular, expressando o seu amor ao próximo. A ideia desenvolveu-se principalmente nos círculos protestantes e contribuiu para a formação da ética capitalista: se o trabalho secular é bom e digno, o dinheiro advindo dele tem também valor honroso. Quanto mais dinheiro um homem ganhasse, mais evidente era que a sua conduta era agradável aos olhos de Deus. A crença de que “o cumprimento das tarefas do século sob quaisquer circunstâncias é o único caminho para satisfazer a Deus, que ele, e somente ele, está dentro da vontade de Deus, e que, por isso, qualquer vocação lícita tem o mesmo valor perante os olhos de Deus” (WEBER, 1967, p. 54) colaborou grandemente para criar uma mentalidade em que o trabalho tem um valor sagrado.

Na obra de Defoe, a concepção de que os bons frutos do trabalho são sinal de uma conduta agradável a Deus está bastante arraigada. A religiosidade desenvolvida por Robinson, acima de uma elevação espiritual, serve como justificção de suas atividades na ilha. Quanto mais bem sucedido ele é, mais acredita que age de acordo com a vontade da “Providência”.

Quanto à questão da **propriedade privada**, Robinson tem privilégios fora do comum. Ele possui uma ilha inteira só para si, sob seu domínio. Mesmo depois de ser resgatado ele continua sendo o dono do lugar, considerando-se investido de um direito de propriedade assegurado por si próprio, algo semelhante às práticas dos colonizadores da América – ao encontrar um novo território, habitado ou não, intitulam-se donos do lugar. Em momento nenhum Robinson aceita a interferência de outrem em seu idílio individualista na ilha. Quando após quinze anos de permanência, percebe a presença de outras pessoas na ilha, ele apavora-se, tendo uma reação parecida com aquela que teria qualquer homem moderno ao notar alguém estranho dentro de sua residência. Depois de descobrir os selvagens, Robinson só se acalma quando consegue expulsá-los de lá, matando alguns e certificando-se de que com o susto dificilmente voltariam a esse sítio.

Certamente, os hábitos canibais dos selvagens eram repugnantes para Robinson, mas ele próprio já se convencera de que só excepcionalmente o encontrariam para lhe causar mal, pois nunca se afastavam do litoral, visitando a ilha apenas para realizar seus sacrifícios. Além disso, é bastante provável que os canibais já conhecessem e frequentassem a ilha muito antes

da chegada de Robinson; faltou-lhes apenas o pensamento burguês para que se declarassem proprietários, fazendo dela uma colônia sua, assim como o fez Crusoe logo que pôde.

Se, por outro lado, não se pode acusar Robinson de um apego ao dinheiro digno de qualquer adepto do **capitalismo** durante sua estada na ilha é apenas porque naquela situação o dinheiro perdera completamente o seu valor. Robinson nada podia adquirir com ele na ilha.

Mesmo depois de todos os anos que Crusoe passou na ilha, ele não se esquece de quão valioso é o dinheiro para a sociedade e conserva as moedas de prata do espólio do navio durante todo o tempo, mantendo-as bem guardadas, mesmo depois de ter perdido as esperanças de ser resgatado. É interessante observar que Robinson, ao voltar para a civilização, leva este dinheiro que na verdade só lhe pertencia em parte, pois havia ali a herança daqueles que com ele naufragaram; mas em momento algum pensa em procurar os familiares de seus companheiros de viagem para lhes devolver o dinheiro recuperado no navio. De sua parte, ao retornar, sabia muito bem aos cuidados de quem havia deixado os seus pertences e sente-se preocupado que alguém os tenha dissipado. Uma de suas primeiras ações, após seu retorno, é retomar esses bens com todos os lucros que tiveram, mesmo que esses não tenham sido fruto de seu trabalho, mas, sim, do trabalho honesto de seus sócios.

Sobre este ponto, é interessante notar a evolução de Robinson a respeito de sua conduta econômica. Antes do naufrágio, seu principal interesse era ganhar dinheiro rápido, independente dos riscos da empreitada. Assim, ele envolve-se com o comércio mercantil, atraído pela imediatidade dos altos ganhos no negócio. De fato, antes de sua chegada à ilha, é errado afirmar que Robinson seja um capitalista. Ele está em um estágio anterior ao capitalismo, imbuído de um espírito mercantil. A decisão de sua viagem a África, quando se dá o naufrágio, é incentivada pelo mesmo espírito. Ele pretende ter lucros rápidos com o tráfico de escravos. O lucro lento e seguro que o seu latifúndio no Brasil lhe oferece não o satisfaz:

Como já tinha feito quando saí de casa dos meus pais, também agora não estava satisfeito, mas devia ir-me e deixar a grande oportunidade de vir a ser um homem rico e próspero na minha plantação, somente para obedecer a um desejo irrefletido e imoderado de subir mais depressa do que seria possível (DEFOE, 1975, p. 44).

Instalado na ilha, Robinson adquire uma sensibilidade acurada para ter sempre todo o necessário. Todas as suas ações são calculadas e regidas por uma lógica de possibilidade certa

de sucesso e poucas vezes o resultado é decepcionante para ele. Desinteressado do lucro imediato, Robinson preocupa-se em precaver-se para que nada lhe falte durante toda a sua sobrevivência na ilha. A experiência que vive nela serve para, de fato, transformar a conduta econômica de Robinson. A sua experiência transforma-o em um perfeito capitalista.

O desejo de ganho ilimitado não se identifica nem um pouco com o capitalismo, e muito com o 'espírito' do capitalismo. O capitalismo pode até identificar-se com uma restrição, ou, pelo menos, com uma moderação racional desse impulso irracional. De qualquer forma, porém, o capitalismo, na organização capitalista permanente e racional, equivale à procura do lucro, de um lucro sempre renovado, da "rentabilidade". (WEBER, 1967, p. 4).

Na verdade, enquanto durou sua estadia na ilha, ele não se preocupou com o lucro, pois isso representava uma lógica insensata, visto que não poderia tirar proveito dele. Mas, assim que volta ao convívio em sociedade, a narração da forma como Robinson conduz os seus negócios mostra que ele tornou-se um ótimo aluno de como multiplicar seu dinheiro com segurança.

E o que teria sido de Robinson Crusoe sem o **conhecimento** que possuía para transformar o meio em seu favor? A história de um homem lançado em uma terra inóspita, sem qualquer prévio conhecimento, poderia ser tomada como o mito do primeiro homem sobre a terra, corroborando assim a interpretação de muitos sobre a trajetória de Crusoe. Entretanto, tal direcionamento despiria a narrativa de Defoe do princípio da verossimilhança, buscado pelos primeiros romancistas. Qual homem, sem um conhecimento prévio e algumas ferramentas como ponto de partida, teria chegado ao nível da técnica alcançado por Robinson em vinte sete anos? Muito pelo contrário, o que parece querer partir da pena de Defoe é exatamente essa capacidade enorme de criação do homem moderno adquirida através de séculos de estudo e pesquisas. Se Robinson consegue praticamente sozinho atentar contra os selvagens, e vencer, é porque é possuidor de um conhecimento e de uma tecnologia que eles não possuem, as armas de fogo. A fabricação de diversos objetos somente se torna possível por ser decorrência de um conhecimento prévio. Assim, como qualquer homem moderno, Robinson tem o poder de manipular tudo a seu favor, usufruir daquilo que produziu, graças a seu conhecimento. De outra maneira, pouco poderia nos convencer a narrativa de Defoe.

A contradição entre mito e verdade presente na narrativa de *As Aventuras de Robinson Crusoe* é uma das questões mais intrigantes neste trabalho. Tomando-se o mito na sua concepção de história fabulosa jamais se poderia classificar a obra de Defoe como um mito. Como já discutimos em partes anteriores, a primazia pela verossimilhança é uma das preocupações primeiras dos romancistas do século XVIII. Eles esperavam até mesmo que suas histórias fossem recebidas como relatos de acontecimentos reais e não como uma invenção ficcional. Para isso, abriam mão do crédito de autores e intitulavam-se, em geral, editores das obras publicadas. Por outro lado, é preciso lembrar mais uma vez a importância da narrativa como história exemplar e fundamental do pensamento burguês. Robinson Crusoe é, sem dúvida, um herói de espetacular capacidade e digno de protagonizar o mito. Ele sobrevive às provações que dificilmente outro poderia suportar. Segundo Watt, o apelo do livro à imaginação, acima do seu inegável senso de realidade, é o “apelo universal da solidão, e portanto para a ilha desabitada”, “devemos nos indagar se Crusoe é ou não um modelo para todos nós, no tocante ao modo como aprende a dirigir o seu Estado vazio de habitantes humanos” (WATT, 1997, p. 172).

Amparado por uma **liberdade** ilimitada, Robinson pode dar asas a seus caprichos. Se age de determinada maneira é sempre guiado por sua própria vontade. Não há qualquer sistema repressor para julgá-lo e ditar-lhe como agir. Quando Robinson mata alguns selvagens na ilha, isso não passa da realização de um desejo que já alimentava há muito tempo. E se, por algum tempo, resistiu a essa vontade, alegando certas restrições morais e religiosas, mostra-se completamente destituído desse tipo de sentimento quando encontra um motivo qualquer que autorize a sua consciência. Tudo age em favor da realização dos desejos de Crusoe, enquanto Sexta-Feira não passa de um simples auxiliar das megalomanias de seu amo.

E, se, aparentemente, como constata Watt (1997), Defoe parece querer dar ao naufrágio a aparência de uma punição a Robinson por ter desobedecido ao pai, essa impressão é claramente apagada ao longo da leitura e confirmada no final do livro. Robinson declara, ao fim de suas aventuras, que continuará realizando outras viagens destemidamente, contrariando os conselhos iniciais do pai. Esse fato confirma a afirmação da autonomia e da liberdade do indivíduo Robinson.

O seu retorno à sociedade não o transforma em um cidadão preocupado com o próximo. Suas ações são sempre ligadas ao seu próprio interesse. O benefício ocasional a algumas pessoas depois do seu retorno, não nasce de um coração generoso, mas, sim, porque aquelas pessoas trabalharam por ele na sua ausência e estão sendo devidamente pagas pelos serviços prestados, como acontece em qualquer empresa nos dias de hoje. A sua situação de

isolamento serve como uma grande lição para que ele possa agora realizar em sociedade o individualismo aperfeiçoado durante anos na ilha e que alicerça as bases do relacionamento de seus contemporâneos.

3.3 Novas perspectivas da sociedade moderna

Ainda que o mito de Robinson Crusoe, escrito por Daniel Defoe, seja marcante e exemplar – um dos grandes modelos de comportamento do indivíduo burguês e do modo de produção capitalista –, ele acabou perdendo boa parte da sua eloquência com a mudança de pensamento e comportamento nos séculos XIX e XX.

Com isso, não se pretende afirmar que tenha se abolido a burguesia e o capitalismo e, menos ainda, que tenha se extinguido o individualismo. Seria mesmo ingênuo pensar que a humanidade tenha se transformado a ponto de o indivíduo não se alegrar em tirar vantagem de qualquer situação em benefício próprio. Neste sentido, ocorreu apenas a desatualização de alguns valores básicos do romance.

Para compreender melhor tal afirmação, cabe delinear, mesmo que de modo superficial, a evolução da modernidade ao longo de três séculos.

A partir do Renascimento, a modernidade estendeu seus ramos mundialmente e se instalou em todo o Ocidente, tendo passado por muitas modificações ao longo destes 400 anos. Suas justificações firmam-se num processo de modernização crescente e se modificaram ao vento das revoluções.

Os ideais de progresso e desenvolvimento foram fundamentais para caracterizar a modernidade. O homem fugia da antiga concepção da Idade Média de fatalismo e de inferioridade em relação a um mundo superior inacessível, tão difundida pela Igreja Católica com o objetivo de impor seu jugo a alguns setores da sociedade, e garantir seu poderio econômico, político e cultural.

A modernidade pode ser identificável pelo seu longo histórico de contradições e racionalizações. Coexistem muitos valores e o principal objetivo é tentar encaixá-los todos dentro de uma estrutura regulada.

Na segunda metade do século XVIII localizam-se dois eventos que são marcantes para uma mudança na estrutura social e econômica da Europa. São as Revoluções Francesa e Industrial.

Esses dois acontecimentos deixaram profundas marcas nas sociedades da Europa Ocidental. A Revolução Industrial britânica, apesar de só ser sentida com mais nitidez a partir da primeira metade do século XIX, influenciou tudo o que se referia às relações humanas, começando pelos modos de produção. Através de um longo processo acabou levando ao enfraquecimento do setor agrário e à superpopulação nas cidades. Essa dinâmica culmina com a construção de ferrovias, acelerando a vida das pessoas até um ritmo ao qual elas não estavam acostumadas. Os produtos e as informações chegavam com muito mais facilidade a qualquer canto da Europa.

Já a Revolução Francesa, de ordem política e ideológica, repercutiu seus ideais de *liberté, fraternité e égalité* em todo o mundo. Como nos alerta o historiador Eric Hobsbawm (1977, p. 84), “a ideologia do mundo moderno atingiu as antigas civilizações que tinham até então resistido às ideias europeias inicialmente através da influência francesa”. A revolução com seu jargão de que os homens eram todos iguais chegou até as colônias, desencadeando no século XIX uma gama de movimentos revolucionários e de independência.

Mas, se o século XIX foi o século das revoluções, o século XX inicia-se catastroficamente com os terrores da guerra dizimando e destruindo almas e nações.

As primeiras décadas da segunda metade do século XX são vividas por seres humanos desiludidos com a vida em sociedade, amedrontados pela ameaça constante de uma terceira guerra mundial, assistindo aterrorizados aos horrores do período da Guerra Fria e vendo ruir todas as estruturas sociais. Nesse contexto é escrito o romance de Tournier. O sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2000, p. 89) afirma que nesse período, “tudo parece negociável e transformável ao nível da empresa ou da família, do partido ou do sindicato, mas ao mesmo tempo nada de novo parece possível ao nível da sociedade no seu todo ou da nossa vida pessoal enquanto membros da sociedade”.

O mundo está revoltado e decepcionado com os rumos da modernidade, que fugiu ao seu projeto inicial e se mostrou, na verdade, uma grande causadora de frustrações e desigualdades, pois a partir das mudanças da estrutura social e da possibilidade de passar de uma classe social à outra, todos os homens passam a ter aspirações mais igualitárias. Qualquer indivíduo pode ao menos sonhar com a possibilidade de ser rico ou famoso e o fato de nem sempre isso acontecer acaba trazendo grandes decepções. Há muito, a Igreja não exerce mais grande influência para justificar as diferenças sociais como um desígnio divino. O Ocidente perde todo seu glamour e aos olhos da sociedade passa a ser visto como vilão.

No século XVIII “um individualismo secular, racionalista e progressista dominava o pensamento ‘esclarecido” (HOBSBAWM, 1977, p. 41), mas a partir da Guerra Fria, um novo

tipo de individualismo toma conta da humanidade. É um sentimento que, além da autonomia e da liberdade do indivíduo, prega a sua total independência do restante da sociedade. O individualismo moderno se agigantou de tal forma que ficou deformado pelo egocentrismo.

A revolução cultural de fins do século XX pode assim ser mais bem entendida como o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, ou melhor, o rompimento dos fios que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais. Pois essas texturas consistiam não apenas nas relações de fato entre seres humanos e suas formas de organização, mas também nos modelos gerais dessas relações e os padrões esperados de comportamento das pessoas umas com as outras; seus papéis eram prescritos, embora nem sempre escritos. (HOBSBAWM, 1955, p. 328).

O homem moderno sofre uma crise espiritual e de identidade; tateia em um mundo no qual predomina a falta total de alicerces para que seja possível afirmar seguramente qualquer coisa.

O colapso cultural que vive a sociedade moderna faz com que muitas pessoas se voltem para tipos de espiritualidade diversos, como o budismo, ou mesmo a ioga (secularizada na sociedade ocidental e encarada como uma terapia para o estresse), já que a igreja cristã perdeu muito de sua credibilidade nos últimos anos. O homem passa a buscar o primitivo, o belo, o superiormente interessante.

É na “ideia da ‘perfeição dos primórdios’, expressão de uma experiência religiosa mais íntima e mais profunda, alimentada pela recordação imaginária de um ‘Paraíso perdido’, de uma beatitude que precedia a condição humana atual” (ELIADE, 1989, p. 48) que uma parte da sociedade contemporânea tenta se escorar para suportar o peso da modernidade.

Uma expressão de repúdio à modernização e à sociedade moderna reflete-se com mais intensidade no meio artístico – seja na literatura ou nas artes plásticas –, na proliferação dos estudos etnográficos, como os de Claude Lévi-Strauss, e na crença arcaica de que “a catástrofe é a consequência fatal da ‘velhice’ e da decrepitude do Mundo” (ELIADE, 1989, p. 55). Os homens esperam que o mundo se renove e a sociedade como num passe de mágica viva harmoniosamente como viveram Adão e Eva no Éden.

Sob essas novas perspectivas dos indivíduos no período em que foi escrito o *Robinson de Tournier*, é possível entender de que forma *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* se encaixa no papel de mito da sociedade contemporânea.

3.4 Robinson Crusoe e o mito do individualismo na sociedade contemporânea

Em *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique*, a tentativa de Robinson de reconstruir a estrutura da civilização da qual foi arremessado fora torna-se equivocada quando, ao olhar em volta, ele percebe um ambiente totalmente hostil àquilo que pretende. Ao contrário do que ele visionara, a ilha oferece-lhe um novo tipo de sobrevivência, na qual não é possível impor valores morais e econômicos ligados estritamente às pessoas civilizadas, e não a um ambiente ou a um indivíduo selvagem. A metamorfose operada será muito mais radical do que a simples incorporação de novos valores; ela implicará o apagamento de toda uma consciência de humanidade e, principalmente, de civilidade como superioridade.

Tournier dota o mito de Robinson da função primordial de “esclarecer as secretas e confusas aspirações humanas”, no momento em que, segundo Bouloumié (1988), o Ocidente descobria através de estudos etnográficos a espiritualidade de uma humanidade arcaica. O homem contemporâneo abre-se, nesse momento, a novas experiências místicas, talvez para tentar dotar de um pouco de sentido a loucura desenfreada que toma conta do século XX:

Eles compreenderam que só poderá haver um verdadeiro recomeço depois de um verdadeiro Fim. E, mais do que quaisquer outros modernos, os artistas aplicaram-se a destruir efetivamente o seu Mundo, a fim de recriarem um Universo artístico no qual o homem possa simultaneamente existir, contemplar e sonhar. (ELIADE, 1989, p. 66)

É assim que Mircea Eliade explica o grande niilismo da arte contemporânea, a irracionalidade, o *non-sens* impregnando as exposições, as obras literárias, o cinema da modernidade contemporânea, no fim da década de 50 e início dos anos 60. Ele justifica tudo isso pela tentativa artística de apagamento de uma realidade a fim de conseguir recriar uma outra mais aceitável e menos cruel.

Com isso não se pretende encaixar *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* nesse tipo de tendência niilista, mesmo que assim considerem alguns. O que Tournier e outros artistas fazem, através de sua sensibilidade aguçada, é representar prematuramente nuances de pensamentos que na sociedade ainda virão a se tornar correntes ou dogmas. O artista é sempre o primeiro a perceber as mudanças, a contestar uma velha ordem. “São sobretudo os artistas que representam as verdadeiras forças criadoras de uma civilização ou de uma sociedade.

Através de sua criação, os artistas antecipam aquilo que irá acontecer – por vezes uma ou duas gerações mais tarde – nos outros setores da vida social e cultural.” (ELIADE, 1989, p. 66)

O papel que Eliade atribui ao artista, na nova versão do mito de Robinson Crusoe, é o mesmo adotado também pela personagem. Crusoe é o homem desconstrutor de todo um universo degradado e degradante de valores e preconceitos, que ele substitui por um Universo mais espiritualizado e aceitável para a sua individualidade. Crusoe contesta a velha ordem e se alia a uma nova ordem.

O brusco rompimento com os valores da sociedade da qual partiu e a evolução, que culmina na decisão de permanecer isolado do restante da sociedade, são indicadores da insatisfação do homem contemporâneo com a ordem cristalizada e a sua busca por novos caminhos para a realização pessoal. Toda a mudança sofrida pela personagem é individual e não repercute na sociedade. Os homens não acreditam mais, assim como Marx, numa mudança da ordem social em seu conjunto. Desse modo é preferível manter-se isolado.

A história do Robinson Crusoe de Tournier passa-se exatamente um século depois da do Robinson de Defoe. O novo Robinson é, portanto, um indivíduo da segunda metade do século XVIII, que já tem mais fortemente enraizados os valores da classe burguesa. O naufrágio acontece apenas 30 anos antes da Revolução Francesa, ou seja, num período em que as ideias burguesas já estavam se delimitando de forma mais clara e se difundindo. A burguesia ascendia gradativamente nesse século e logo tomaria o poder.

Outras mudanças apontam para um rompimento mais doloroso de Robinson com a civilização, como, por exemplo, a família que constituiu em sua terra natal. Também o fato de ter sido educado dentro de uma seita religiosa e de ter realizado estudos universitários só acentuam o caráter civilizado de Robinson em contraste com o selvagem. Enquanto o primeiro Crusoe é, apesar de mais velho na ocasião do naufrágio, um aventureiro sem apego nenhum às instituições sociais, como a família e a igreja, em busca de aventuras.

Reforçando ao máximo o papel de homem civilizado em Robinson, Tournier consegue tornar mais desejável a ruptura da personagem com a antiga ordem de valores que alicerçavam seu modo de viver e que durante os primeiros anos de permanência na ilha determinaram o seu comportamento. Assim como o homem moderno, só agora que as sequelas da modernidade atingiram seu ponto máximo – ou pelo menos assim se espera –, ele sente necessidade de romper com a ordem estabelecida.

A metamorfose de Robinson se dá através de uma série de rupturas (ÉTUDES, 19_):

- ruptura com o puritanismo cristão e a canalização dos instintos em direção ao trabalho e à procriação;
- ruptura com o trabalho considerado como valor absoluto e o crescimento fundado sobre a organização cada vez mais racional do tempo e do espaço, e a acumulação de capital;
- ruptura com um sistema de dominação do senhor em relação ao escravo e, por extensão, com toda forma de colonialismo, evocadas pelas relações entre Robinson e Vendredi no início de seu relacionamento.

Robinson, inicialmente, não se sente preparado para viver num mundo não-civilizado. É por isso que se apega ferrenhamente à Bíblia, e realiza uma prática que é resquício de um costume bastante comum entre os puritanos, o de abrir a Bíblia aleatoriamente e ler algum trecho antes de tomar uma decisão.

Sua rotina de trabalho é rígida e estressante, mas realizada com empenho. A lógica de trabalho visa à acumulação. Robinson constrói uma espécie de armazém para guardar todos os alimentos que consegue produzir. Além disso, torna-se dono de um grande rebanho de cabras.

Ele ainda fabrica uma clepsidra através da qual regula as horas do seu dia, numa rotina de trabalho, oração e poucos momentos de lazer. Sente-se tão sedento de civilização que constrói um museu de pesos e medidas e sonha em conseguir algum dia catalogar cada animal, cada planta e cada centímetro da ilha.

Sua relação com Vendredi é extremamente conturbada. Ele exige as tarefas mais exaustivas de seu criado e um tratamento formal, alimentando cada vez mais o seu ego, numa ilusão de sua superioridade de homem branco e civilizado. É muitas vezes cruel com Vendredi, surrando-o, e insiste na tentativa de catequizar o indígena mesmo sabendo da vanidade dos seus esforços.

A sustentação desse sistema é abalada algumas vezes por algumas contradições. Robinson em determinadas situações foge da realidade insólita que criou na ilha, interrompendo o funcionamento da clepsidra. Para ele, é como se por algumas horas o tempo parasse de correr e ele pudesse se entregar ao mundo das sensações.

Esse comportamento esporádico de Robinson se aproxima do pensamento primitivo, no qual o mundo é regido pela Natureza e o Tempo profano, histórico, deve ser abolido em proveito de um tempo mítico e sagrado.

A transformação de valores acontece, portanto, de maneira gradual. Robinson não acorda um dia se questionando sobre o sentido de sua vida, rompendo com tudo

imediatamente. As dúvidas, a visualização de um modo de vida diverso do conhecido, foram se construindo na mente do protagonista através de pequenos incidentes e de longas reflexões. Mas, temendo a revolução que já percebia prestes a eclodir, Robinson aferrava-se cada vez mais aos seus antigos valores, mesmo convencido da possibilidade de viver outra realidade. Seu diário nos mostra o drama interior que o aflige:

Virá fatalmente um tempo no qual um Robinson cada vez mais **desumanizado** não poderá mais ser o governador e o arquiteto de uma cidade cada vez mais **humanizada**. Eu já surpreendo defasagens na minha atividade exterior. Chega a acontecer de eu trabalhar sem acreditar verdadeiramente naquilo que faço, e a qualidade e a quantidade de meu trabalho não se modificam. Ao contrário, há em alguns esforços uma embriaguez de repetição que dá todas as vantagens a uma deserção do espírito: trabalha-se por trabalhar sem pensar no fim perseguido.⁵⁹ (TOURNIER, 1972, p. 117, grifos do autor, tradução nossa).

A reviravolta definitiva nas condições de vida na ilha acontece depois da explosão, causada acidentalmente por Vendredi. Todo o vestígio de civilização que Robinson lutava por conservar e construir, minado aos poucos pelo selvagem, rui de um instante para outro. Nessa ocasião, o cão Tenn morre. A morte do animal doméstico simboliza para Robinson o fim da era civilizada. Junto com o cão extinguem-se a casa, as plantações, as criações. A sua morte é emblematicamente a morte da “ilha administrada”. A partir daí, ele entrega-se completamente ao primitivismo, deixando de usar roupas, de dormir dentro de uma casa e de trabalhar, para viver intensamente cada momento em busca de manter um contato profundo com a Natureza e os seus elementos.

Ele passa a viver segundo o que pode observar de Vendredi e deseja mesmo se parecer cada vez mais com ele, tornando-se seu aprendiz. A mudança brusca é coroada pelo rejuvenescimento do protagonista, o qual permite alcançar um bem-estar em relação a si mesmo. Robinson é um homem totalmente desprovido de necessidades maiores do que aquelas oferecidas pela ilha. Desde esse dia não trabalhará mais. A única coisa que conserva é

⁵⁹ “Il viendra fatalement un temps où un Robinson de plus en plus **déshumanisé** ne pourra plus être le gouverneur et l’architecte d’une cité de plus en plus **humanisé**. Déjà je surprends des passages à vide dans mon activité extérieure. Il m’arrive de travailler sans croire vraiment à ce que je fais, et la qualité et la quantité de mon travail ne se ressentent même pas. Au contraire, il y a dans certains efforts une ivresse de répétition qui a tout à gagner à une désertion de l’esprit : on travaille pour travailler sans penser au but poursuivi.” (TOURNIER, 1972, p. 117, grifos do autor).

o seu diário, cuja função parece ser a de evidenciar a evolução interior de Robinson. A transformação é moral e física.

Já completamente metamorfoseado, Robinson tem a oportunidade de ser resgatado, após 28 anos de total isolamento da civilização. É o momento ansiado por muito tempo e agora desprovido de qualquer importância. Robinson percebe que a civilização moderna, o seu berço e a sua base, está corrompida por valores, há pouco por ele abraçados. A ilha é o lugar onde viveu os anos mais gratificantes de sua existência. A decisão de permanecer em Speranza decepciona. Assim como nos decepcionamos quando somos obrigados a assumir que esta decisão foi a mais benéfica para Robinson, quando nos obrigamos a assumir que as explosões que revolucionam vidas não acontecem mais num âmbito coletivo, mas apenas individualmente.

Assim é que o mito de Robinson Crusoe, considerado um dos mitos do individualismo moderno, pôde ser reescrito dentro de novos paradigmas. O homem insatisfeito com a civilização à qual pertence, foge de sua realidade, buscando outras formas de experiência, que lhe proporcionem um prazer já não realizável no plano concreto. Essa experiência impossível leva milhares de pessoas a recorrerem a paliativos, quase nunca seguros ou recomendáveis, como as drogas ou a prática de esportes radicais.

Cada indivíduo do mundo contemporâneo parece estar mais feliz à medida que o mundo se fecha em torno dele e permite estender suas fantasias ilimitadamente, em busca da felicidade. O mais difícil dos obstáculos a superar é o restante da sociedade moderna, com seus valores e suas leis. E daí surge o desejo do retorno ao primitivo.

O Robinson isolado na ilha não quer mais voltar à civilização. Ele quer apenas poder realizar desejos, numa dimensão única, e ter liberdade total para vivê-la.

Conforme as palavras de Watt (1997), Robinson sabe que se voltar à civilização será para tornar-se escravo dela e de suas instituições as quais, no século XVIII, quando vive a personagem, já exerciam grande influência na vida do cidadão comum.

4 TOURNIER E AS NARRATIVAS PÓS-MODERNAS

A obra de Tournier remonta aparentemente às formas romanescas tradicionais, enquanto os temas abordados na narrativa emprestam-lhe um caráter hodierno. As longas descrições, o fluxo narrativo linear e a utilização de uma linguagem clara e coerente aproximam sua escritura à de autores realistas e causam a impressão de uma forma, na realidade, não-contemporânea. Segundo Hutcheon (1991), há tendência a crer que uma forma inovadora deva ser hermética e experimental, como é o caso de certas literaturas recorrentes ao ideal modernista, defensor da elitização da arte, como algo separado da vivência cotidiana da humanidade. Esse é o modelo adotado pelo Novo Romance francês de Robbe-Grillet ou pela revista de crítica literária *Tel Quel*, incentivadores da criação de narrativas que rompessem com os pressupostos do romance burguês através da desagregação das noções de tempo e espaço, da minimização da intriga como eixo narrativo e da recusa de caracterização precisa das personagens, retirando delas sua característica mais representativa, pois como lembra Forster (1988, p. 27) “o aspecto fundamental de um romance é contar uma história”.

A forma de *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique*, embora ouse pouco no campo da experimentação, guarda certas peculiaridades presentes nas narrativas mais atuais, classificadas como adeptas das correntes pós-modernistas.

O embasamento do livro é paradoxal tanto com respeito à forma quanto aos temas. Ao mesmo tempo exalta o primitivo e se inspira em uma das narrativas consagradas como reflexo do comportamento do homem moderno. Contradição imanente à natureza do ser humano em geral, que vive dividido entre as restrições sociais e morais da civilidade e seus instintos que o conduzem a um mundo de sensações incontroláveis. Jung (1977, p. 45) esclarece esse conflito ao afirmar que “no mundo primitivo, as coisas não tem fronteiras tão rígidas como as das nossas sociedades ‘racionalistas’.” O homem primitivo vivia uma época na qual superabundavam as superstições e valorizavam-se mais os sentidos em vez da razão. E, exatamente, o retorno ao primitivismo é o eixo temático central da narrativa de Tournier.

As preocupações quanto à recepção do público leitor voltam-se também para perspectivas da literatura pós-moderna. Em Defoe, a preocupação ética fundamental é assegurar que a história que está sendo narrada seja recebida como relato de acontecimentos verídicos. Em *Vendredi*, a ética se dirige no sentido de deixar clara a posição de retomada de uma narrativa anterior, fazendo referências diretas e explícitas ao texto original.

Segundo Hutcheon (1991, p. 145) “a preocupação do século XVIII em relação às mentiras e à falsidade passa a ser uma preocupação pós-moderna em relação à multiplicidade e à dispersão da(s) verdade(s), verdade(s) referente(s) à especificidade do local e da cultura.” Reescrevendo o mito de Robinson Crusoe, Tournier revela a possibilidade de renovar e atualizar uma história consagrada, adequando-a a novos pensamentos, novos tempos.

A forma encontrada pelos autores pós-modernos de estabelecer um vínculo com o passado é o uso da ironia, e a intertextualidade confirma a existência de um vínculo, isto é, como afirma Hutcheon, o caráter principal da paródia. O termo paródia é retomado despido do sentido a ele atribuído por muitos que o restringem apenas a textos humorísticos. Uma paródia é uma retomada crítica, é o questionamento das situações intocadas. A quebra de expectativas é fundamental na paródia. Uma paródia deixa entrever a possibilidade de mudança de paradigma. Por este ponto de vista, pode-se considerar *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* uma paródia da obra de Defoe, no sentido de que, retomando personagens e parte do contexto, ele lança um olhar irônico, nem sempre despido de humor, às afirmações e pressupostos de As Aventuras de Robinson Crusoe.

Por exemplo, o papel central assumido por Vendredi na narrativa de Tournier inicia um afrontamento ao modelo tradicional do romance. O espaço é ocupado tanto pelo homem branco, burguês e civilizado, como pelo selvagem que nunca teve contato com tecnologias.

Essa postura questionadora relaciona-se diretamente à influência que os artistas receberam na década de 60, com os vários movimentos de contestação da autoridade e subversão de valores reacionários, como foi o movimento *hippye*. Houve mudança de posicionamento dos artistas quanto ao papel do modernismo em relação à modernidade, seja de indiferença, fechado apenas no universo de sua arte, de rejeição ou de tentativa de adequação à realidade moderna. Este último é hoje designado pós-modernismo. “Seu ideal era cada um abrir-se à imensa variedade e riqueza de coisas, materiais e ideais, que o mundo moderno inesgotavelmente oferece.” (BERMAN, 1986, p. 31).

Em contrapartida, a visão contemporânea do pós-modernismo aponta os valores humanos como construtos, regidos para manter um sistema de dominação e poder. Ele analisa a história e desvenda, ou ao menos questiona, os acontecimentos que consideramos como verdades incontestáveis.

Vendredi ou Les Limbes du Pacifique sem romper radicalmente com os pressupostos do romance, insere e desestabiliza a história de Robinson Crusoe. A escolha de alguns recursos narrativos corrobora a função inovadora do texto de Tournier.

4.1 Redobramento da voz narrativa

A mais evidente especificidade do texto é a justaposição de duas vozes narrativas. A narrativa em primeira pessoa, restrita às páginas do *log-book*, enquadra incursões filosóficas da personagem, que fazem eco à voz do narrador onisciente. A perspectiva dessa voz dirige-se para reflexões de ordem bastante complexa, enquanto o narrador em terceira pessoa ocupa-se, grande parte do tempo, em relatar os acontecimentos. Segundo Bouloumié (1988, p. 17, tradução nossa) “a aventura interior registrada no *log-book*, o diário íntimo de Robinson, não tem mais nada a ver com a narrativa realista da sobrevivência de um naufrago”⁶⁰, que serve apenas como pano de fundo.

O *log-book* aparece no início da trajetória evolutiva de Robinson e vai acompanhá-lo até momentos antes do término de suas aventuras. No momento da decisão de Robinson de dominar a ilha e torná-la “ilha administrada”, ele faz seu primeiro registro no *log-book*. As reflexões dão a medida exata do estágio da evolução da personagem.

Afirmações de Robinson como “minha vitória, é a ordem moral que devo impor a Speranza, contra sua ordem natural que só pode ser chamada de desordem absoluta”⁶¹ ou “nenhuma tradição deve prevalecer sobre a voz do Espírito Santo que está em nós.”⁶² (TOURNIER, 1972, p. 50, tradução nossa) assumem um caráter irônico e até mesmo humorístico, pois representam o apego irracional de Robinson às convenções da sociedade burguesa da qual fazia parte, além de serem totalmente opostas aos rumos da evolução experimentada pelo protagonista. O tom ingênuo e aburguesado do texto vai se desfazendo conforme se desfaz o homem civilizado e burguês.

A narração de acontecimentos banais, feita pelo narrador onisciente, serve de ilustração para a verdadeira essência da história – a vida interior de Crusoe. Há uma fragmentação do discurso, representativa da fragmentação da própria personagem. Ligado ainda aos valores da civilização, grande vilã da narrativa, Robinson vive dividido entre uma velha e uma nova ordem. Nos momentos de maior conflito entre estas duas ordens a intervenção do *log-book* é também mais fragmentada. Assim, do capítulo III ao capítulo VIII

⁶⁰ “*L’aventure intérieure consignée dans le log-book, le journal intime de Robinson, n’a plus rien à voir avec le récit réaliste de la survie d’un naufragé.*” (BOULOUMIÉ, 1988, p. 17).

⁶¹ “*Ma victoire, c’est l’ordre moral que je dois imposer à Speranza, contre son ordre naturel qui n’est que l’autre nom du désordre absolu.*” (TOURNIER, 1972, p. 50).

⁶² “*aucune tradition ne doit prévaloir sur la voix de l’Esprit Saint qui est en nous.*” (TOURNIER, 1972, p. 50).

os textos do *log-book* e a narração dos acontecimentos intercalam-se. Depois da explosão, no fim do capítulo VIII, entretanto, não há mais alternância entre *log-book* e narração. O capítulo X, dedicado exclusivamente à escrita do diário aparece em sua última manifestação, indicando que o próprio herói atingiu também uma forma última de sua evolução.

Em partes do diário escrito em primeira pessoa, a fragmentação é tão sensível a ponto de Robinson referir-se a si mesmo como “ele”, enquanto o narrador heterodiegético, recorrendo frequentemente ao discurso indireto livre, dá voz ao protagonista. Este artifício causa a impressão de haver apenas um narrador contando a história, mas que assume formas diferentes de discursar.

Koopman-Thurlings (1991) chama a atenção para o estranhamento causado pelo discurso do *log-book*, devido ao uso de uma linguagem bastante abstrata; um vocabulário que não se adequa à personagem, ainda bastante jovem na ocasião do naufrágio. Ao mesmo tempo, as palavras só podem ser atribuídas a Crusoe em decorrência das marcas textuais bastante explícitas. Ele, por sua vez, permanece mudo grande parte do tempo, mesmo na presença dos poucos interlocutores, enquanto sua interioridade é traduzida em termos filosóficos, científicos e abstratos. “O herói não reage como o faria uma pessoa do mundo real. E mais ainda, seu mutismo permite ao narrador que imponha sua própria voz. Também vemos o discurso do narrador fundir-se com o do protagonista.”⁶³ (KOOPMAN-THURLINGS, 1991, p. 282, tradução nossa).

As observações do diário de Robinson não se restringem às suas reflexões filosóficas, mas, mesclam-se ao discurso do narrador em terceira pessoa, incorporando não apenas o vocabulário, mas também desenvolvendo os mesmos temas. O narrador retoma alguma das reflexões de Robinson e as desenvolve na parte que lhe cabe. É o tema dos gêmeos, tão caro a Tournier, retomado mais uma vez através também do discurso. Há assim um inegável jogo espiralado do discurso, no qual, em geral, o aspecto temático da obra se sobrepõe ao aspecto ficcional.

Nas narrativas pós-modernas “a freqüente alternância entre a primeira e a terceira pessoas complica a implantação da subjetividade na linguagem, pois a insere e desestabiliza ao mesmo tempo.” (HUTCHEON, 1991, p. 116). A dificuldade em localizar a propriedade do discurso assinala a fragilidade de uma instituição até então consagrada nas narrativas realistas:

⁶³ “*Le héros ne réagit pas comme le ferait une personne du monde réel. Et qui plus est, son mutisme permet au narrateur d'imposer sa propre voix. Aussi voyons-nous le discours du narrateur se fondre avec celui du protagoniste.*” (KOOPMAN-THURLINGS, 1991, p. 282).

o narrador onisciente. A pluralidade de pontos de vista permite que se crie um diálogo metatextual implícito e evita que a história seja conduzida para um desfecho óbvio.

4.2 O metadiscorso

A história contada em *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* é repleta de intervenções que direcionam o texto para determinados sentidos. O narrador onisciente, além dos fatos, discorre sobre o significado dos acontecimentos, sobre os sentimentos, as ações e os pensamentos de Robinson, direcionando o olhar do leitor.

A evolução de Robinson aparece detalhadamente diante do leitor. O narrador informa-nos exatamente em que ponto se encontra a metamorfose do herói, alertando para possíveis dificuldades e justificando cada ação. Segundo Koopman-Thurlings (1991, p. 287-288, tradução nossa), “regularmente ele intervém na narrativa para privar o leitor de seu papel de intérprete. Múltiplas são as intervenções nas quais ele dá informações suplementares”.⁶⁴

O enredo, as passagens simbólicas, as reflexões são sempre retomadas pelo narrador que as dota de um significado qualquer. Há uma preocupação em **explicar** o porquê dos acontecimentos. Por exemplo, a importância da experiência realizada durante a feitura do pão e a extensão de seu alcance na evolução do herói são dadas pelo narrador antes mesmo que qualquer conclusão a parte sobre o episódio possa formar-se na mente do leitor:

Mas se esta primeira panificação fazia-o retornar, por toda sua significação mística e universal, às fontes do humano, ela comportava também em sua ambiguidade implicações totalmente individuais àquelas – escondidas, íntimas, fíncadas entre os segredos vergonhosos de sua primeira infância – e prometidas por isso mesmo a um desabrochar imprevisto em sua esfera solitária.⁶⁵ (TOURNIER, 1972, p. 80, tradução nossa).

⁶⁴ “régulièrement il intervient dans le récit pour priver le lecteur de son rôle d’interprète. Multiples sont les interventions où il donne des renseignements supplémentaires” (KOOPMAN-THURLINGS, 1991, p. 287-288).

⁶⁵ “Mais si cette première panification le faisait remonter, par toute sa signification mystique et universelle, aux sources de l’humain, elle comportait aussi dans son ambiguïté des implications tout individuelles celles-là – cachées, intimes, enfouies parmi les secrets honteux de sa petite enfance – et promises par là même à un épanouissement imprévu dans sa sphère solitaire.” (TOURNIER, 1972, p. 80).

O próprio Robinson várias vezes faz alusões à sua própria evolução, deixando evidente que há um diálogo entre o texto e o seu leitor: “As circunstâncias extraordinárias nas quais eu me encontro justificam, eu penso, muitas mudanças de ponto de vista, principalmente sobre as coisas morais e religiosas.”⁶⁶ (TOURNIER, 1972, p. 50, tradução nossa).

Tal direcionamento da leitura é comum em narrativas pós-modernas, nas quais o narrador preocupa-se em dialogar com o leitor e compartilhar as mesmas dúvidas, expor explicitamente suas opiniões. As formas narrativas são intencionais e ideológicas, como em qualquer texto escrito, e a maior preocupação da narrativa pós-moderna é não camuflar esse aspecto e expor claramente aos leitores qual intenção e qual ideologia foi adotada. “A escritura de Michel Tournier reflete a temática do texto. Se uma é desconcertante, a outra não o é menos. A forma de seus romances é tradicional apenas na aparência.”⁶⁷ (KOOPMANN-THURLINGS, 1991, p. 291, tradução nossa).

Através de suas intervenções, o autor “levanta questões sobre (ou torna problemáticos) o senso comum e o ‘natural’.” (HUTCHEON, 1991, p. 13). O caráter ideológico da obra vai além de uma crítica ao pensamento econômico burguês. Há uma descentralização do discurso de uma tradição branca masculina, através da ironia. O paradigma de existência feliz é um mestiço de negro com índio. O sexo superior não é masculino ou feminino, mas ambos, a androginia.

4.2.1 A inserção do discurso científico

Na obra de Michel Tournier não são raras as aparições de termos e explicações de caráter científico. O vocabulário, muitas vezes, inusual no cotidiano parece ser tomado de enciclopédias.

A classificação de várias espécies vegetais, a exposição de teorias filosóficas, a citação de trechos da obra de Benjamin Franklin fazem parte da obra assim como os acontecimentos ficcionais mais inusitados. No capítulo II, referente à construção do navio *Évasion*, o vocabulário repleto de termos marítimos, de carpintaria e de marcenaria, além das referências

⁶⁶ “*Les circonstances extraordinaires où je me trouve justifie, je pense, bien des changements de point de vue, notamment sur les choses morales et religieuses.*” (TOURNIER, 1972, p. 50).

⁶⁷ “*L’écriture de Michel Tournier reflète la thématique du texte. Si l’une est déconcertante, l’autre ne l’est pas moins. La forme de ses romans n’est traditionnelle qu’en apparence.*” (KOOPMANN-THURLINGS, 1991, p. 291).

minuciosas de espaço, dimensão e tempo, mesclam-se à narração de outros acontecimentos, de modo a fincar uma estaca no universo do real e ao mesmo tempo outra no do imaginário e ficcional.

O discurso científico dota a narrativa de uma abrangência que dificulta a determinação da categoria à qual a obra se enquadra, ao mesmo tempo narrativa ficcional, almanaque e espelho das ideias do autor.

O discurso filosófico, outra marca comum às personagens de Tournier, atribui às personagens palavras que não parecem lhes pertencer. As reflexões contidas no *log-book* figuram no texto com a missão de transmitir ao leitor certos pensamentos, sem haver primazia pela verossimilhança. Não há como discernir claramente entre narrador e autor, procedimento básico nas narrativas ficcionais. O narrador de Tournier é a extensão de suas próprias ideias, instrumento para transmissão de suas teorias e se mescla, ao mesmo tempo, à própria personagem. Há uma identificação inegável entre o autor e a sua personagem, cujo laço principal é o narrador onisciente.

4.3 A apropriação: intertextualidade e reescritura

É inegável o valor e a qualidade literária da obra de Michel Tournier. *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* é o primeiro livro do autor, fruto de uma longa trajetória, trabalhado com riqueza de detalhes. Ele é, também, um paradoxo em relação a um dos valores mais destacados na modernidade como parâmetro de qualidade artística: a originalidade.

Esta constatação não faz de Michel Tournier um plagiário. Não há uma intenção de se nomear autor da narrativa de Defoe, há uma intenção de reapropriação bastante explícita. O nome de personagens, a retomada quase literal de algumas passagens e, até determinada altura da narrativa, o mesmo fio condutor do enredo pairando sobre a trajetória do herói deixam clara a referência à obra de Daniel Defoe.

A intertextualidade explícita evidencia o objetivo de reescrever a história de Daniel Defoe, de adequá-la ao pensamento de Michel Tournier, de torná-la mais profunda e significativa para a sociedade contemporânea. O impacto causado por uma obra desse tipo é grandioso. O próprio leitor já tem suas referências e impressões sobre a narrativa da vida do náufrago Robinson Crusoe. Durante a leitura, há contestação e desconstrução das certezas da personagem e do próprio leitor. Uma narrativa desse tipo, não apenas inaugura uma nova

concepção de um tema, mas faz questionar a compreensão tida do texto original. Tomar como referencial um texto cânone da literatura é uma forma de atrair mais o leitor e, um leitor específico. Aquele que conhece a primeira história, o texto original, provavelmente sentir-se-á mais atraído pelo seu intertexto e terá mais tocada a sua percepção mais ou menos cristalizada da realidade descrita.

Sobre a relação entre o texto precursor e o texto de Tournier, Michel Worton (1991, p. 228, grifo do autor, tradução nossa) afirma que “ressaltando a dependência e mesmo a contestação, ela toma sobretudo a forma de um **diálogo** que suscita no leitor uma especulação criadora, que conduz à reinterpretação da história cultural e ao reconhecimento que a etiologia é (apenas) um jogo intertextual.”⁶⁸

Posicionar o referencial no passado é, segundo Hutcheon (1991) mais uma das principais características do tipo de escritura a que nomeia pós-moderna. É um olhar que retoma um ponto remoto da história, a fim de uma “reavaliação crítica”.

Os romances adeptos dessa perspectiva são denominados “metaficção historiográfica”. “Com esse termo, refiro-me àqueles romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos.” (HUTCHEON, 1991, p. 22), como é o caso do romance de Tournier, no qual a história de Robinson Crusoe é incorporada e desafiada, recontada de modo diferente. O referencial é inevitavelmente outra narrativa (ou discurso), daí seu nome de metaficção. Esse tipo de narrativa não nega nem afirma necessariamente seu referente, mas problematiza-o. (HUTCHEON, 1991). Ele nos conduz a pensar sobre os acontecimentos descritos.

A história de Robinson Crusoe tem lugar de destaque na narrativa, é o seu carro-chefe, e, ao mesmo tempo, sofre ataque constante. Retomar uma história consagrada de outro ponto de vista é o reflexo de novas abordagens de temas antes negligenciados, como o papel do indígena na história da colonização. A personagem Vendredi evidencia o ser humano existente no indígena e o valor de suas tradições. Ele não é um elemento interferente da história da civilização, ele é também um personagem dela. O fato de não compor o rol dos homens civilizados não o exclui da história, mas, sim, demonstra que houve outra perspectiva, outros pontos, outras histórias que compuseram a realidade.

⁶⁸ “*Relevant de la dépendance et même de la contestation, elle prend surtout la forme d’un **dialogue** qui suscite chez le lecteur une speculation créatrice, laquelle conduit à réinterpréter l’histoire culturelle et à reconnaître que l’étiologie (n’) est (qu’) un jeu intertextuel.*” (WORTON, 1991, p. 228, grifo do autor).

Além da obra de Defoe, há muitos outros intertextos e referenciais componentes na estrutura de *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique*. É o caso da retomada subversiva do gênero *Bildungsroman*.

O gênero diz respeito, basicamente, a “obras em cujo centro esteja a história de vida de um protagonista jovem, história essa que conduz, por meio de uma sucessão de enganos e decepções, a um equilíbrio com o mundo.” (MAAS, 2000, p. 62). A definição aplica-se, pois, também à obra de Michel Tournier. Entretanto, o caráter subversivo é bastante acentuado. Segundo Arlette Bouloumié (1991), os romances de Michel Tournier contam uma metamorfose descrita tanto como uma conversão, como uma perversão.

Não há como negar a passagem de Robinson por etapas de formação. O estágio final alcançado é bastante superior àquele em que se encontrava no início da narrativa. Porém, enquanto o romance de formação em sua gênese era uma forma correspondente do espírito burguês, o romance de Tournier é uma narrativa inserida na modernidade. Um período em que os valores burgueses de progresso, ciência e dinheiro como tripé fundamental da sociedade estão no seu auge, mas, por outro lado, um período que nega a si próprio e exprime várias formas de contestação dessa organização. Contestação presente principalmente nas formas artísticas. Pois, o que é a literatura senão a expressão do estado de espírito vigente.

Inserido nesse espírito moderno, Tournier conduz a formação de sua personagem no sentido de negação e contestação à burguesia e seu tripé fundamental. Robinson reproduz todos os valores burgueses de sua sociedade na primeira etapa de sua permanência na ilha, mas isso só serve para mostrar valores preconceituosos e “razões irracionais” do homem burguês.

A própria mentalidade escravocrata de Robinson acaba por ser suplantada por um sentimento oposto. Robinson considerava Vendredi inferior a ele e termina por considerá-lo, na verdade, bastante superior, pois se torna o mentor de Robinson no seu processo de formação.

Ora, quando se pensa na palavra mentor, vem à mente a imagem de alguém mais velho que o seu aprendiz. Alguém sensato, prudente, sério, uma figura realmente respeitável, como se apresenta na maior parte dos livros. Mas, na obra de Tournier, segundo o pensamento da época, Vendredi era muito inferior a Robinson, como o próprio naufrago deixa entender: “Deus me enviou um companheiro. Mas, por um desígnio bastante obscuro de sua Santa

Vontade, ele escolheu-o no mais baixo grau da escala humana.”⁶⁹ (TOUNIER, 1969, p. 146, tradução nossa).

Há, além disso, uma função implícita na formação do jovem burguês. Ele deve desenvolver-se individualmente. Ao completar sua trajetória deve estar pronto para conviver no meio social, não só como alguém com ricas experiências e de caráter íntegro, mas também, como alguém portador de benefícios à sua sociedade. Porém, Robinson permanece na ilha isolando-se do convívio social.

O caminho do sucesso escolhido por Tournier para suas obras parece basear-se num ideal de subversão de seus predecessores e não de imitação. A intertextualidade e a referência são encontradas ainda explicitamente na retomada de alguns trechos da obra de Benjamin Franklin e de diversos textos. Porém, o direcionamento da leitura destes textos dentro da obra de Tournier encaminha-se para uma contestação de suas afirmações.

⁶⁹ “*Dieu m’a envoyé un compagnon. Mais, par un tour assez obscur de sa Sainte Volonté, il l’a choisi au plus bas degré de l’échelle humaine.*” (TOUNIER, 1969, p. 146).

5 OS MITOS NO MITO

Vendredi ou Les Limbes du Pacifique está repleto de imagens e símbolos míticos, principalmente aqueles que fazem referência aos ritos de iniciação nas antigas sociedades. A recorrência a arquétipos universais torna a narrativa de Tournier capaz de espelhar não apenas o retrato de uma determinada sociedade ou situação, como também de fazer refletir uma série de problemas aflitivos a todo o mundo em qualquer tempo. Temas como a solidão, a relação do homem com o outro e com a natureza, o desenvolvimento pessoal, a vida e a morte e o seu sentido estão entrelaçados na composição do livro.

A busca da personagem dirige-se rumo à superação da condição humana, ligando a narrativa de Tournier aos mitos de heróis em busca da imortalidade. Os processos de morte e renascimento simbólicos atravessados por Crusoe equiparam sua trajetória à de um deus, cuja essência divina se identifica com os processos cíclicos da natureza.

A frequente ocorrência de símbolos e alegorias em *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* causa a impressão da existência de um sentido oculto para desvendar a cada linha. Jung (1977, p. 20) esclarece que “uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato.” Na análise dos símbolos é preciso estar preparado a explorar ideias em um nível aquém da racionalidade.

A insistência dos símbolos na literatura pós-moderna é uma maneira de tentar recuperar a capacidade humana de absorver sensações e dotá-las de uma significação para a realidade concreta, seja um sentimento, uma intuição ou o enriquecimento interior. Em contato direto com a natureza e vivenciando experiências profundamente simbólicas, Robinson evolui seu espírito. A solução encontrada para harmonizar seu mundo interior e o seu espaço é isolar-se completamente da sociedade moderna e de todo tipo de civilização ou racionalização. “À medida que aumenta o conhecimento científico diminui o grau de humanização do nosso mundo. [...] Acabou-se o contato com a natureza, e com ele foi-se também a profunda energia emocional que esta conexão alimentava.” (JUNG, 1977, p. 95).

O levantamento dos principais aspectos de alguns símbolos recorrentes na obra estão expostos a seguir e foram tomados, em sua maior parte, das obras do historiador de religiões Mircea Eliade e do antropólogo e pensador francês Gilbert Durand.

5.1 O primitivismo

O homem contemporâneo vive em um mundo desprovido de espiritualidade, competitivo, onde o maior valor é material. Isso gera uma crise na essência humana, pois, desde os mais antigos tempos, o homem conviveu com crenças espirituais e míticas que davam sentido à sua existência.

A evolução da ciência, da tecnologia e do racionalismo, a partir do Iluminismo, foi derrubando gradativamente superstições e crenças e substituindo-as por explicações lógicas e epistemologias. Mas, ainda que o homem moderno acredite nas revelações da ciência, em seu subconsciente persiste uma ligação mística com antigos símbolos. A lua, por exemplo, mesmo tendo sido explorada e analisada cientificamente, incita na mente humana sua atmosfera de mistério e sedução e é, ainda hoje, cantada pelos poetas, como entidade dotada de poderes escondidos.

A existência de Deus também é pouco a pouco negligenciada pela sociedade contemporânea. Quanto a esse ponto, porém, há uma controvérsia: o homem não pôde ainda explicar a origem de todas as coisas. Acostumado a atribuir autoria a qualquer criação, o ser humano não conseguiu determinar como surgiu a existência, apesar de todos os avanços da ciência. Não existe hoje uma explicação difundida para substituir a crença do deus-criador e saciar a necessidade humana de conhecer a origem do universo. A sociedade contemporânea vive uma crise gerada por esse paradoxo. O homem moderno e racional não aceita a existência de Deus pela falta de comprovação científica e, ao mesmo tempo, ele não se conforma de sua incapacidade de desvendar a própria essência.

A crise atira o homem em direção a um retorno ao passado, às sociedades nas quais não havia questionamento sobre a existência de Deus, e o homem não necessitava explicar tudo para viver harmoniosamente. “O mundo moderno – em crise desde sua ruptura do inconsciente com o cristianismo – está em busca de um novo mito, o único que lhe permitirá reencontrar uma nova fonte espiritual e lhe devolverá as forças criadoras.”⁷⁰ (JUNG apud ELIADE, 1957, p. 23, tradução nossa). Há, atualmente, por isso, uma supervalorização do primitivo. Segundo Bouloumié (1988, p. 7, tradução nossa), “a cultura moderna, acreditando-se desgastada, busca uma fonte de energia no primitivo e nos mitos fundamentais do

⁷⁰ “*Le monde moderne – en crise depuis sa rupture des profondeurs avec le christianisme – est en quête d’un nouveau mythe, qui seul lui permettra de retrouver une nouvelle source spirituelle et lui rendra les forces créatrices.*” (JUNG apud ELIADE, 1957, p. 23).

passado.”⁷¹ A natureza humana tem a necessidade de reconquistar antigos valores, de voltar a redescobrir coisas que já não fazem parte de sua realidade. Daí a recorrência ao mito, meio mais comum de fundamentar e justificar “comportamentos e atividades humanas” nas sociedades primitivas.

Em *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* esta busca reflete-se na figura do indígena Vendredi. Através de sua influência, Robinson entra em contato com uma realidade dotada de simplicidade livre das angústias dos tempos modernos. A sociedade moderna, parâmetro de desenvolvimento humano bem-sucedido para muitos, é vista no romance de Tournier como retrógrada e equivocada, enquanto o primitivo e o natural são apresentados como ícones de uma existência perfeita.

Para muitos modernistas dos anos 60, o homem estava irremediavelmente imerso em um universo frenético e devia adequar-se a essa realidade da melhor maneira possível. “Seu ideal era cada um abrir-se à imensa variedade e riqueza de coisas, materiais e ideais, que o mundo moderno inesgotavelmente oferece.” (BERMAN, 1986, p. 31). A natureza perdia, nesse contexto, todo seu poder mágico, reduzida à mera fonte de exploração de recursos. Seus elementos desproviavam-se de significados místicos e transformadores. “Nenhum rio abriga mais um espírito, nenhuma árvore é o princípio de vida do homem” (JUNG, 1977, p. 95).

O interesse atual do homem moderno pelo primitivo expressa uma força inovadora que revoluciona em relação a tais ideias:

Essa recuperação da memória, após a amnésia forçada de meio século, se manifesta nos costumes, na indumentária [...], na difusão em massa de um interesse pela história e por seus produtos, na necessidade cada vez maior de ter experiências contemplativas e contato com a natureza, necessidade que parecia uma antítese para a civilização das máquinas (PORTOGHESI apud HUTCHEON, 1991, p. 63).

O modo como o homem das sociedades arcaicas encara a temporalidade é um dos fatores de maior contraste com o pensamento moderno. Enquanto o homem moderno se baseia na História para enxergar fatos como realidade, o primitivo acredita numa passagem do tempo cíclica. A vida humana é considerada como repetição de acontecimentos primordiais, realizados inicialmente pelos deuses. Segundo Eliade (1989), a manutenção da existência, na

⁷¹ “La culture moderne, se croyant épuisée, cherche une source d’énergie dans la primitivité et les mythes fondamentaux du passé.” (BOULOUMIÉ, 1988, p. 7).

concepção primitiva, firma-se na realização de rituais que representam e, acima de tudo, restabelecem a harmonia do começo dos tempos. Nenhum fato é, portanto, irreversível, para o homem primitivo, se não for a repetição de um ato realizado *a priori* pelos deuses.

Tournier pode, assim, firmado em uma concepção primitivista, tomar a história de Robinson Crusoe e “repeti-la” alterando seu desfecho, dotando a narrativa de um valor simbólico que lhe garanta a perenidade, através da representação de atos primordiais.

Copiando o comportamento e adequando-se ao pensamento selvagem, mesmo o homem moderno pode abolir o tempo e se instalar na eternidade. Não é preciso se submeter às restrições da sociedade, à lógica impositiva e desigual do mercado ou à moralidade burguesa. Quando se é “selvagem”, a existência liga-se a um único imperativo: a natureza.

5.2 Símbolos de ascensão

Mesmo que subliminarmente, o homem apega-se a símbolos que lhe trazem conforto. Assim acontece com os símbolos de ascensão. O homem relaciona o alto com o divino, o superior. No caso de Robinson, inserido em um processo evolutivo, os símbolos ascensionais são uma constante. Não é por acaso que, como se destacou ao tratar sobre o espaço, Robinson sai de uma ligação telúrica para uma ligação aérea. Essa transição indica não apenas a mudança de uma ordem para a outra, mas identifica a metamorfose com um processo de ascensão, ou seja, benéfico:

O simbolismo da ascensão significa sempre o rompimento de uma situação “petrificada”, “obstruída”, a ruptura de nível que torna possível a passagem para um outro modo de ser; no fim das contas, a liberdade de se “movimentar”, ou seja, de mudar de situação, de abolir um sistema de condicionamentos.⁷² (ELIADE, 1957, p. 149, tradução nossa).

A árvore, um símbolo bastante polivalente, está associada a valores ascensionais. Toda árvore é um microcosmo. Ela faz parte dos símbolos da categoria vegetal, representantes de

⁷² “*Le symbolisme de l’ascension signifie toujours l’éclatement d’une situation ‘petrifiée’, ‘bouchée’, la rupture de niveau qui rend possible le passage vers un autre mode d’être; en fin de compte la liberté de se ‘mouvoir’, c’est-à-dire de changer de situation, d’abolir un système de conditionnements.*” (ELIADE, 1957, p. 149).

universos cíclicos, mas adquire também outra significação devido à sua verticalidade. Facilmente a imagem da árvore transmuta-se do ciclo para a ascensão progressiva. Ela é uma espécie de elo entre o alto e o baixo. Ao mesmo tempo tem suas raízes fincadas na terra e lança seus ramos em direção ao céu indicando o alto. Na descrição do tempo primordial, Céu e Terra estavam tão próximos, que era possível aceder ao primeiro, simplesmente subindo no alto de uma árvore. (ELIADE, 1957).

Outra forma de alcançar os céus é através do voo. As representações de voo são em geral benéficas. A atração que ele exerce no imaginário do homem reflete-se nas tecnologias desenvolvidas, como o balão e o avião, em objetos lúdicos, como os papagaios de papel, ou nas próprias conotações que o voo exerce no imaginário moderno. O voo é, em geral, relacionado à liberdade, à imaginação, à alegria, ao desenvolvimento intelectual. “O ‘vôo’ traduz a inteligência, a compreensão das coisas secretas ou das verdades metafísicas.”⁷³ (ELIADE, 1957, p. 134, tradução nossa).

A libertação engendrada pelo simbolismo do voo não diz respeito apenas a constrangimentos sociais, morais, etc, mas também uma libertação da condição humana, uma libertação em rumo à transcendência, pela superação das limitações físicas. Essa significação explicitada pelo voo é constante em todos os níveis de cultura. (ELIADE, 1957).

A transcendência está ligada em todo mundo ao simbolismo celeste. O céu subentende “sacralidade da transcendência”. As figuras divinas estão relacionadas em geral à imagem do céu. Ele pode ser a morada, a origem ou o destino dos deuses, depois de uma epifania.

Ao contrário, muitos símbolos ligados ao baixo têm uma conotação negativa. A imagem da queda relaciona-se à impotência do homem diante do tempo, a inevitabilidade de sua ação. Durante uma subida, “a vertigem é a imagem inibidora de toda a ascensão, um bloqueamento psíquico e moral que se traduz por fenômenos psicofisiológicos violentos. A vertigem é um relembrar brutal da nossa humana e presente condição terrestre.” (DURAND, 1997, p. 111-113).

A velocidade e o impacto da queda potencializam sua conotação negativa da mesma forma que os símbolos ascensionais têm seu valor positivo aumentado conforme a intensidade do impulso. Para Durand (1997, p. 135), “a flecha – cuja manipulação implica a pontaria – seria símbolo do saber rápido, e o seu duplicado é então o raio instantâneo que o relâmpago é.”

⁷³ “*le ‘vol’ traduit l’intelligence, la compréhension des choses secrètes ou des verités métaphysiques.*” (ELIADE, 1957, p. 134).

A postura ereta do homem e o posicionamento de certas figuras em locais altos ilustram imagens de soberania. A cabeça, parte mais elevada do corpo humano, “é ao mesmo tempo o signo, o resumo abstrato da pessoa, e o rebento pelo qual o indivíduo cresce em idade e em sabedoria.” (DURAND, 1997, p. 142). Aquele que contempla algo de um lugar alto tem a sensação de “dominação do universo”.

5.3 O Sol

Em *Vendredi*, o sol é o símbolo fundamental de confirmação da evolução de Robinson. Sua associação com o astro-deus é uma das etapas finais da evolução. Uma relação identitária estabelece-se entre as duas figuras. Os cabelos ruivos de Robinson, característica destacada na narrativa, e a identificação com o deus Apolo, em oposição a Dioniso, representado por *Vendredi*, são indicadores da forte ligação entre o protagonista e a estrela. Apolo é o deus do sol, da luz, e a grande importância que o astro-rei adquire na existência de Robinson permite associá-lo imediatamente ao deus.

Assim como os símbolos de ascensão, os símbolos relacionados à luz têm conotação positiva. Segundo Bachelard (apud DURAND, 1997, p. 124), “é a mesma operação do espírito humano que nos leva para a luz e para a altura.” Os dois tipos de símbolos indicam um estado elevado de purificação.

Além disso, o sol guarda em si traços da simbologia ascensional. Ele ergue-se no céu todos os dias, vencendo as trevas, trazendo luz e calor. “É a ascensão luminosa que valoriza positivamente o sol.” (DURAND, 1997, p. 151). Ele é representação da força e da potência uraniana.

A imagem do sol nascente tem ligação com a representação do nascimento do ser humano. Assim como a criança rompe o ventre da mãe, o sol rompe a escuridão para chegar à vida. A separação entre luz e trevas aponta para um estado de perfeição. A Noite significa o caos, enquanto o nascer do sol imita a cosmogonia, ou seja, a criação do mundo.

A depreciação do negro, da noite, como símbolo de “pecado, angústia, revolta e julgamento” (DURAND, 1997, p. 91) liga-o ao tempo histórico, ao tempo que aniquila e degenera. Durand (1997, p. 92) lembra que “entre quase todos os primitivos [...] conta-se o tempo por noites e não por dias.”

Além da luz, opondo-se aos símbolos da escuridão, o sol é dotado de uma outra imagem benéfica: o fogo. Acima de qualquer outro símbolo, representa para muitas sociedades arcaicas o elemento chave de purificação e renovação:

Com efeito, o fogo renova o mundo; por ele será restaurado um mundo novo, livre da velhice, da morte, da decomposição e da podridão, eternamente vivo, eternamente crescente, ao mesmo tempo os mortos se levantarão, a imortalidade chegará aos vivos, o mundo renovar-se-á conforme o desejado. Trata-se por consequência de uma *apokatastasis*⁷⁴ da qual os bons não têm nada a temer. A catástrofe final colocará fim à história, pois reintegrará o homem na eternidade e na beatitude.⁷⁵ (ELIADE, 1969, p. 146-147, tradução nossa).

O calor acrescenta-se a todos os atributos positivos do sol. É comum a existência de expressões linguísticas referentes a um sentimento de excitação ou êxtase religioso com palavras que conotam esta sensação térmica. “Um grande número de tribos ‘primitivas’ concebem o poder mágico-religioso como ‘abrasador’ e o exprimem por termos que significam ‘calor’, ‘queimadura’, ‘muito quente’, etc.”⁷⁶ (ELIADE, 1957, p. 183, tradução nossa).

5.4 Ritos de iniciação e de retorno e o mito cosmogônico

O mito cosmogônico é o mito de origem e formação do mundo conhecido, do universo ou da criação de partes deles.

⁷⁴ Renovação.

⁷⁵ “*En effet, le feu renouvelle le monde; par lui sera restauré un monde nouveau, soustrait à la vieillesse, à la mort, à la décomposition et à la pourriture, vivant éternellement, croissant éternellement, alors que les morts se relèveront, que l’immortalité viendra aux vivants, que le monde se renouvellera à souhait. Il s’agit par conséquent d’une apokatastasis dont les bons n’ont rien à redouter. La catastrophe finale mettra fin à l’histoire, donc réintégrera l’homme dans l’éternité et la béatitude.*” (ELIADE, 1969, p. 146-147).

⁷⁶ “*Un grand nombre de tribus ‘primitives’ se représentent le pouvoir magico-religieux comme ‘brûlant’ et l’expriment par des termes qui signifient ‘chaleur’, ‘brûlure’, ‘très chaud’, etc.*” (ELIADE, 1957, p. 183).

Na obra de Tournier, os símbolos que remetem ao momento da criação abundam. A *souille*⁷⁷, é o espaço da indeterminação, a ilha é um limbo, nada parece ainda estar devidamente distinto nesse universo, no início da narrativa.

Segundo Eliade (1969), os primitivos acreditavam que para um homem ou uma situação se renovar era preciso retornar aos primórdios, ao começo dos tempos, *in illo tempore*, quando os elementos ainda não estavam completamente separados.

As fases evolutivas de Robinson, de sua iniciação, são marcadas pelos elementos da natureza. Água, terra, ar e fogo carregam em si potencial de renovação. A água representa tradicionalmente uma realidade não-humana, onde a vida se dissolve, ligada geralmente a símbolos de morte. No caso da clepsidra, a água que escorre simboliza o tempo que passa. Paradoxalmente, pode se associar a água à regeneração e à gestação, por causa do líquido amniótico. É bastante difundida também a crença de que a água é um elemento de purificação. A água lava as impurezas e permite uma renovação do corpo e da alma.

A terra liga-se aos símbolos de feminilidade e, portanto, também tem potencial de ser mãe. A terra fértil gera vida em abundância. Na mitologia grega, a terra, Gaia, une-se ao céu, Urano, e dá origem aos outros deuses conhecidos.

O elemento ar, associado à figura de Vendredi, marca uma fase da vida de Robinson marcada pela imprevisibilidade e pela crise. Assim como acontece com o vento, não é possível determinar os movimentos do seu espírito. De qualquer forma, o ar pela sua relação com os símbolos ascensionais tem um simbolismo positivo.

O fogo é o elemento representado por meio do culto de Crusoe ao sol. Este deve ser o último, pois para poder entrar em contato com esse elemento é preciso que Robinson já tenha alcançado o último grau de sua evolução. Segundo Frye (1957, p. 153), “o fogo, no mundo inocente, é em regra um símbolo purificante, um mundo de flamas que ninguém, a não ser os perfeitamente castos, pode atravessar”. O fogo simboliza nas etapas de iniciação a ressurreição e é a fase mais importante da evolução do homem, uma fase de intelectualização e compreensão do cosmos.

Todas essas fases ligam-se a ritos primitivos de iniciação. Para o homem primitivo o único modo de regenerar o homem é levá-lo de volta às origens. Dessa forma, ele poderá nascer de novo, no momento da criação do mundo, quando houve uma liberação enorme de energia e fertilidade. Ritos de renovação através do retorno à cosmogonia, ao momento da criação do mundo, são realizados periodicamente nas sociedades arcaicas. O momento da

⁷⁷ Chiqueiro, lameiro, monturo. (BURTIN-VINHOLES, 2003).

criação é o momento de maior perfeição, o afastamento desse ponto implica uma degeneração em direção ao fim. Portanto, é preciso sempre voltar no tempo.

Para reatingir a perfeição dos primórdios, entretanto, é necessário destruir tudo que existe e se degenerou. Em ritos de passagem da adolescência para a vida adulta, o jovem é aterrorizado até a morte. “A carne transfigurada, ou seja passada no fogo do sofrimento e da morte, é ela e somente ela que transmite a vida. Pois toda transmissão autêntica paga-se com uma morte”⁷⁸ (PIRARD, 1991, p. 89, tradução nossa). A passagem por experiências que causam medo, sofrimento, tortura, leva Robinson à descoberta de um novo modo de vida, revelando a existência do sagrado, da sexualidade e da morte:

[...] aos olhos do primitivo, esta terrível experiência de agonia é indispensável ao nascimento de um homem novo. Nenhuma iniciação é possível sem uma agonia, uma morte e uma ressurreição rituais. Julgada na perspectiva das religiões primitivas, a agonia do mundo moderno é o sinal de morte iminente, mas de morte necessária, salvadora, porque ela é seguida por uma ressurreição e tornará possível o acesso a um novo modo de ser, aquele da maturidade e da responsabilidade.⁷⁹ (ELIADE, 1957, p. 67-68, tradução nossa).

A primeira etapa de toda a iniciação é a separação do adolescente e sua família. Ele é retirado do aconchego do lar para um lugar onde terá de experimentar provações e sofrimentos, em geral, na selva, na floresta. “A floresta é um símbolo do além, nós a encontraremos em numerosos ritos iniciáticos e mistérios dos povos primitivos.”⁸⁰ (ELIADE, 1957, p. 237, tradução nossa). Muitas vezes, nesses lugares, existe uma cabana, símbolo do ventre materno, onde o neófito retorna ao estado pré-natal e deve reviver a cosmogonia. Só dessa maneira ele poderá tornar-se contemporâneo dos primeiros tempos, tornando-se um novo homem.

⁷⁸ “*La chair transfigurée, c’est-à-dire passée au feu de la souffrance et de la mort, c’est elle et elle seule qui transmet la vie. Car toute transmission authentique se paie d’une mort*” (PIRARD, 1991, p. 89).

⁷⁹ “[...] *aux yeux du primitif, cette terrible expérience d’angoisse est indispensable à la naissance d’un homme nouveau. Pas d’initiation possible sans une agonie, une mort et une résurrection rituelles. Jugée dans la perspective des religions primitives, l’angoisse du monde moderne est le signe d’une mort imminente, mais d’une mort nécessaire, salvatrice, parce qu’elle est suivie par une résurrection et rendra possible l’accès à un nouveau mode d’être, celui de la maturité et de la responsabilité.*” (ELIADE, 1957, p. 67-68).

⁸⁰ “*La forêt est un symbole de l’au-delà, nous la retrouverons dans des nombreux rites initiatiques et mystères des peuples primitifs.*” (ELIADE, 1957, p. 237).

Para o homem arcaico a existência se faz de um processo cíclico composto de três partes: geração, morte e regeneração. O homem não pode se acomodar em nenhum desses estados da existência, mas deve manter-se em constante movimento entre as fases e assim garantir a eternidade de sua existência.

A representação dos esquemas cíclicos tem vários símbolos, começando pela roda, seu arquétipo universal, e passando pela serpente *ouroboros*. “Na sua primeira acepção simbólica, o *ouroboros* ofídico aparece assim como o grande símbolo da totalização dos contrários, do ritmo perpétuo das fases alternadamente negativas e positivas do devir cósmico.” (DURAND, 1997, p. 318). Outro símbolo de movimento cíclico presente em *Vendredi* é a lua. Devido a sua divisão em fases, “a lua sugere sempre um processo de repetição.” (DURAND, 1997, p. 287). Ela morre e renasce repetidamente todos os meses e, ao mesmo tempo marca o tempo e explicita o “eterno retorno”. Assim como a humanidade ela tem fase de crescimento, decrepitude e desaparecimento. Entretanto esse desaparecimento não significa o seu fim, pois ela sempre renasce de novo. A associação do ciclo lunar à existência humana guarda um caráter otimista, pois revela a crença em uma renovação constante da humanidade e de que cada catástrofe engendra um recomeço. A imortalidade não significa para as sociedades primitivas uma sobrevivência à morte, mas sim, a possibilidade de morte e renascimento contínuos.

A árvore também é um símbolo cíclico. Uma imagem recorrente em certas culturas é a árvore invertida. Esta, segundo Durand (1997, p. 344), “é bem signo da coexistência, no arquétipo da árvore, do esquema da reciprocidade cíclica.” Em certas culturas a árvore invertida significa que a energia vem do alto para a terra. A força do símbolo cíclico da árvore é reforçada pela possibilidade inerente de se passar do ciclo à transcendência. O processo evolutivo da árvore caracteriza-se pela sua renovação constante através das estações da natureza, mas também pelo seu crescimento vertical. Daí surge uma ambiguidade, pois seu progresso, sua evolução se baseia no decorrer do tempo. O tempo tomado até agora como agente implacável da destruição, da degeneração, nesse contexto, assume um caráter benéfico, de tempo de maturação e revigoramento. A passagem do tempo implica um desenvolvimento natural das habilidades, da capacidade de crescer e frutificar:

Nas mitologias e religiões, as principais significações do simbolismo da Árvore – aliás bastante complexo – são solidárias da ideia de renovação periódica e, infinita, de regeneração, de “fonte de vida e juventude”, de

imortalidade e de realidade absoluta.⁸¹ (ELIADE, 1957, p. 18, tradução nossa).

Outro fator que ameniza o caráter degenerador do tempo é a memória. Através dela é possível “reviver” situações difíceis e repará-las. A maior parte dos problemas de ordem psicológica resolve-se quando o indivíduo consegue voltar até a infância e enfrentar seus traumas. “Quando a psique está em crise, é à infância que é preciso voltar para reviver e deparar-se novamente com o evento que provocou a crise.”⁸² (ELIADE, 1957, p. 57, tradução nossa).

5.5 Símbolos de intimidade: o ventre da terra mãe e esposa

A terra tem um importante papel no processo evolutivo de Robinson. Ele estabelece uma relação com a ilha que ultrapassa a condição de um homem adaptado ao seu espaço de sobrevivência. Sua relação é de um caráter pessoal e íntimo.

Essa intimidade é traduzida por meio de diferentes símbolos. A gruta simboliza não apenas o centro da ilha, mas pode ser vista também como o seu ventre.

Muitos ritos de passagem iniciática exigem uma descida perigosa a um lugar dentro da terra, uma gruta ou uma cratera, identificado com o útero. O local dentro da terra engendra a aproximação do seu centro:

Portanto, proeminentemente, o Centro é o âmbito do sagrado, a zona da realidade absoluta. De modo semelhante, todos os demais símbolos da realidade absoluta (árvores da vida e imortalidade, fontes da juventude, etc.) encontram-se também situados em lugares centrais. A estrada que leva para o centro é um “caminho difícil” [...]. A estrada é árdua, repleta de perigos, porque, na verdade, representa um ritual de passagem do âmbito profano para o sagrado, do efêmero e ilusório para a realidade e a eternidade, da morte para a vida, do homem para a divindade. Chegar ao centro equivale a uma consagração, uma iniciação; a existência profana e ilusória de ontem dá

⁸¹ “*Dans les mythologies et les religions, les principales significations du symbolisme de l'Arbre – d'ailleurs assez complexe – sont solidaires de l'idée de renouvellement périodique et, infini, de régénération, de 'source de vie et de jeunesse', d'immortalité et de réalité absolue.*” (ELIADE, 1957, p. 18).

⁸² “*Lorsque la psyché est en crise, c'est à l'enfance qu'il faut revenir pour revivre et affronter de nouveau l'événement qui a provoqué la crise.*” (ELIADE, 1957, p. 57).

lugar a uma nova, a uma vida que é real, duradoura, eficiente. (ELIADE, 1992, p. 27).

Eliade revela vários mitos que afirmam o tema do homem como saído da terra. Antes ele vivia sob ela e emergiu à superfície atravessando vários níveis.

[...] a condição do embrião e do recém-nascido é homóloga à existência mítica da espécie humana no seio da Terra; cada criança repete, em sua condição pré-natal, a situação da humanidade primordial. A assimilação da mãe humana à Grande Mãe telúrica é completa.⁸³ (ELIADE, 1957, p. 196, tradução nossa).

A descida ao centro é paradoxalmente uma subida no tempo. Voltar ao centro é retomar a condição de gestação. Porém, há outro lado nos símbolos de penetração no interior da terra que remete ao sepulcro e ao sepultamento, mas sem a conotação negativa que a morte assumiu nas sociedades modernas. O sepultamento é sinônimo nestes mitos de repouso e de intimidade. A terra relaciona-se não apenas aos símbolos do ventre materno como também é o local do último repouso. Ela é berço e sepulcro.

Há uma eufemização ao se considerar a caverna como símbolo de refúgio, abrigo, segurança, abolindo as condições de “trevas, o ruído e os malefícios que parecem ser os atributos primordiais da caverna” (DURAND, 1997, p. 241). A caverna é o arquétipo principal da cavidade, ou seja, da maturação do ventre, da intimidade e do sepulcro. As formas côncavas são relacionadas, acima de tudo, ao órgão feminino. A caverna, a taça ou qualquer outro símbolo de intimidade sempre remetem às figuras femininas. Portanto, toda gruta é considerada como portadora de atributos mágicos de renovação. A fase da juventude de um herói associa-se geralmente a tais imagens, ligadas à feminilidade e à sexualidade.

Os esquemas de descida, além do retorno ao ventre materno e sexual, ligam-se à deglutição do ventre digestivo. Assim como Jonas bíblico esteve no ventre da baleia antes de

⁸³ “[...] la condition de l’embryon et du nouveau-né est homologuée à l’existence mythique de l’espèce humaine au sein de la Terre; chaque enfant répète, dans sa condition pré-natale, la situation de l’humanité primordiale. L’assimilation de la mère humaine à la Grande Mère tellurique est complète.” (ELIADE, 1957, p. 196).

tornar-se um novo homem, qualquer indivíduo pode ter uma estadia no ventre do monstro que o engoliu para renascer.

5.6 Símbolos “gemelares”: o duplo

Os símbolos do duplo são recorrentes na obra de Tournier. Desde seu primeiro romance, as referências aparecem frequentemente. A relação de Vendredi e Robinson se caracteriza por meio dessa simbologia. Eles são duas partes de um mesmo todo que só pode funcionar com a intervenção dos dois. Por isso, quando Vendredi parte, Robinson tem seu mundo desequilibrado. A harmonia é retomada apenas quando surge um substituto para Vendredi, que pode novamente equilibrar a relação dual: o grumete Jaan, ou Jeudi, como o nomeia Robinson.

Tournier em seu ensaio autobiográfico *Le Vent Paraclet* ressalta a importância dos gêmeos na mitologia:

Os gêmeos teriam o lugar central de intercessores entre o céu e a terra. Este papel lhes é atribuído em várias mitologias nas quais se admite que gêmeos comandam as nuvens e a chuva [...]. Esta função explica-se aliás muito logicamente. Com efeito: gêmeos = fecundidade extraordinária da mãe. De outro lado chuva = fertilidade da terra.⁸⁴ (TOURNIER apud MIGUET, 1991, p. 170, tradução nossa).

A relação gemelar tem, portanto, potencial enorme de geração de vida e conclusivamente de renovação. Mas, o papel principal do tema dos gêmeos na obra de Tournier, parece ser a sua complementaridade.

A evocação de Robinson aos gêmeos Castor e Pólux, ou os Dióscuros, deixa bastante clara a preponderância do tema. Pólux e Castor eram filhos de Leda, com quem Zeus deitou-se em forma de cisne. Eles nasceram de um mesmo ovo, porém Pólux era imortal, filho de

⁸⁴ “*Les jumeaux y auraient eu la place centrale d’intercesseurs entre le ciel et la terre. Ce rôle leur est assigné dans plusieurs mythologies où il est admis que des jumeaux commandent aux nuages et à la pluie [...]. Cette fonction s’explique d’ailleurs très logiquement. En effet: jumeaux = fécondité extraordinaire de la mère. D’autre part pluie = fertilité de la terre.*” (TOURNIER apud MIGUET, 1991, p. 170).

Zeus, e Castor, mortal, filho de Tíndaro. Pólux por amor divide a sua imortalidade com o irmão Castor:

Castor foi morto e Pólux, inconsolável com a perda do irmão, pediu a Júpiter que lhe permitisse oferecer a sua própria vida pela do outro. Júpiter consentiu que os dois irmãos vivessem alternadamente, passando um dia na terra e outro na moradia celestial. Segundo outra versão, Júpiter recompensou a afeição dos irmãos, colocando-os entre as estrelas, como Gemini, os Gêmeos.

Os dois receberam honras divinas sob o nome de Dióscuros (filhos de Jove). (BULFINCH, 2000, p. 194).

Na narrativa de Tournier, o duplo está presente inclusive no discurso, como dito anteriormente. A história é caracterizada pela repetição, pela dualidade, em vários níveis. Primeiro em relação à narrativa de Defoe. Depois, ao próprio prefácio, no qual toda a trajetória de Robinson é contada previamente através das palavras enigmáticas do capitão Van Deyssel e do tarô. E, ainda, pela presença de duas vozes narrativas, que representam o *log-book* e a recitação do narrador onisciente.

5.7 Sexualidade e androginia

Enquanto, na obra de Defoe, a sexualidade de Robinson é totalmente suprimida, em Tournier ela é fator fundamental para a composição do enredo. Defoe resolve o problema da falta de uma companheira para o náufrago, ignorando completamente sua sexualidade. Em Tournier essa é uma problemática que assinala o processo evolutivo de Robinson.

Efetivamente, o herói começa a sua trajetória imbuído da tendência para uma relação heterossexual e evolui em direção à androginia, como reflexo de que alcançou equilíbrio, através da união de forças opostas.

O tema da androginia está intimamente ligado ao discurso do duplo. Segundo a tradição, o ser andrógino é dotado de poderes que superam qualquer indivíduo heterossexual. Bissexualidade envolve um cérebro mais ativo que o comum, pois os dois lados, o feminino e o masculino, desenvolvem-se com a mesma eficácia.

Segundo Bouloumié (1988, p. 245, tradução nossa), “a conjunção dos dois sexos num mesmo ser significa simbolicamente a coincidência dos opostos, em todos os níveis, a dualidade superada em uma harmonia superior, o que é uma definição do estado divino.”⁸⁵

Tradicionalmente, as figuras divinas são andróginas. Essa é uma maneira de representar uma realidade absoluta em um mesmo ser. Androginia implica totalidade, autonomia e força. É a união do céu e da terra. “A androginia é uma fórmula arcaica e universal para exprimir a **totalidade**, a coincidência dos contrários, a *coincidentia oppositorum*.”⁸⁶ (ELIADE, 1957, p. 215, grifo do autor, tradução nossa). Entretanto, é necessário esclarecer que a condição andrógina dos seres divinos não retirava deles sua masculinidade ou sua feminilidade. “Entendam que a androginia torna-se uma fórmula geral para exprimir a **autonomia**, a **força**, a **totalidade**; dizer de uma divindade que ela é andrógina, é dizer o equivalente a que ela é o ser absoluto, a realidade última.”⁸⁷ (ELIADE, 1957, p. 216, grifo do autor, tradução nossa).

A simbologia da lua está intimamente atada à da androginia. A lua, símbolo primordial da nossa temporalidade coloca uma ênfase igual em todas as suas fases, pela divisão exata das suas quatro fases.

A árvore, figura recorrente no livro, é também uma alegoria que remonta à androginia. Ela é o símbolo de união entre os contrários:

A árvore total, compreendendo ao mesmo tempo as raízes e os galhos, fornece um excelente símbolo de conjunto capaz de unir duravelmente opostos, terra e ar, vida e morte, luz e escuridão. O antagonismo desfaz-se pela mútua dependência das partes, igualmente pela capacidade da árvore de inverter-se [...]. A mediação do tronco permite a troca dinâmica entre os valores contidos nas raízes e aqueles que pertencem aos galhos⁸⁸ (FERGUSSON, 1991, p. 144, tradução nossa).

⁸⁵ “*La conjonction des deux sexes dans un même être signifie symboliquement la coïncidence des opposés, à tous les niveaux, la dualité surmontée dans une harmonie supérieure, ce qui est une définition de l’état divin.*” (BOULOUMIÉ, 1988, p. 245).

⁸⁶ “*L’androgyne est une formule archaïque et universelle pour exprimer la **totalité**, la coïncidence des contraires, la coincidentia oppositorum.*” (ELIADE, 1957, p. 215, grifo do autor).

⁸⁷ “*Entendez que l’androgyne devient une formule générale pour exprimer l’**autonomie**, la **force**, la **totalité**; dire d’une divinité qu’elle est androgyne, c’est dire équivalentement qu’elle est l’être absolu, la réalité ultime.*” (ELIADE, 1957, p. 216, grifo do autor).

⁸⁸ “*L’arbre total, comprenant à la fois les racines et les branches, fournit un excellent symbole d’ensemble capable d’unir durablement des opposés, terre et air, vie et mort, lumière et obscurité. L’antagonisme se défait par la mutuelle dépendance des parties, également par la capacité de l’arbre à s’invertir [...]. La médiation du tronc permet l’échange dynamique entre les valeurs contenues dans les racines et celles qui appartiennent aux branches*” (FERGUSSON, 1991, p. 144).

Outras imagens associadas são a criança, ser de sexualidade prematura e indefinida pela aparência, e a mãe, que grávida, constitui um ser duplo. Grande parte dos símbolos presentes em *Vendredi* referem-se à perfeição do ser andrógino.

É bastante significativo que a sexualidade de Robinson, para ser classificada como sobre-humana, esteja associada a um êxtase solar, dado que, em geral, para os homens “uma libido titânica desperta quando o sol adormece, e a luz do dia é frequentemente a escuridão do desejo.” (FRYE, 1957, p. 160). Além disso, a extinção de uma sexualidade carnal reforça o sentido de abolição do próprio tempo. A carne é símbolo de mortalidade e o desejo voltado para experiências metafísicas rompe com o universo ligado à temporalidade.

6 POR DENTRO DE ROBINSON CRUSOE

A partir das informações contidas nas partes anteriores deste trabalho, é possível observar com mais nitidez a composição de *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* e a significação de muitos de seus acontecimentos.

Vários fatores contribuíram para a metamorfose da personagem Robinson Crusoe: um ser humano medíocre transformado em um indivíduo altamente espiritualizado e autossuficiente. A evolução de Robinson reflete-se no aspecto físico, nas ações e nos pensamentos, além de confirmada insistentemente pelas palavras do narrador e da própria personagem.

A maneira através da qual se completa o processo do desenvolvimento de Crusoe é a principal matéria da obra e fornece as partes mais interessantes do texto. A trajetória da personagem é inspirada nos ritos de iniciação, correspondentes à passagem da adolescência à idade adulta e à renovação do homem, do herói e do mundo. Em busca de compreender mais claramente as mudanças sofridas pela personagem, certas experiências serão observadas do seu ponto de vista simbólico.

Longe das expectativas de qualquer estudioso, Tournier utiliza um leque de símbolos, alegorias e mitos, que não se limitam apenas aos ritos primitivos, mas a várias simbologias interessantes ao autor, como aquelas do tarô, da bíblia e dos mitos gregos. A fim de compor um conjunto mais coeso, este trabalho apega-se principalmente aos temas respeitantes aos mitos primitivos, sem ignorar, entretanto, outros símbolos explicitados.

6.1 Prefácio

O prefácio de *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* é um dos trechos mais intrigantes da obra devido à recorrência ao artifício do tarô para revelar a trajetória da evolução de Robinson. Esta parte, escrita por Tournier apenas depois de ter concluído o restante da obra, é um redobramento de toda a narrativa. Através dos símbolos místicos do tarô egípcio, o capitão Van Deysse, adianta ao leitor e ao próprio Robinson as fases que irão marcar a sua trajetória dali em diante. A linguagem simbólica do capitão do *Virginie* adquire sentido ao combinar-se perfeitamente com os eventos ocorridos desde o naufrágio do navio:

Tudo estava dito, mais exatamente: pré-dito. Restava apenas viver. No fundo, este prelúdio é uma ficção, um possível de possível, sobre os quais ele antecipa, colocando propriamente o destino metatextualmente. Esse passe de mágica literário confere brutalmente à aventura do solitário uma densidade existencial desconcertante. Nós naufragamos na ilha com ele, nós somos Robinson.⁸⁹ (PIRARD, 1991, p. 98-99, tradução nossa).

A leitura do tarô funciona como uma espécie de oráculo. Assim como na tragédia grega, o herói submete-se à verdade irrefutável de que o homem é predestinado a uma trajetória da qual não pode se esquivar, determinada pelas suas escolhas (*hamartía*).

Durante a leitura das cartas por Van Deysse, alguns traços da personalidade do capitão e de Robinson são revelados. O trecho de abertura da obra transparece tensão. Robinson sente-se incomodado com as maneiras do capitão, em perfeita calma, durante uma perigosa tempestade.

O misticismo do capitão é ressaltado pelas descrições feitas. Primeiro, ele é comparado a um Buda, depois a um Sileno e, por fim, a um diabo. Buda, no budismo é o título dado àqueles que alcançam a sabedoria e o conhecimento perfeitos. O Sileno é uma figura da mitologia grega, acompanhante do deus Dioniso e portador de grande sabedoria, mas de um caráter extravagante e libidinoso. A lenda conta que sob o efeito do álcool, adquiria poderes especiais e recebia o dom da profecia. A relação estabelecida entre as duas figuras faz eco na descrição da personagem. Robinson chega a afirmar que o capitão “tinha decididamente palavras de uma inquietante ressonância”⁹⁰ e choca-se “por sua inteligência dissolvente e o epicurismo cínico que ele ostentava.”⁹¹ (TOURNIER, 1972, p. 9, tradução nossa). Segundo o epicurismo, o caminho para a felicidade está numa vida de busca constante pelo prazer; uma maneira eficiente e imediata de eliminar a dor. A associação entre Van Deysse e a figura de Dioniso, reafirma a importância na obra da influência do deus Dioniso, incorporado por Vendredi. Assim, como o próprio Sileno que acompanha Dioniso, Van Deysse auxiliará Vendredi, no seu papel de iniciador de Robinson.

⁸⁹ “*Tout était dit, plus exactement: pré-dit. Il ne restait qu’à le vivre. Au fond, ce prélude est une fiction, un possible de possible, sur lesquels il anticipe, mettant proprement le destin en ‘abysses’. Ce tour de prestidigitacion littéraire confère brutalement à l’aventure du solitaire une densité existentielle bouleversante. Nous échouons sur l’île avec lui, nous sommes Robinson.*” (PIRARD, 1991, p. 98-99).

⁹⁰ “*avait décidément des mots d’une inquiétante résonance*” (TOURNIER, 1972, p. 9).

⁹¹ “*par son intelligence dissolvante et l’épicurisme cynique qu’il étalait.*” (TOURNIER, 1972, p. 9).

Símbolos presentes desde o prefácio preparam para a metamorfose de Robinson. Ou seja, não apenas o tarô informa os eventos a seguir. A tempestade e a escuridão, evocada a todo o momento, simbolizam o Caos e ao mesmo tempo preanunciam uma nova era. Para os primitivos, toda a transformação implica um retorno aos primórdios.

Robinson relaciona, em determinado momento, o barulho da tempestade, a “um sabá de bruxas”. Ao contrário do que muitos imaginam devido à campanha realizada pela igreja católica a fim de denegrir as religiões pagãs durante séculos, os sabás são comemorações de celebração da vida e da natureza, de muita alegria, bastante diferentes das orgias e rituais de sacrifício que povoam o imaginário popular.

O dia do naufrágio, 28 de setembro, é próximo à data em que se realiza o sabá do equinócio da primavera, no hemisfério sul. É o começo de uma época benfazeja, marca o início da primavera, a volta do Sol após o inverno e promete a renovação da natureza. Atribuir à tempestade um caráter de sabá faz dela o momento de início de uma trajetória rumo à renovação, ao desabrochar, ao reflorescimento, características da primavera.

Os quatro elementos da natureza estão misturados ainda nesse momento, como no início dos tempos. Água, ar, fogo e terra embaralham-se com as imagens do mar, do fogo de Santelmo, o vento e a inusitada terra da ilha. O naufrágio acontece sob a influência da congruência de todos estes elementos harmonizados.

No último parágrafo a imagem da lua cheia é evocada, indicando a estrutura cíclica dos acontecimentos. Este primeiro ciclo de eventos completa-se com o engolimento do herói pelo mar, de onde pode surgir um novo homem. Robinson é integrado a esse universo caótico, quando acorda na superfície da praia, no capítulo seguinte.

6.2 O Mago

É o demiurgo, ele comentou. Um dos três arcanos maiores fundamentais. Ele figura um pelotiqueiro em pé diante de uma bancada coberta de objetos heteróclitos. Isso significa que há em você um organizador. Ele luta contra um universo em desordem que ele se esforça em dominar com meios improvisados. Ele parece chegar lá, mas não esqueçamos que esse demiurgo é também pelotiqueiro: sua obra é ilusão, sua ordem é ilusória. Infelizmente ele o ignora. O ceticismo não é seu forte.⁹² (TOURNIER, 1972, p. 7, tradução nossa).

⁹² “C’est le démiurge, commenta-t-il. L’un des trois arcanes majeurs fondamentaux. Il figure un bateleur debout devant un étable couvert d’objets hétéroclites. Cela signifie qu’il y a en vous un organisateur. Il lutte contre un

O tarô é jogado com o intuito de levar ao autoconhecimento, orientar espiritualmente e prever o futuro. As cartas exibem imagens arquetípicas, através das quais o estudioso ou místico do tarô busca revelar uma significação da vida humana.

Na leitura feita no prefácio a primeira carta que surge é o demiurgo, ou o mago, como é conhecido tradicionalmente. A imagem representada é a de um jovem diante de uma mesa com vários objetos. É a primeira carta, a de número 1. Ela indica o início de uma trajetória. Além do início, explicita também a capacidade criadora através do poder da mente, da intelectualidade. O Mago, ou Demiurgo, é também um criador:

O mago tem em mãos, dizem os exegetas do tarô de Marselha, “todas as possibilidades de bom êxito”, “físicas, vitais e espirituais”. (TM⁹³, p.41.) Ele toma a iniciativa da “partida em direção à regeneração”. (TM, p. 42.) A carta que o representa é “tradicionalmente ligada às [...] grandes inspirações”. (TM, p. 43.)⁹⁴ (MIGUET, 1991, p. 343, tradução nossa).

Na narrativa a previsão desta carta corresponde basicamente aos dois primeiros capítulos. Nesse período, Robinson dá seus primeiros passos na superfície da ilha e sobrevive de maneira precária, sem uma morada fixa e se alimentando exclusivamente daquilo que “lhe caía nas mãos”. Após o período de inatividade, empreenderá a construção do *Évasion*, um barco que constrói na esperança de conseguir fugir da ilha.

Van Deysel chama a atenção para a ordem ilusória estabelecida no início da trajetória de Robinson. Acreditando primeiro na sua breve salvação e depois se entregando, sem pesar as reais possibilidades de sucesso, à construção de um navio.

univers en désordre qu'il s'efforce de maîtriser avec des moyens de fortune. Il semble y parvenir, mais n'oublions pas que ce demiurge est aussi bateleur: son œuvre est illusion, son ordre est illusoire. Malheureusement il l'ignore. Le scepticisme n'est pas son fort.” (TOURNIER, 1972, p. 7).

⁹³ *Tarot de Marseille*, de Dicta e Françoise (Mercure de France, 1980).

⁹⁴ “*Le bateleur a en main, disent les exégètes du tarot de Marseille, ‘toutes les possibilités de réussite’, ‘physiques, vitales et spirituelles’.* (TM, p. 41) *Il prend l’initiative du ‘départ vers la régénération’.* (TM, p. 42) *La carte qui le représente est ‘traditionnellement en rapport avec [...] les grandes inspirations’.* (TM, p. 43)” (MIGUET, 1991, p. 343).

6.2.1 Capítulo I

A primeira etapa da preparação de um neófito rumo à formação de um novo homem é a morte ritual. Nesse tipo de preparação, ele é separado do meio social e posto em uma situação repleta de sofrimentos. Como um neófito, Robinson é lançado fora da sociedade civilizada à qual pertence, em uma terra considerada inóspita. O capítulo I abunda em símbolos relacionados à morte. A atmosfera mortuária impregna-se no vocabulário, na descrição dos espaços e símbolos.

Na segunda linha do capítulo, Tournier diz que Robinson “*gisait*” na areia. A palavra tem o mesmo significado que “jazer” em português. Esse verbo significa estar deitado, mas também tem o sentido de estar morto ou “como” morto. Encontram-se ainda termos como “gemente”, “mutilados”, “angústia”, “assustadores” aumentando a impressão da atmosfera pesada e fúnebre. A exploração da ilha leva Robinson a nomeá-la *Désolation*. O nome vem somar-se a toda morbidez do vocabulário e da descrição do espaço.

O ambiente descrito ressalta imagens fúnebres. “Peixes estripados, crustáceos fraturados” e “os troncos mortos e putrescentes”⁹⁵ (TOURNIER, 1972, p. 15-16, tradução nossa) são alguns dos elementos que compõem o cenário do primeiro capítulo. Os cadáveres da tripulação do *Virginie* aparecem como imagens de deterioração e martírio. “Ele percebeu o cadáver do marinheiro de guarda, ainda jungido ao cabrestante, como um supliciado a seu poste.”⁹⁶ (TOURNIER, 1972, p. 24, tradução nossa). Os abutres, pássaros que simbolizam a presença da morte, acompanham-no aonde ele vai. E o primeiro ser vivo com o qual Robinson se depara, um bode, é morto por ele.

O encontro com o bode tem uma significação além da simples morte. O bode é descrito como um ser dotado de atributos similares aos de um monstro das epopeias. Antes confundido com cepa de árvore, ele “transformou-se na penumbra verde em um tipo de bode selvagem, de pelo muito longo.”⁹⁷ (TOURNIER, 1972, p. 17, tradução nossa). Segundo Maillard (1993, p. 26, tradução nossa), “é bastante tentador considerar que é com a morte do

⁹⁵ “*De poissons éventrés, de crustacés fracturés*” e “*les troncs des arbres morts et pourissants*” (TOURNIER, 1972, p. 15-16).

⁹⁶ “*Il aperçut le cadavre du matelot de quart, toujours solidement capelé au cabestan, comme un supplicié à son poteau.*” (TOURNIER, 1972, p. 24).

⁹⁷ “*se transforma dans la pénombre verte en une sorte de bouc sauvage, au poil très long.*” (TOURNIER, 1972, p. 17).

bode que Robinson atinge o estatuto de herói.”⁹⁸. O assassinato desse animal fantástico com um só golpe desferido pinta-se como um feito heroico e exalta a superioridade do Robinson civilizado sobre o mundo selvagem. Além disso, os despojos do animal morto levado por Robinson sinalizam o direcionamento de sua própria sexualidade. Os órgão genitais do bode, um dos arquétipos da masculinidade, foram comidos pelos abutres e “esse animal ‘dessexualizado’ prepara assim o leitor à **transcendência da sexualidade**”⁹⁹ (MAILLARD, 1993, p. 27, grifo do autor, tradução nossa) atingida pelo naufrago.

Outra significação implícita na morte do bode relaciona-se intimamente a mitos cosmogônicos. Em muitas tradições, o mundo só ganha existência a partir da morte de um “monstro primordial, simbolizando o caos [...], através do sacrifício de um gigante cósmico.” (ELIADE, 1992, p. 28). A energia liberada por meio dessa morte, engendraria a existência das outras coisas.

O sol, que mais tarde sinaliza o apogeu de sua evolução, é ainda temido por Robinson. “Ele receava os raios do sol já alto no céu”¹⁰⁰ (TOURNIER, 1972, p. 16, tradução nossa). A recusa em expor-se ao sol marcará todo o período antecedente à explosão da gruta e simboliza certas barreiras psicológicas de Robinson quanto à sua metamorfose, assim como a incompletude do processo de transformação.

As primeiras experiências, as primeiras vivências da personagem na superfície da ilha conduzem, então, em sua maior parte ao estágio primeiro da iniciação. Para Robinson tornar-se novo homem é preciso antes de tudo aguardar a morte do velho Robinson. O “sonho sem sonhos” no qual Robinson mergulha aponta mais uma vez para a simbologia da morte. A analogia entre o sono e a morte vem de muito antes de Cristo. Na sua Teogonia, Hesíodo chama-os irmãos, filhos da Noite. De todo o modo, o estado de imobilidade e inconsciência perpetrado pelo sono assemelha-o à morte, além de sua ligação com a noite, símbolo já funesto, pela ausência de luz.

Quando atinge o ponto culminante da ilha, o narrador nos informa da chegada de Robinson no “cume do caos”. A palavra caos, que em francês designa também um tipo de amontoamento rochoso, lembra a toda hora a volta da personagem a um tempo anterior ao da criação.

⁹⁸ “*Il est bien tentant de considérer que c’est avec la mort du bouc que Robinson accède au statut de héros.*” (MAILLARD, 1993, p. 26).

⁹⁹ “*Cet animal ‘déssexualisé’ prépare donc bien le lecteur à la **transcendance de la sexualité.***” (MAILLARD, 1993, p. 27, grifo do autor).

¹⁰⁰ “*Il redoutait les rayons du soleil déjà haut dans le ciel*” (TOURNIER, 1972, p. 16).

O caminho percorrido pela personagem para adentrar neste caos primitivo foi o mar. “O primordial e supremo engolidor é, sem dúvida, o mar, como o encaixe ictiomórfico no-lo deixava pressentir. É o *abyssus* feminizado e materno que para numerosas culturas é o arquétipo da descida e do retorno às fontes originais da felicidade.” (DURAND, 1997, p. 225). E de outra maneira não poderia se dar esta primeira incursão de Robinson nos ritos iniciáticos, pois o primeiro elemento que rege a trajetória da personagem é a água. O elemento envolve Robinson, “o mar estava por toda a parte”¹⁰¹ (TOURNIER, 1972, p. 18, tradução nossa) e o obceca. “Voltando as costas obstinadamente à terra, ele tinha olhos apenas para a superfície abaulada e metálica do mar de onde viria logo a salvação.”¹⁰² (TOURNIER, 1972, p. 21, tradução nossa).

Por mais que o mar pareça incitar a inatividade do herói e a sua resoluta obstinação pela salvação, ele figura como elemento fundamental da transcendência. As alucinações de Robinson são imagens que acima de tudo revelam um caráter benéfico do elemento. E, apesar de considerar suas alucinações como fruto de uma mente já abalada e insana, vale ressaltar que “longe de ser o produto do recalçamento, [...] a imaginação é, pelo contrário, origem de uma libertação.” (DURAND, 1997, p. 39):

Ele via nele uma superfície dura e elástica onde dependeria apenas dele se jogar e saltar. Depois indo mais longe, ele imaginou que se tratava das costas de algum animal fabuloso cuja cabeça devia encontrar-se do outro lado do horizonte. Enfim lhe pareceu de repente que a ilha, seus rochedos, suas florestas não eram mais que a pálpebra e a sobrancelha de um olho imenso, azul e úmido, escrutando as profundezas do céu.¹⁰³ (TOURNIER, 1972, p. 22-23, tradução nossa).

O salto é o primeiro impulso para o voo, símbolo de transcendência. As costas do animal diante de Robinson oferecem-se para a montaria; a representação da viagem no dorso de um animal fabuloso é comum nas histórias de heróis. E “é normal que o olho, órgão da visão, seja associado ao objeto dela, ou seja, à luz.” (DURAND, 1997, p. 151). Ou seja, as

¹⁰¹ “*la mer était partout*” (TOURNIER, 1972, p. 18).

¹⁰² “*Tournant le dos obstinément à la terre, il n’avait d’yeux que pour la surface bombée et métallique de la mer d’où viendrait bientôt le salut.*” (TOURNIER, 1972, p. 21).

¹⁰³ “*Il vit en elle une surface dure et élastique où il n’aurait tenu qu’à lui de s’élancer et de rebondir. Puis allant plus loin, il se figura qu’il s’agissait du dos de quelque animal fabuleux dont la tête devait se trouver de l’autre côté de l’horizon. Enfin il lui parut tout à coup que l’île, ses rochers, ses forêts n’étaient que la paupière et le sourcil d’un œil immense, bleu et humide, scrutant les profondeurs du ciel.*” (TOURNIER, 1972, p. 22-23).

imagens criadas pela imaginação de Robinson remetem a símbolos positivos, condutores para a transcendência, o heroísmo e a iluminação.

6.2.2 Capítulo II

O segundo capítulo compõe-se das fases de construção, fracasso e desistência da construção do barco *Évasion*. A influência da água, como símbolo de renovação e purificação permanece em destaque durante a provação.

O processo de construção do *Évasion*, leva-o a uma fase de preparação, de fortalecimento e amadurecimento na sua trajetória. O trabalho incessante e de certa forma prazeroso, pela expectativa alimentada pelo naufrago, aproxima-o do tempo cíclico. “Os dias se sobrepunham, todos iguais, na sua memória, ele tinha o sentimento de recomeçar a cada manhã o dia anterior.”¹⁰⁴ (TOURNIER, 1972, p. 27, tradução nossa).

A transformação do tempo – aqui tomado nos dois sentidos, cronológico e climático – parece ser responsável por uma experiência de fundamental importância para Robinson. A indeterminação do tempo cronológico [“ele dispunha de um tempo indefinido”¹⁰⁵ (TOURNIER, 1972, p. 27, tradução nossa)] e a mudança do tempo meteorológico [“bruscas pancadas de chuva e traços brancos no horizonte anunciaram uma mudança de tempo.”¹⁰⁶ (TOURNIER, 1972, p. 29, tradução nossa)] levam-no a entregar-se à experiência da nudez. “Robinson quis a princípio ignorar esse contratempo imprevisto”¹⁰⁷ (TOURNIER, 1972, p. 29, tradução nossa), mas a intensidade do “contra-tempo” é muito forte e ele acaba por render-se a experiência de regressão sugerida. O retorno vivido pela personagem livra-o do “peso” da civilização, assim como do “peso molhado” de suas roupas.

Despido, Robinson tem sua animalidade acentuada. Ele está desligado dos jugos morais da sociedade moderna e experimenta um “acesso de alegria”. A extensão da experiência de purificação da água chuva, no entanto, é limitada e não contempla “ainda um

¹⁰⁴ “*Les jours se superposaient, tous pareils, dans sa mémoire, et il avait le sentiment de recommencer chaque matin la journée de la veille.*” (TOURNIER, 1972, p. 27).

¹⁰⁵ “*il disposait d’un temps indéfini*” (TOURNIER, 1972, p. 27).

¹⁰⁶ “*de brusques averses et des traînées blanches à l’horizon annoncèrent un changement de temps.*” (TOURNIER, 1972, p. 29).

¹⁰⁷ “*Robinson voulut d’abord ignorer ce contretemps imprévu*” (TOURNIER, 1972, p. 29).

abandono total, uma ‘imersão’ suficientemente completa.”¹⁰⁸ (MAILLARD, 1993, p. 33, tradução nossa). Segundo Maillard, esta imersão apenas realizar-se-á no episódio da *souille*. Ainda assim, a experiência da chuva parece prenunciar esta outra. Abrigado sob a cobertura de folhas de uma árvore “Robinson aguardava o instante no qual a água rompesse enfim e o inundasse. Agora o solo tornava-se cada vez mais lodoso sob seus pés sem que uma única gota de água tivesse ainda caído sobre sua cabeça ou seus ombros.”¹⁰⁹ (TOURNIER, 1972, p. 30, tradução nossa). A ambiguidade inerente à primeira frase deixa prever que o alvo desta inundação é o próprio Robinson, já em contato superficial com o elemento híbrido representado pela *souille*. O final da experiência da nudez completa a etapa inicial de sua iniciação. Enfim Robinson experimenta a morte, ele “sentiu-se perecer.”¹¹⁰ (TOURNIER, 1972, p. 31, tradução nossa).

Depois da morte, o neófito precisa regenerar-se a fim de nascer de novo. O narrador compara Robinson a Adão: ele é “semelhante ao primeiro homem sob à Árvore do Conhecimento, quando toda a terra estava mole e úmida ainda após a retirada das águas.”¹¹¹ (TOURNIER, 1972, p. 31, tradução nossa). Se Robinson é Adão, a ilha assume o papel de jardim do Éden, lugar ideal para a criação. “A abundância da flora e da fauna na ausência de cultivadores e pastores, eis o que nos remete a um mito de intemporalidade, e a princípio ao Paraíso bíblico.”¹¹² (FERGUSSON, 1991, p. 136, tradução nossa).

O fracasso do *Évasion* leva Robinson para a *souille*. A *souille*, como já foi dito, é um espaço híbrido onde os elementos e os reinos da natureza se confundem. Animal, vegetal e mineral compartilham o mesmo espaço e não se distinguem claramente. A javalina “confundia-se inteiramente com a lama em sua imobilidade vegetal”¹¹³ (TOURNIER, 1972, p. 37, tradução nossa), Robinson é “uma estátua de limo” e aos poucos revela uma atitude mais animalesca, sem traço de humanidade.

A indefinição da *souille* remonta a uma fase de indefinição do próprio mundo, quando ainda não ocorrera a separação da terra e das águas e até mesmo, do próprio céu. O mundo

¹⁰⁸ “encore un abandon total, une ‘immersion’ aussi complète.” (MAILLARD, 1993, p. 33).

¹⁰⁹ “Robinson s’attendait à tout instant à ce que l’eau perce enfin et l’inonde. Or le sol devenait de plus en plus fangeux sous ses pieds sans qu’une seule goutte d’eau lui soit encore tombée sur la tête ou sur les épaules.” (TOURNIER, 1972, p. 30).

¹¹⁰ “se sentit périr.” (TOURNIER, 1972, p. 31).

¹¹¹ “semblable au premier homme sous l’Arbre de la Connaissance, quand toute la terre était molle et humide encore après le retrait des eaux.” (TOURNIER, 1972, p. 31).

¹¹² “L’abondance de la flore et de la faune en l’absence de cultivateurs et de bergers, voilà qui nous renvoie à un mythe d’intemporalité, et d’abord au Paradis biblique” (FERGUSSON, 1991, p. 136).

¹¹³ “se fondait tout à fait avec la boue dans son immobilité végétale” (TOURNIER, 1972, p. 37).

novo que se criará para Robinson ainda está em gestação, assim como o novo homem o qual Robinson tornar-se-á. Ali, ele tem lembranças vindas de seu passado, sinal evidente do caráter regenerador da *souille*, capaz de pôr em marcha um retorno da personagem no tempo:

Simbolicamente, a *souille* é um líquido amniótico (o episódio começa pela evocação de uma javalina aleitando seus filhotes) onde o herói se torna uma criança, e mesmo um feto, outra forma primitiva do ser entre a vida e a morte, antes do nascimento.¹¹⁴ (MAILLARD, 1993, p. 34, tradução nossa).

Robinson abandona a *souille* movido por uma alucinação com um barco salvador. Depois de atirar-se ao mar, ele é engolido mais uma vez pelas águas e jogado na mesma praia do início da narrativa. O episódio marca o momento de conscientização de Robinson da necessidade de abandonar sua busca desesperada pelo resgate, seu apego exagerado ao mar. Num ciclo perfeito onde início e fim repetem-se e se mesclam, encerra-se a fase de predominância da água na trajetória de Robinson.

Atraído pelo fogo do eucalipto em chamas, aceso para alertar possíveis salvadores, o narrador evidencia o que será o final da trajetória de Robinson. “Este sinal que devia varrer o oceano e alertar o resto da humanidade não conseguira atrair mais que ele próprio, apenas ele”¹¹⁵ (TOURNIER, 1972, p. 42, tradução nossa). Ora, de fato a apoteose da evolução de Robinson, marcada pelo elemento fogo, reservar-se-á a ele somente e não atingirá o restante da humanidade. No final do livro, a tripulação do Whitebird retira-se da ilha sem sofrer aparentemente qualquer influência dele, assim como Robinson opta por permanecer lá, guardando, apenas para si, os benefícios de sua evolução.

Este é um dos pontos em que a obra subverte em relação ao gênero romance de formação, como foi tratado na parte III deste trabalho. Bancaud (2005, p. 8, grifo nosso, tradução nossa) reafirma o papel social do herói de obras desse tipo:

¹¹⁴ “Symboliquement, la souille est un liquide amniotique (l’épisode commence par l’évocation d’une laie allaitant ses petits) où le héros redevient un enfant, voire un fœtus, autre forme primitive de l’être entre mort et vie, avant la naissance.” (MAILLARD, 1993, p. 34).

¹¹⁵ “Ce signal qui devait balayer l’océan et alerter le reste de l’humanité n’avait réussi à attirer que lui même, lui seul.” TOURNIER, 1972, p. 42).

Colocando em cena a busca de sentido e de identidade de um indivíduo pela confrontação com o mundo e a ultrapassagem dos erros e ilusões indissociáveis de toda experiência, esta forma romanesca toca assim em três questões centrais: aquela dos fatores que determinam a evolução do sujeito, aquela de suas ambições próprias e enfim **aquela das restrições sociais às quais ele deve necessariamente submeter-se para adquirir uma identidade e uma função no mundo que o cerca.**¹¹⁶

Por outro lado, o papel da ilha como universo portador de potencial formador é reforçado. “A ilha estava atrás dele, imensa e virgem, plena de promessas limitadas e de lições austeras.”¹¹⁷ (TOURNIER, 1972, p. 42, tradução nossa).

A fase prevista por Van Deysse correspondente ao demiurgo chega ao seu fim. A influência marcada pelo elemento água cumpriu seu papel, Robinson desiste do mar e volta-se para o interior da terra e de si mesmo. “Virando as costas à amplidão, ele entranhou-se nas ruínas semeadas de cardos prateados que levavam em direção ao centro da ilha.”¹¹⁸ (TOURNIER, 1972, p. 42, tradução nossa). A referência ao centro da ilha indica que o processo de criação enfim poderá ser posto em prática. Toda a criação, segundo os primitivos, surge a partir de um centro, local primordial de consagração da existência.

6.3 O Carro

Marte, pronunciou o capitão. O pequeno demiurgo obteve uma vitória aparente sobre a natureza. Ele triunfou pela força e impôs em torno dele uma ordem a sua imagem.

[...]

Uma ordem a sua imagem, ele repetiu com um ar pensativo. Nada melhor para desvendar a alma de um homem do que o imaginar revestido de um poder absoluto graças ao qual ele pode impor sua vontade sem obstáculo. Robinson-Rei... [...] O reino do qual você seria o soberano assemelhar-se-ia a nossos grandes armários domésticos onde as mulheres de nossa casa

¹¹⁶ “*Mettant en scène la quête de sens et d’identité d’un individu par la confrontation avec le monde et le dépassement des erreurs et illusions indissociables de toute expérience, cette forme romanesque touche ainsi à trois questions centrales : celle des facteurs qui déterminent l’évolution du sujet, celle de ses ambitions propres et enfin celle des contraintes sociales auxquelles il doit nécessairement se soumettre pour acquérir une identité et une fonction dans le monde qui l’entoure.*” (BANCAUD, 2005, p. 8).

¹¹⁷ “*L’île était derrière lui, immense et vierge, pleine de promesses limitées et de leçons austères.*” (TOURNIER, 1972, p. 42).

¹¹⁸ “*Tournant le dos au grand large, il s’enfonça dans les éboulis semés de chardons d’argent qui menaient vers le centre de l’île.*” (TOURNIER, 1972, p. 42).

arrumam pilhas de lençóis e de toalhas de mesa imaculadas e perfumadas com saches de lavanda.¹¹⁹ (TOURNIER, 1972, p. 8-9, tradução nossa).

A segunda carta que Robinson retira é a carta conhecida como O Carro. A descrição iconográfica deixa claro ser o arcano sete a carta que estimulou os comentários do capitão Van Deysel: “via-se, sujo de manchas de gordura, um personagem portando coroa e cetro em pé em um carro puxado por dois corcéis.”¹²⁰ (TOURNIER, 1972, p. 8, tradução nossa).

Van Deysel relaciona a figura da carta a Marte, o deus da Guerra. A associação entre os deuses gregos e as figuras representadas nas cartas do tarô por Van Deysel é feita na maior parte dos casos. Identificado o homem representado neste arcano maior como um guerreiro é bastante plausível a associação.

A imagem do guerreiro desfilando em seu carro leva-nos a imaginar a vitória do herói, porém a imagem dos dois corcéis, representados em alguns tipos de cartas com diferentes cores, em outros parecendo direcionar-se para lados opostos, aponta para a existência de forças contraditórias nesse trajeto.

A contradição expressa pela carta exprime o espírito fragmentado de Robinson. Trabalhando arduamente no processo de civilização da ilha e da manutenção de sua integridade moral, Robinson acredita impor sua vontade sobre a ilha. Por outro lado, a atração da *souille* e outras experiências de valor transcendental dotam a estadia em Speranza de um equilíbrio paradoxal.

A fragmentação também se expressa em uma nova voz narrativa introduzida no texto. O *log-book*, diário íntimo de Robinson, intercalado às intervenções do narrador em terceira pessoa marca o surgimento enfim de uma nova personalidade, ainda imatura, desenvolvendo-se no herói. Um novo homem começa a gerar-se, construir-se nesse momento. A fase de morte concluiu-se e agora é preciso atingir o final de uma gestação para dar nascimento ao iniciado.

¹¹⁹ “Mars, prononça-t-il. Le petit démiurge a remporté une victoire apparente sur la nature. Il a triomphé par la force et impose autour de lui un ordre qui est à son image.
[...]

Un ordre à votre image, répéta-t-il d'un air pensif. Rien de tel pour percer l'âme d'un homme que de l'imaginer revêtu d'un pouvoir absolu grâce auquel il peut imposer sa volonté sans obstacle. Robinson-Roi... [...] Le royaume dont vous seriez le souverain ressemblerait à nos grandes armoires domestiques où les femmes de chez nous rangent des piles de draps e de nappes immaculées et parfumées par des sachets de lavande.” (TOURNIER, 1972, p. 8-9).

¹²⁰ “on y voyait, souillé de taches de grasse, un personnage portant couronne et sceptre debout sur un chair tiré par deux coursiers.” (TOURNIER, 1972, p. 8).

Kuperman (1995, p. 150) alerta para os perigos representados por esta carta: “a inflação do ego; facilmente cai em um individualismo, em uma presunção do poder do Logos sobre o instinto, ou o irracional.” Além disso, na trajetória do herói há sempre muitas provas impostas, “sendo que a primeira é resistir à tentação de desistir de sua meta por uma recaída no envolvimento com o feminino, o instintivo: a mãe, a mulher sedutora, um animal, etc.” (KUPERMAN, 1995, p. 150).

É preciso lembrar, portanto, que a fase telúrica de Robinson iniciada nos próximos capítulos é marcada pela incorporação de uma personalidade feminina à ilha. A ilha oferece várias experiências de valor imprescindível na sua evolução, mas em muitos momentos aparece como uma via de acesso arriscada. “O perigo que pode representar uma mulher para um homem aparece através das experiências de Robinson com sua ilha feminizada, que ele considera como mãe ou esposa. Nos dois casos, ele arrisca tornar-se seu prisioneiro.”¹²¹ (MERLLIÉ, 1988, p. 65, tradução nossa).

6.3.1 Capítulo III

Impedido de escapar de sua solidão, Robinson acredita que a única maneira de sobreviver na ilha seria civilizando-a e impondo-lhe seu domínio. O período é marcado por uma grande fragmentação de suas ideias e ações. A “ilha administrada” e a “outra ilha” competem pelo mesmo espaço e o mesmo homem.

A ilha ganha um novo nome – Speranza – e adquire personalidade feminina. O grande empreendimento pretendido por Robinson de civilizar a ilha parece ter êxito com a domesticação dos animais, as lavouras e todos os trabalhos realizados. Por outro lado, uma força contrária leva Robinson de volta à *souille*, permitindo seu retorno ao universo infantil.

As realizações de Robinson em busca de racionalização estão sempre fadadas a sofrer influências contraditórias. A casa de Robinson é edificada diante da gruta, no centro da ilha, ou seja, o espaço primitivo da gruta alicerça uma estrutura aparentemente civilizada. Mas essa construção também ressalta a predominância da ordem civilizada imposta por Robinson ao ambiente selvagem.

¹²¹ “*Le péril que peut représenter une femme pour un homme apparaît à travers les expériences de Robinson avec son île féminisée, qu’il la considère comme mère ou comme épouse. Dans les deux cas, il risque d’en rester prisonnier.*” (MERLLIÉ, 1988, p. 65).

Pois esta casa construída **diante da gruta** toma um singular valor simbólico: o da civilização, tomando o passo sobre a ordem primitiva representada pela gruta, o lugar “natural” por excelência. É notável ver a que ponto a ordem natural (ou o aleatório) cedeu lugar – até ser modificado – a uma ordem bastante diferente, imposta por Robinson.¹²² (MAILLARD, 1993, p. 40, grifo do autor, tradução nossa).

Efetivamente, o período de civilização da ilha apresenta grandes dificuldades e provações para Robinson. Ele não chegou afinal ao centro primordial da ilha, mas está a caminho. Vale a pena lembrar a observação de Eliade (1992, p. 27) sobre o percurso que conduz ao centro: “A estrada é árdua, repleta de perigos, porque, na verdade representa um ritual de passagem do âmbito profano para o sagrado, do efêmero e ilusório para a realidade e a eternidade, da morte para a vida, do homem para a divindade”.

Todo o trabalho realizado e todo o acontecimento interferente na ordem da “ilha administrada” aparecem como as provas que o herói deve superar para atingir sua meta final. “Não se passava um dia sem que algum incidente surpreendente ou sinistro reavivasse a agonia que nascera nele no instante quando, tendo compreendido que era o único sobrevivente do naufrágio, sentira-se órfão da humanidade.”¹²³ (TOURNIER, 1972, p. 47, tradução nossa).

Paralelamente a tais acontecimentos, surge o *log-book*. O termo inglês é utilizado para designar o diário onde são registrados os acontecimentos durante uma viagem marítima, um diário de bordo. O registro feito por Robinson descreve a sua viagem iniciática:

Desde então ele abriu quase todos os dias seu *log-book* para nele registrar, não os eventos pequenos e grandes de sua vida material – isto não importava –, mas suas meditações, a evolução de sua vida interior, ou ainda as lembranças que voltavam de seu passado e as reflexões que elas inspiravam-lhe.¹²⁴ (TOURNIER, 1972, p. 45, tradução nossa).

¹²² “Car cette maison bâtie **devant la grotte** prend une singulière valeur symbolique: celle de la civilisation, prenant le pas sur l’ordre primitif représenté par la grotte, le lieu ‘naturel’ par excellence. Il est remarquable de voir à quel point l’ordre naturel (ou l’aléatoire) a cédé la place – jusqu’à en être modifié – à un ordre tout différent, imposé par Robinson.” (MAILLARD, 1993, p. 40, grifo do autor).

¹²³ “Il ne se passait pas de jour que quelque incident surprenant ou sinistre ne ravive l’angoisse qui était née en lui à l’instant où, ayant compris qu’il était le seul survivant du naufrage, il s’était senti orphelin de l’humanité.” (TOURNIER, 1972, p. 47).

¹²⁴ “Dès lors il ouvrit presque chaque jour son *log-book* pour y consigner, non les événements petits et grands de sa vie matérielle – il n’en avait cure –, mais ses méditations, l’évolution de sa vie intérieure, ou encore les souvenirs que lui revenaient de son passé et les réflexions qu’ils lui inspiraient.” (TOURNIER, 1972, p. 45).

A escrita do *log-book* é feita em um tipo de palimpsesto; os livros lavados pela água do mar são reescritos com a tinta vermelha retirada de um peixe, “que corresponde mais à cor utilizada para corrigir que para escrever um texto normal”¹²⁵ (MAILLARD, 1993, p. 41, tradução nossa), marcando a regeneração na vida do protagonista. Tal escrita reafirma a necessidade de aprimorar o passado, reescrevendo-o – como fez o próprio Tournier em relação ao livro de Defoe.

Quando é levado de volta à *souille*, Robinson pode retornar ao passado e abolir o tempo cronológico. Ali, “o tempo e o espaço dissolviam-se”, dando lugar a uma atividade mnemônica intensa. A afirmação de Robinson em seu *log-book* – “sobreviver é morrer” – ressalta o caráter mágico da morte em sua iniciação. As palavras ditas por Robinson com toda carga negativa que lhes pode ser atribuída, chama a atenção, por outro lado, para um caráter fundamental de sua trajetória iniciática, na qual a única forma de sobreviver é passar pela morte repetidas vezes.

A frequência das lembranças de Robinson aumenta gradativamente no universo da ilha. Cada vez mais, ele pode experimentar a regressão até a infância e ir remodelando o Robinson adulto. A marca de seu próprio pé impresso na rocha revela ao leitor que o tempo na ilha não segue os parâmetros do mundo moderno. Um fóssil desse tipo demoraria milhares de anos para formar-se.

Entretanto, se por um lado o tempo na ilha alcança uma diferente dimensão, fora do mundo real e conhecido, de outro lado, Robinson luta para manter uma contagem exata do tempo, contrariando as experiências de anulação do tempo. Para isso, ele constrói um relógio de água, uma clepsidra, a fim de subjugar-lo também à sua obsessão de domesticação da ilha.

Quando ele escutava – de dia ou à noite – o barulho regular das gotas caindo na bacia, tinha o sentimento orgulhoso de que o tempo não mais transcorria a despeito de sua vontade em um abismo obscuro, mas que ele se encontrava dali em diante regularizado, dominado, em resumo, domesticado também, como toda a ilha ia tornar-se, pouco a pouco, pela força de espírito de um só homem.¹²⁶ (TOURNIER, 1972, p. 66-67, tradução nossa).

¹²⁵ “*qui correspond plus à la couleur utilisée pour corriger que pour écrire un texte normal.*” (MAILLARD, 1993, p. 41).

¹²⁶ “*Lorsqu’il entendait – le jour ou la nuit – le bruit régulier des gouttes tombant dans le bassin, il avait le sentiment orgueilleux que le temps ne glissait plus malgré lui dans un abîme obscur, mais qu’il se trouvait désormais régularisé, maîtrisé, bref domestiqué lui aussi, comme toute l’île allait le devenir, peu à peu, par la force d’âme d’un seul l’homme.*” (TOURNIER, 1972, p. 66-67).

O capítulo III ressalta também a crescente heroicidade de Robinson. Num primeiro episódio, ele confronta-se com um “pequeno caranguejo loucamente temerário que dirigia a ele suas duas pinças desiguais, como um espadachim seu gládio e sua espada”¹²⁷ (TOURNIER, 1972, p. 56, tradução nossa). O gládio e a espada são símbolos atribuídos ao herói, com forte conotação masculina, e que denotam a virilidade. Em outra ocasião é o próprio Robinson que munido de uma lâmina afiada durante a ceifa empreende uma verdadeira batalha contra as plantações. “O prado era uma massa a qual era necessário atacar, entalhar, reduzir metodicamente girando em volta passo a passo.”¹²⁸ (TOURNIER, 1972, p. 59, tradução nossa).

Apesar dos arroubos repentinos de seu espírito, Robinson parece conseguir dominar a ilha, produzindo e acumulando. O cão Tenn, acompanhante da tripulação do navio, reaparece para Robinson e marca todo o período da ordem da “ilha administrada”. “Tendo dali em diante por companheiro o mais **doméstico** dos animais, ele tinha o dever de se construir uma casa, tão profunda é às vezes a sabedoria que encobre um simples parentesco verbal.”¹²⁹ (TOURNIER, 1972, p. 65, grifo do autor, tradução nossa). O parentesco verbal ao qual o narrador se refere é aquele destacado por Maillard (1993, p. 40, tradução nossa): “a casa é por excelência doméstica (*domus* em latim significa ‘a casa’, ‘a habitação’)”¹³⁰.

6.3.2 Capítulo IV

O humor é uma das marcas mais fortes no início do capítulo IV. Atingindo o ponto culminante de sua sede por civilização, Robinson estabelece um código penal e uma constituição para a ilha, da qual se nomeia governador. Maillard (1993, p. 46, tradução nossa) classifica esta parte como “um pastiche do estilo administrativo, e ao mesmo tempo uma

¹²⁷ “*petit crabe follement téméraire qui dressait vers lui ses deux pinces inégales, comme un spadassin son glaive et son épée*” (TOURNIER, 1972, p. 56).

¹²⁸ “*La prairie était une masse qu’il fallait attaquer, entamer, réduire méthodiquement en tournant autour pas à pas.*” (TOURNIER, 1972, p. 59).

¹²⁹ “*Ayant désormais pour compagnon le plus **domestique** des animaux, il se devait de se construire une maison, si profonde est parfois la sagesse que recouvre une simple parenté verbale.*” (TOURNIER, 1972, p. 65, grifo do autor).

¹³⁰ “*la maison est par excellence domestique (domus en latin signifie ‘la maison’, ‘le logis’)*” (MAILLARD, 1993, p. 40).

paródia ‘iconoclasta’ dos documentos sobre os quais repousam o legislativo e o executivo.”¹³¹ O ridículo e a ironia da cena apresentam-se como crítica à burocracia da sociedade burguesa. A exatidão da redação dos documentos é minada já de início pelo fato de redigi-los sob “a regência de Sua Majestade George II”, então já morto.

Quanto aos castigos previstos no código penal – exposição ao sol nas horas mais quentes do dia e jejum – revelam-se como experiências necessárias à evolução do neófito, mais do que como punições. No primeiro caso, em consideração ao caráter benéfico assumido pelo sol na vida de Robinson e, no segundo caso, pelo valor espiritual do jejum nos ritos de iniciação. O jejum significa um desligamento, uma abdicação do mundo material em proveito do espiritual e, portanto, instrumento preparatório para a transcendência.

O trabalho de redação é interrompido pela presença de indígenas na ilha. Ao perceber no céu a fumaça vinda dos corpos humanos carbonizados no ritual de canibalismo, Robinson imagina ser o próprio Espírito Santo manifestando-se como “uma coluna de fumaça subindo diretamente em direção ao zênite”¹³² (TOURNIER, 1972, p. 74, tradução nossa). Depois de constatada a verdadeira origem da fumaça, Robinson decide transformar o espaço da ilha em volta de sua casa em uma fortaleza.

Esta sequência de acontecimentos tem um significado implícito. A associação da fumaça do sacrifício ao Espírito Santo adquire um sentido concreto após a chegada de Vendredi. O araucano representa a energia espiritual que irá guiar Robinson rumo à sua evolução, ele é o Espírito Santo que parte da “Baía da Salvação” em direção ao naufrago. Além disso, ambos são identificados com o elemento ar. Por sua vez, as barreiras e fortificações implantadas para proteger-se dos araucanos simbolizam as barreiras psicológicas do herói contra a influência de Vendredi. “As fortificações da ilha são a metáfora das defesas psíquicas de Robinson.”¹³³ (PIRARD, 1991, p. 95, tradução nossa).

A experiência da panificação vivida por Robinson leva-o de volta à infância mais uma vez e ressalta o caráter contraditório de toda a ação considerada portadora de um valor civilizador, pois engendra um retorno ao passado através de suas memórias e a possibilidade de renovação e reestruturação. A lembrança do respiradouro onde o padeiro manuseava a massa é um prenúncio da gruta. “Por seu caráter telúrico o respiradouro assemelha-se à

¹³¹ “*un pastiche du style administratif, en même temps qu’une parodie ‘iconoclaste’ des documents sur lesquels reposent le législatif et l’exécutif.*” (MAILLARD, 1993, p. 46).

¹³² “*une colonne de fumée montant toute droit vers le zénith*” (TOURNIER, 1972, p. 74).

¹³³ “*Les fortifications de l’île sont la métaphore des défenses psychiques de Robinson.*” (PIRARD, 1991, p. 95).

gruta.”¹³⁴ (MAILLARD, 1993, p. 48, tradução nossa). A moldagem da massa transmutar-se-á na moldagem do próprio Robinson no centro da terra.

“Assim, para Robinson, a organização frenética da ilha ia conjuntamente com o livre e a princípio tímido desabrochar de tendências semi-inconscientes.”¹³⁵ (TOURNIER, 1972, p. 82, tradução nossa). O *log-book* serve como um contrapeso para todo o trabalho realizado cegamente. O conhecimento minucioso do espaço da ilha é paralelo ao conhecimento de si próprio. Robinson consegue vislumbrar um outro “eu” que ganha existência pelo “ato sagrado” da escrita. Ele sente e expressa em seu diário a incerteza de sua obra civilizadora e a essência frágil da estrutura edificada; o caminho escolhido por Robinson está repleto de uma racionalidade que não se adequa à racionalidade da ilha.

Em seu *log-book*, Robinson reflete sobre a solidão e a imagina como seu destino. Está claro que jamais ele voltaria a se adaptar à vida em comunidade. Sua sensibilidade em relação ao outro sofreu um aumento potencializador, despida de sua capacidade de tolerância. “A armadura de indiferença e de ignorância recíprocas com a qual os homens se protegem em suas relações desaparecera, como um calo profundo pouco a pouco em uma mão tornada ociosa.”¹³⁶ (TOURNIER, 1972, p. 86, tradução nossa). A passagem reporta ao mito do bom selvagem. A comparação com um calo nos lembra que é o contato direto e constante com a sociedade que faz do homem social o que ele é.

Outros episódios do capítulo IV contribuem para o desenvolvimento do herói. A batalha consumada entre duas diferentes espécies de ratos é um deles. De um lado, um batalhão proveniente do navio que ali se multiplicou, de outro, os ratos autóctones. A vitória arrebatadora dos segundos tem um desfecho óbvio, que mais tarde deverá aplicar-se à trajetória do próprio Robinson: “um animal que combate no território de seu adversário tem sempre desvantagem.”¹³⁷ (TOURNIER, 1972, p. 87, tradução nossa). Dessa forma, como poderia Robinson sozinho lutar contra a ordem natural da ilha e vencer? O desfecho aqui também é previsível.

A parada inesperada da clepsidra indica a Robinson a possibilidade de dominar o tempo de uma maneira completamente diferente: interrompendo seu curso. A última gota que

¹³⁴ “*Par son caractère tellurique le soupirail se rapproche de la grotte.*” (MAILLARD, 1993, p. 48).

¹³⁵ “*Ainsi, pour Robinson, l’organisation frénétique de l’île allait de pair avec le libre et d’abord timide épanouissement de tendances à demi inconscientes.*” (TOURNIER, 1972, p. 82).

¹³⁶ “*L’armure de indifférence et d’ignorance réciproques dont les hommes se protègent dans leurs rapports entre eux avait disparu, comme un cal fond peu à peu dans une main devenue oisive.*” (TOURNIER, 1972, p. 86).

¹³⁷ “*un animal qui se bat sur le territoire de son adversaire a toujours le dessous.*” (TOURNIER, 1972, p. 87).

hesita em cair e retorna para o garrafão é o sinal de uma possibilidade ainda mais fantástica, de fazer voltar o tempo. Dominado pelo êxtase, Robinson enxerga outras possibilidades.

Dir-se-ia que cessando de repente de inclinar-se umas em direção às outras no sentido de seu uso – e de sua usura – as coisas recaíram cada uma em sua essência, estendendo todos seus atributos, existindo por elas mesmas, inocentemente, sem buscar outra justificção além de sua própria satisfação.¹³⁸ (TOURNIER, 1972, p. 94, tradução nossa).

Pela primeira vez, ele pressente a “outra ilha” e descobre que “é possível **mudar** sem decair. [...] Indiscutivelmente, ele acabava de transpor um nível na metamorfose que trabalhava o mais secreto dele mesmo.”¹³⁹ (TOURNIER, 1972, p. 94, grifo do autor, tradução nossa).

6.4 O Eremita

Você dá-me o *Eremita*. O Guerreiro tomou consciência de sua solidão. Ele retirou-se no fundo de uma gruta para lá reencontrar sua fonte original. Mas enfiando-se assim no seio da terra, completando esta viagem ao fundo de si próprio, tornou-se um outro homem. Se ele sair algum dia desse retiro, perceberá que sua alma monolítica sofreu íntimas fissuras.¹⁴⁰ (TOURNIER, 1972, p. 8-9, tradução nossa).

O Eremita é o nono arcano do tarô e representa o isolamento, o retiro em busca do conhecimento na trajetória do iniciado. A imagem representada é a de um velho curvado, apoiado em um bordão, símbolo da prudência, com uma lanterna na mão. A luz da lanterna,

¹³⁸ “*On aurait dit que cessant soudain de s’incliner les unes vers les autres dans le sens de leur usage – et de leur usure – les choses étaient retombées chacune de son essence, épanouissaient tous leurs attributs, existaient pour elles-mêmes, naïvement, sans chercher d’autre justification que leur propre satisfaction.*” (TOURNIER, 1972, p. 94).

¹³⁹ “*il était possible de changer sans déchoir. [...] Indiscutablement il venait de gravir un degré dans la métamorphose qui travaillait le plus secret de lui-même.*” (TOURNIER, 1972, p. 94).

¹⁴⁰ “*Vous me donnez l’Hermite. Le Guerrier a pris conscience de sa solitude. Il s’est retiré au fond d’une grotte pour y retrouver sa source originelle. Mais en s’enfonçant ainsi au sein de la terre, en accomplissant ce voyage au fond de lui-même, il est devenu un autre homme. S’il sort jamais de cette retraite, il s’apercevra que son âme monolithique a subi d’intimes fissures.*” (TOURNIER, 1972, p. 8-9).

sem dúvida, reenvia aos símbolos do conhecimento e da inteligência, como já foi discutido na parte IV.

O isolamento durante o período de retiro no interior da gruta é, sem dúvida, fundamental na aquisição de conhecimento. As três intervenções do *log-book* presentes no capítulo V acentuam um crescendo no entendimento da realidade pelo herói; em suas primeiras incursões no interior de Speranza ele está assombrado pela dúvida: “Esta descida e esta estadia dentro do seio de Speranza, estou ainda bem longe de poder apreciar delas o real valor.”¹⁴¹ (TOURNIER, 1972, p. 110, tradução nossa); depois atinge a compreensão de algo: “A causa está entendida.”¹⁴² (TOURNIER, 1972, p. 113, tradução nossa); e, por fim, passado a sua fase de isolamento uma certeza sobre uma questão frequente em suas reflexões: “Sei agora que se a presença de outro é um elemento fundamental do indivíduo humano, não é por isso insubstituível.”¹⁴³ (TOURNIER, 1972, p. 116, tradução nossa).

6.4.1 Capítulo V

“Situada no centro da ilha no pé do cedro gigante, aberta como um gigantesco respiradouro na base do caos rochoso, a gruta sempre se revestira de uma importância fundamental aos olhos de Robinson.”¹⁴⁴ (TOURNIER, 1972, p. 101, tradução nossa). O capítulo V inicia-se dessa forma: uma descrição carregada de símbolos referentes à evolução do herói.

A gruta “situada no centro da ilha” é um espaço sagrado, com potencial criador. Atingindo o centro o neófito adquire uma existência nova, “uma vida que é real, duradoura, eficiente.” (ELIADE, 1992, p. 27). A árvore acima da entrada da gruta aponta para a realidade absoluta desse espaço, ligado através do cedro ao céu e portador de uma força transcendental por meio desse vegetal. Além disso, a gruta abria-se como um “respiradouro”, referência

¹⁴¹ “*Cette descente et ce séjour dans le sein de Speranza, je suis encore bien loin de pouvoir en apprécier justement la valeur.*” (TOURNIER, 1972, p. 110).

¹⁴² “*La cause est entendue.*” (TOURNIER, 1972, p. 113).

¹⁴³ “*Je sais maintenant que si la présence d’autrui est un élément fondamental de l’individu humain, il n’en est pas pour autant irremplaçable.*” (TOURNIER, 1972, p. 116).

¹⁴⁴ “*Située au centre de l’île au pied du cèdre géant, ouverte comme un gigantesque soupirail à la base du chaos rocheux, la grotte avait toujours revêtu une importance fondamentale aux yeux de Robinson.*” (TOURNIER, 1972, p. 101).

direta à lembrança de Robinson sobre a panificação. Dentro deste centro, Robinson torna-se a massa trabalhada pelas mãos do padeiro.

Enxergando em Speranza como nunca sua “natureza indiscutivelmente feminina”, Robinson sente-se atraído pela gruta, como uma via de acesso ao interior do corpo da ilha. Só então percebe a necessidade de “dobrar-se docilmente às exigências do meio que ele queria conquistar”¹⁴⁵ (TOURNIER, 1972, p. 102, tradução nossa).

A total escuridão do interior da gruta sinaliza sua atmosfera misteriosa e desconhecida e se coloca como o primeiro obstáculo no caminho até o interior de Speranza. Para adaptar-se a ela, Robinson permanece imóvel nas trevas, encostado à parede. Torna-se então parte integrante da própria ilha, a fusão começa, “ele vivia intensamente com ela”. Robinson, sempre atormentado pela ausência de outro, pela falta de diferentes pontos de vistas, vive uma experiência fortemente sensual com Speranza, confirmada por suas últimas reflexões do *log-book* no capítulo IV. Tornando-se ele próprio a ilha, parte indissociável de sua natureza, “todas as coisas seriam conhecidas, sem que ninguém conheça, consciente, sem que ninguém tenha consciência...”¹⁴⁶ (TOURNIER, 1972, p. 100, tradução nossa) e ele pode dispensar o outro que tanto deseja.

Um raio de sol passa rapidamente pelo interior da gruta, sem que a iluminação esperada por Robinson aconteça. Entretanto, o evento tem uma importância fundamental. É o deus Urano fecundando a terra, Gaia. Todos os frutos da terra, toda sua geração é resultado desta união. “A partir deste instante concepcional, Robinson desenvolve-se tal um embrião no ventre de Speranza.”¹⁴⁷ (PIRARD, 1991, p. 100, tradução nossa).

Pressentindo o valor fundamental da experiência de adentrar no ventre de Speranza, ele impõe-se um “jejum purificador” de vinte quatro horas, experiência comum entre os neófitos. Engolido pela própria terra, Robinson inicia a fase telúrica de sua evolução. A imagem do engolimento é reforçada pela descrição da descida pelo orifício da gruta: “ele escorrega lentamente mas regularmente, como o bolo alimentar no esôfago.”¹⁴⁸ (TOURNIER, 1972, p. 105, tradução nossa).

¹⁴⁵ “*se plier docilement aux exigences du milieu qu’il voulait conquérir*” (TOURNIER, 1972, p. 102).

¹⁴⁶ “*chaque chose serait connue, sans personne qui connaisse, consciente, sans que personne ait conscience...*” (TOURNIER, 1972, p. 100).

¹⁴⁷ “*À partir de cet instant conceptionnel, Robinson se développe tel un embryon dans le ventre de Speranza.*” (PIRARD, 1991, p. 100).

¹⁴⁸ “*il glissa lentement mais régulièrement, comme le bol alimentaire dans l’œsophage.*” (TOURNIER, 1972, p. 105).

É importante recordar que na trajetória iniciática do herói, o retiro em busca do conhecimento é uma etapa importante. O isolamento proporciona concentração necessária na busca de algum conhecimento ou de energia. A referência do ventre é comum, em diversas lendas, local onde o herói pode se fortalecer e se formar. Assim acontece por exemplo na história bíblica do profeta Jonas. Ele adquire consciência de sua missão só após ser engolido e passar um longo período no ventre de um grande peixe. A gruta exercerá o mesmo papel de ventre do peixe na trajetória de Robinson. “É por ela que Robinson chega a um domínio de revelações. É nela que ele se refugia. É dela que ele sai novamente, portador de uma outra verdade.”¹⁴⁹ (MAILLARD, 1993, p. 51, tradução nossa).

O núcleo de Speranza é o ventre de sua gestação. Ele repetirá a experiência diversas vezes até estar completa a gestação no seio da terra. A representação de Robinson como um bebê já formado evidencia-se quando, na terra seca, ele encontra uma fonte de água e a imagem associa-se a de um bebê mamando no seio da mãe:

Essa última fonte vazava aos poucos de um bico de terra que se elevava em uma clareira no meio das árvores, como se a ilha tivesse afastado seu vestido de floresta nesse lugar. Enquanto colava seus lábios ávidos ao buraco para sugar ativamente o líquido vital, ele vagia de reconhecimento¹⁵⁰ (TOURNIER, 1972, p. 13, tradução nossa).

Depois de gerado, Robinson não pode impunemente penetrar o ventre de Speranza. A penetração repetida figura a partir de então um incesto. O retorno a este núcleo realizar-se-à apenas como um retorno à sepultura, reforçando o caráter autóctone do homem, desejoso de enterrar-se na mesma terra onde nasceu.

Passada, portanto, a etapa de gestação, um outro estágio da evolução do herói assume importância. Chega a fase de sua juventude, quando deve passar por uma evolução da sexualidade. De formação bastante prematura, a opção de Robinson em “manter relações” com um tronco de uma árvore ressentia-se de um caráter fortemente heterossexual. O fracasso da experiência, comparado à contração de uma doença sexual, reafirma a trajetória comum da

¹⁴⁹ “C’est par elle que Robinson accède à un domaine de révélations. C’est en elle qu’il s’enfouit. C’est d’elle qu’il ressort, porteur d’une autre vérité.” (MAILLARD, 1993, p. 51).

¹⁵⁰ “Cette dernière source suintait petitement d’un mamelon de terre qui s’élevait dans une clarière au milieu des arbres, comme si l’île avait écarté sa robe de forêt en cet endroit. Lorsqu’il collait ses lèvres avides au trou pour sucer ativement le liquide vital, il vagissait de reconnaissance” (TOURNIER, 1972, p. 13).

formação do herói: ele necessita passar por decepções antes de encontrar o caminho certo de sua evolução.

6.4.2 Capítulo VI

O capítulo VI é a sequência lógica da evolução de Robinson. Fracassada sua primeira experiência, ele deverá procurar outra via para o desenvolvimento de sua sexualidade. Ele encontra-se com a “outra ilha”, que o seduz: “ela estava nua, esta terra que o envolvia”¹⁵¹ (TOURNIER, 1972, p. 26, tradução nossa) e a desposa.

O envolvimento com a combe rosa como uma nova possibilidade de direcionamento sexual guarda em si um valor muito maior, pois permite a Robinson, pela segunda vez, ter um contato profundo com Speranza, levando-o a se sentir parte da ilha. A experiência com a combe rosa, apesar da forte conotação heterossexual (a combe é também comparada a alguma parte de um grande corpo feminino), permite estabelecer uma relação fortemente elementar entre o herói e a terra.

A maturidade da relação de Robinson com Speranza é evidente em comparação com a experiência sexual anterior. Desta vez, Robinson assume um relacionamento que além de sexual é amoroso, estabelecendo um compromisso com a terra. Além disso, a relação gera filhas. As mandrágoras que nascem nos lugares onde Robinson derrama sua semente destacam o processo de “desumanização” de Robinson.

Certo de que suas relações com Speranza a estavam humanizando, Robinson não se dá conta que a experiência de fecundar a terra o afasta cada vez mais de sua identidade humana. A consciência desse fato nasce de um episódio fantástico e marcante na obra: uma “manhã na qual se levantando ele constatou que sua barba crescendo no decorrer da noite começara a criar raízes na terra”¹⁵² (TOURNIER, 1972, p. 138, tradução nossa).

Decerto, a “desumanização” de Robinson faz parte de seu processo evolutivo. No entanto, a insistência em associar o sexo e a morte indica que o tipo de relacionamento mantido com a terra deve ser superado e não é o avatar final da sexualidade de Robinson. Seguindo a lógica dos povos primitivos, uma existência perfeita e inclinada à eternidade deve

¹⁵¹ “*elle était nue, cette terre qui l’enveloppait*” (TOURNIER, 1972, p. 26).

¹⁵² “*matin où en s’éveillant il constata que sa barbe en poussant au cours de la nuit avait commencé à prendre racine dans la terre.*” (TOURNIER, 1972, p. 138).

ser cíclica e não se instalar em nenhum dos estágios de formação do homem, morte, gestação ou regeneração.

6.5 A Estrela e os Enamorados

Eis quem vai fazer sair o Eremita de seu buraco. Vênus em pessoa emerge das águas e dá seus primeiros passos em suas platibandas¹⁵³. Uma outra carta, por favor; obrigado. Sexto Arcano : o Sagitário. Vênus transformada em anjo alado envia flechas em direção ao sol.¹⁵⁴ (TOURNIER, 1972, p. 9, tradução nossa).

Já está claro que mais do que seguir a nomenclatura comumente utilizada no tarô, Van Deysse, faz uma interpretação voltada para diversas mitologias, relacionando as imagens das cartas a deuses. Podemos identificar na referência a Vênus, a carta denominada A Estrela. A imagem de uma mulher nua à beira de um lago associa-se de imediato à Deusa.

Na obra, a figura de Vênus está diretamente relacionada a Vendredi e a curta frase de Van Deysse refere-se à chegada do selvagem em Speranza. A estrela é um símbolo benfazejo e representa uma elevação do espírito, beleza e plenitude. A figura feminina pode ser entendida como símbolo de renovação, ligada à terra-mãe.

A seguir, o sexto arcano surge ainda em referência a Vendredi, pois a figura da carta é novamente relacionada a Vênus. Na iconografia da carta, um anjo alado paira acima de três pessoas. O homem parado na posição central está dividido entre duas opções. Este homem pode ser relacionado ao próprio Robinson.

¹⁵³ Em francês, a palavra *plate-bande* é usada coloquialmente em certas expressões, como a usada por Tournier, com o sentido de **domínio, propriedade**.

¹⁵⁴ “*Voilà qui va faire sortir l’Hermite de son trou. Vénus en personne émerge des eaux et fait ses premiers pas dans vos plates-bandes. Une autre carte, s’il vous plaît ; merci. Arcane sixième : le Sagittaire. Vénus transformée en ange ailé envoie des flèches vers le soleil.*” (TOURNIER, 1972, p. 9).

6.5.1 Capítulo VII

As pregações de Benjamim Franklin abrem o capítulo VII. As palavras do norte-americano condizem com a organização da “ilha administrada”. Espalhando as palavras do inventor na superfície da ilha, Robinson tenta impor o equilíbrio do espírito capitalista na ilha. “Traçar essas divisas é tentar dar um sentido à ilha administrada ameaçada pelo nascimento latente da **outra ilha** e tornada ‘uma enorme máquina girando em falso’”¹⁵⁵. (MAILLARD, 1993, p. 61, grifo do autor, tradução nossa). A hipótese de marcar as cabras com as letras que formam uma das frases e esperar que o acaso a componha, mostra o quanto a ordem da ilha administrada é aleatória e movediça.

O episódio mostra, entretanto, uma evolução inconsciente do próprio Robinson. A memória de Robinson está super ativada. “Havia alguns meses o jogo desregulado de sua memória restituía-lhe os ‘almanaques’ de Benjamin Franklin que seu pai [...] lhe fizera aprender de cor.”¹⁵⁶ (TOURNIER, 1972, p. 139, tradução nossa). Esta memória parece vir para conduzi-lo de volta ao passado e reviver suas frustrações infantis. Segundo Jung, esse processo é fundamental para a constituição de uma psique saudável.

A tentativa de buscar reafirmar a estrutura da “ilha administrada” por meio das divisas marcadas em todos os cantos é abalada de imediato pela chegada inesperada dos indígenas. Sua iniciativa põe em risco a sua própria vida, ficando evidente que a insistência em marcar a ilha como território civilizado não é a saída correta. Novamente o tênue domínio da ilha administrada é abalado.

Momentos antes do encontro com Vendredi, um bode ataca Robinson, que escapa por pouco. O cão Tenn acaba sendo atingido e ferido no lugar do protagonista. Há dois pontos interessantes para se notar neste episódio. O primeiro é que o bode que os ataca, não é um animal selvagem e sim, “um de seus bodes mais familiares”¹⁵⁷ (TOURNIER, 1972, p. 141, tradução nossa) e o segundo é que o cão é atingido. O ataque de um dos animais que compõe o rebanho da “ilha administrada” evidencia uma revolta iminente da própria ilha contra a ordem imposta por Robinson, simbolizada por Tenn.

¹⁵⁵ “Tracer ces devises, c’est chercher à donner un sens à l’île administrée menacée par la naissance latente de l’**autre île** et devenue ‘une énorme machine tournant à vide’.” (MAILLARD, 1993, p. 61, grifo do autor).

¹⁵⁶ “Depuis quelques mois le jeu dérégulé de sa mémoire lui restituait les ‘almanachs’ de Benjamin Franklin que son père [...] lui avait fait apprendre par cœur.” (TOURNIER, 1972, p. 139).

¹⁵⁷ “l’un de ses boucs le plus familiers” (TOURNIER, 1972, p. 141).

A chegada de Vendredi inicia uma nova fase na evolução de Robinson. A sequência de acontecimentos que culmina na integração do indígena ao “reino” de Robinson é marcada pelo acaso. Da mesma forma, a adaptação ao sistema elaborado por Robinson é desastrosa para a ordem da ilha administrada.

A influência benfazeja de Vendredi reflete-se na volta da capacidade de Robinson rir, no dia seguinte à chegada do araucano. “Um imenso riso sacudiu-o, nervoso, louco, inextinguível. Quando ele interrompeu-se para retomar seu fôlego, deu-se conta que era a primeira vez que ria após o naufrágio do *Virginie*.”¹⁵⁸ (TOURNIER, 1972, p. 145, tradução nossa). Aqui, é importante lembrar a íntima relação existente entre o deus Dioniso, portador da alegria, e o selvagem.

O nome Vendredi reforça o caráter maravilhoso que o indígena assumirá no decorrer da evolução do naufrago. Robinson escolhe o nome por acreditar que “um selvagem não é um ser humano por inteiro”¹⁵⁹ e avaliar que não poderia “impor-lhe um nome de coisa”¹⁶⁰ (TOURNIER, 1972, p. 147, tradução nossa). Na verdade, o nome Vendredi ressaltará ainda mais o caráter divino do indígena, associado também à deusa Vênus, e cuja relação o capitão Van Deysse já anunciara na ocasião da leitura do tarô.

De resto, a oposição entre as duas figuras aparece de forma bastante evidente no capítulo. Vendredi surge como uma espécie de avesso de Robinson, numa relação marcada pela oposição. Assim, Robinson é descrito como um senhor “branco e barbudo”, civilizado e sério, enquanto Vendredi é o escravo “negro e nu”, selvagem e risonho.

6.6. O Louco

Eis aí Infelicidade! Você acaba de virar o arcano vinte e um, aquele do Caos!
A besta da Terra luta com um monstro flamejante. O homem que você vê,

¹⁵⁸ “*Un immense rire le secoua, nerveux, fou, inextinguible. Lorsqu’il s’arrêta pour reprendre son souffle, il s’avisa que c’était la première fois qu’il riait depuis le naufrage de la Virginie.*” (TOURNIER, 1972, p. 145).

¹⁵⁹ “*un sauvage n’est pas un être humain à part entière.*” (TOURNIER, 1972, p. 147).

¹⁶⁰ “*lui imposer un nom de chose*” (TOURNIER, 1972, p. 147).

preso entre forças opostas, é um louco reconhecível por seu cetro¹⁶¹. Nós nos tornaríamos assim por menos.¹⁶² (TOURNIER, 1972, p. 9, tradução nossa).

O arcano vinte e um é atribuído tradicionalmente à carta chamada Mundo, porém, Tournier parece ter adotado uma tradição menos comum, ligando o número à carta do Louco. Esta carta, diferente dos outros arcanos, não possui numeração, e por isso, os estudiosos do tarô costumam atribuir-lhe o número zero ou o número vinte e dois. Miguet (1991, p. 362, tradução nossa) explica que “existe uma tradição atestada na obra de Camile Creusot, *A Face Oculta dos Números*, segundo a qual o Louco, não tendo algarismo próprio, estaria no vigésimo primeiro lugar.”¹⁶³

Em francês, a carta é às vezes intitulada *Le Mat*. Entre os diversos significados do termo, há o sentido da personagem representada na carta estar em uma situação de mate, como no xadrez, encurralada por alguma força. Parece ser este o sentido dado à carta por Tournier. Assombrado pelas atitudes e pelo mundo paralelo de Vendredi, Robinson, a besta da Terra, luta contra a destruição de seu mundo civilizado em proveito de um reino solar.

Por outro lado, o Louco figurado nesse arcano pode ser interpretado como o próprio Vendredi. Afinal, o Louco implica a desvalorização da razão, a espontaneidade, a alegria. “O Louco é um andarilho enérgico, ubíquo e imortal. [...] Como não tem número fixo, está livre para viajar à vontade, perturbando, não raro, a ordem estabelecida com suas travessuras.” (NICHOLS, 2001, p. 39).

6.6.1 Capítulo VIII

Vendredi é o inversor da ordem da ilha, suas ações culminam sempre na transformação da natureza comum, previsível em algo surpreendente e novo. Os cactos aparatados com o conteúdo de um baú transformam-se de simples vegetais em um “cortejo

¹⁶¹ No original, a palavra utilizada aqui é *marotte*. É um cetro, encimado por uma cabeça, portando um chapéu enfeitado de guizos, símbolo da loucura.

¹⁶² “*La voici Malheur ! Vous venez de retourner l’arcane vingt et unième, celui du Chaos ! La bête de la Terre est en lutte avec un monstre de flammes. L’homme que vous voyez, pris entre des forces opposées, est un fou reconnaissable à sa marotte. On le deviendrait à moins.*” (TOURNIER, 1972, p. 9).

¹⁶³ “*Il existe une tradition qu’atteste l’ouvrage de Camille Creusot, La Face cachée des nombres, selon laquelle le Mat, n’ayant pas de chiffre en propre, serait à la vingt et unième place.*” (MIGUET, 1991, p. 362).

alucinante de prelados, de grandes damas e de monstros opulentos”¹⁶⁴ (TOURNIER, 1972, p. 160, tradução nossa). Às responsabilidades fatigantes impostas por Robinson, opõe-se a total leveza e desapego do indígena. A consciência da destruição do arrozal “não o tocara nem um pouco”.

O momento de liberdade absoluta de Vendredi dá vulto à sua natureza aérea. “Se ele pudesse voar! Transformar-se em borboleta! Fazer voar uma pedra, esse sonho encantava a alma aérea de Vendredi.”¹⁶⁵ (TOURNIER, 1972, p. 160-161, tradução nossa). As árvores invertidas reforçam seu potencial de inversor da ordem, mas também sinalizam no alto a fonte de energia do araucano.

Robinson descobre um novo Vendredi desconhecido para ele, capaz de abolir toda a ordem pré-estabelecida. “Robinson teve de se confessar que Vendredi sob sua docilidade solícita tinha uma personalidade, e que tudo aquilo que dela emanava o chocava profundamente e atentava contra a integridade da ilha administrada.”¹⁶⁶ (TOURNIER, 1972, p. 162, tradução nossa).

O *log-book* de Robinson é testemunha de sua surpresa quanto ao tipo de relacionamento estabelecido entre Vendredi e os animais da ilha. “Ele é recebido e aceito pelas bestas como uma delas.”¹⁶⁷ (TOURNIER, 1972, p. 171, tradução nossa). Para ele, esse tipo de relação deveria confirmar o grau de bestialidade do selvagem. Na verdade, a relação harmoniosa entre o indígena e os animais da ilha demonstra com clareza a integração existente entre ele e toda a natureza de Speranza.

Os dois companheiros desenham-se como seres contraditórios. Ao “riso desvairado” de Vendredi opõe-se o rosto “pensativo e silencioso” de Robinson. Uma atmosfera de confronto estabelece-se entre as duas forças contrárias representadas pelas personagens. Eles não são apenas opostos; nesse capítulo tornam-se verdadeiros oponentes. A confecção de um escudo por Vendredi, assim como o chicote de Robinson supõem a preparação de uma grande luta entre dois heróis. A borboleta preta e o gavião mortos por Robinson com o chicote são metáforas do aéreo Vendredi atacado pelo telúrico Robinson. O espírito de Robinson infla-se comparado a um vulcão:

¹⁶⁴ “*cortège hallucinant de prélats, de grandes dames et de monstres opulents*” (TOURNIER, 1972, p. 160).

¹⁶⁵ “*S’il pouvait s’envoler! Se transformer en papillon! Faire voler une pierre, ce rêve enchantait l’âme aérienne de Vendredi.*” (TOURNIER, 1972, p. 160-161).

¹⁶⁶ “*Robinson devait bien s’avouer que Vendredi sous sa docilité empressée avait une personnalité, et que tout ce qui en émanait le choquait profondément et portait atteinte à l’intégrité de l’île administrée.*” (TOURNIER, 1972, p. 162).

¹⁶⁷ “*Il est reçu et accepté par les bêtes comme l’une d’elles.*” (TOURNIER, 1972, p. 171).

Não era sob a espécie vulgar de um homem irritado que ele parecia a seus próprios olhos, mas como uma força original, saída das entranhas da terra e varrendo tudo de um sopro ardente. Um vulcão. Robinson era um vulcão que fendia a superfície de Speranza, como a cólera fundamental da rocha e do tufo.¹⁶⁸ (TOURNIER, 1972, p. 174, tradução nossa).

A imagem do vulcão, apesar de intimamente ligada ao elemento telúrico (as larvas saem de dentro da terra), relaciona-se também ao fogo. O vulcão em Robinson a ponto de entrar em erupção, tem capacidade de cobrir a superfície terrena que o cerca. Dentro do herói o fogo já existe, mas permanece preso. Aos poucos, o narrador vai inserindo a percepção de uma inclinação da personagem em direção ao elemento ígneo. O prazer de Robinson ao fumar seu cachimbo é a alegoria de sua própria alma:

Para ele, só importava o pequeno forno ardente e vivo, crepitante e abrasado. Era o invólucro terrestre de um pequeno sol subterrâneo, um tipo de vulcão portátil e domesticado que incendiava tranquilamente sob as cinzas ao chamado de sua boca.¹⁶⁹ (TOURNIER, 1972, p. 182, tradução nossa).

Para Vendredi, o prazer de cachimbar tinha um significado bastante diferente. Sua atenção concentrava-se na fumaça branca “liberada em espirais”, ressaltando seu espírito aéreo. “A fumaça cumpre então sua função principal: ela garante e sensibiliza seus pulmões, ela torna consciente e como luminoso esse espaço escondido dentro de seu peito, e que é aquilo que existe nele de mais aéreo e de mais espiritual.”¹⁷⁰ (TOURNIER, 1972, p. 183, tradução nossa).

A batalha entre ar e terra culmina com a intervenção do fogo, identificado à explosão da gruta, ou seja, com o desabrochar interior do herói solar em Robinson. De fato, o

¹⁶⁸ “*Ce n’était pas sous l’espèce vulgaire d’un homme irrité qu’il apparaissait à ses propres yeux, mais comme une force originelle, issue des entrailles de la terre et balayant tout d’un souffle ardent. Un volcan. Robinson était un volcan qui crevait à la surface de Speranza, comme la colère fondamentale de la roche et du tuf.*” (TOURNIER, 1972, p. 174).

¹⁶⁹ “*Pour lui, seul comptait le fourneau brûlant et vivant, grésillant et culotté. C’était l’enveloppe terrestre d’un petit soleil souterrain, une manière de volcan portatif et domestiqué qui rougeoyait paisiblement sous la cendre à l’appel de sa bouche.*” (TOURNIER, 1972, p. 182).

¹⁷⁰ “*La fumée accomplit alors sa fonction majeure: elle meuble et sensibilise ses poumons, elle rend conscient et comme lumineux cet espace caché dans sa poitrine, et qui est ce qu’il y a en lui de plus aérien et de plus spirituel.*” (TOURNIER, 1972, p. 183).

verdadeiro combatente do espírito telúrico de Robinson era o seu fogo interior, como já se destacara nas palavras enigmáticas do capitão Van Deysse.

6.7 O Enforcado e o Diabo

Era preciso contar com isso, é Saturno, do arcano doze, figurando um enforcado. Mas, veja você, o que há de mais significativo nessa personagem, é que ele é enforcado **pelos pés**. Aí está você pois de cabeça para baixo, meu pobre Crusoé! Aprese-se em me dar a carta seguinte. Eis aqui. Arcano quinze: os Gêmeos. Eu me perguntava qual ia ser o novo avatar de nossa Vênus metamorfoseada em atirador de flechas. Ela tornou-se seu irmão gêmeo. Os Gêmeos são representados atados pelo pescoço aos pés do Anjo bissexual.¹⁷¹ (TOURNIER, 1972, p. 9-10, grifo do autor, tradução nossa).

O arcano doze, o Enforcado indica uma inversão de valores, tema chave do capítulo VIII. O homem pendurado pelo pé expressa o alcance da transcendentalidade ou da ligação entre o céu e a terra. Suspenso ele reproduz uma situação próxima à do voo ou da levitação, símbolos ascensionais que indicam a superação do herói em direção a um estágio mais avançado.

Quanto ao Diabo, a relação com o texto encaminha-se no sentido da sexualidade de Robinson e da sua relação com Vendredi. Ao denominar a figura representada na carta de tarô como o “anjo bissexual”, Tournier acentua o caráter renovado da sexualidade de Robinson. As experiências com os reinos vegetal e mineral tinham até então uma tendência fortemente heterossexual. Na nova ordem instalada na ilha, a sexualidade tende para uma indiferenciação entre os sexos. O imaginário do Diabo conduz a um ser revogador das leis, brincalhão e gozador da vida.

¹⁷¹ “Il fallait s’y attendre, c’est Saturne, de l’arcane douzième, figurant un pendu. Mais, voyez-vous, ce qu’il y a de plus significatif dans ce personnage, c’est qu’il est pendu **par les pieds**. Vous voilà donc la tête en bas, mon pauvre Crusoé ! Dépêchez-vous de me donner la carte suivante. La voici. Arcane quinzième : les Gémeaux. Je me demandais quel allait être le nouvel avatar de notre Vénus métamorphosée en tireur à l’arc. Elle est devenue votre frère jumeau. Les Gémeaux sont figurés attachés par le cou aux pieds de l’Ange bissexué.” (TOURNIER, 1972, p. 9-10, grifo do autor).

6.7.1 Capítulo IX

Enfim o outro Vendredi, de cuja existência Robinson desconfiava, surge em todo seu esplendor. Ele aparece como o iniciador de Robinson e de uma nova ordem na ilha. “A liberdade de Vendredi – na qual Robinson começou a se iniciar nos dias seguintes – não era apenas a negação da ordem extinta da superfície da ilha pela explosão.”¹⁷² (TOURNIER, 1972, p. 190, tradução nossa). Tournier já chamara a atenção no capítulo anterior para a personalidade “iluminada” de Vendredi dando ênfase na caracterização da personagem ao órgão do corpo predominantemente associado à luz:

Sob seus cílios longos e recurvados, o globo ocular perfeitamente liso e límpido é incessantemente limpo, refrescado e lavado pelo batimento da pálpebra. A pupila palpita sob a ação variável da luz, medindo exatamente seu diâmetro na luminosidade ambiente, a fim de que a retina esteja sempre igualmente sensibilizada. Na massa transparente da íris está submersa uma ínfima corola de plumas de vidro, uma rosácea fina, infinitamente preciosa e delicada. Robinson está fascinado por esse órgão tão finamente composto, tão perfeitamente novo e brilhante também.¹⁷³ (TOURNIER, 1972, p. 181, tradução nossa).

A destruição total de toda a ordem estabelecida anteriormente é fundamental para que possa haver a renovação do herói. Robinson é atirado de volta ao momento inicial de sua chegada à ilha. Comendo um ananás selvagem, “Robinson lembrou-se que era o primeiro alimento que ele tinha comido na ilha no dia seguinte de seu naufrágio.”¹⁷⁴ (TOURNIER, 1972, p. 187, tradução nossa). O retorno a esse instante crucial da vida de Robinson, permitirá a mudança de toda sua trajetória, afinal, nenhum ato é irreversível se não for repetição dos atos primordiais dos deuses, segundo a lógica primitiva. A aniquilação da ordem da “ilha

¹⁷² “*La liberté de Vendredi – à laquelle Robinson commença à s’initier les jours suivants – n’était pas que la négation de l’ordre effacé de la surface de l’île par l’explosion.*” (TOURNIER, 1972, p. 190).

¹⁷³ “*Sous ces cils longs et recourbés, le globe oculaire parfaitement lisse et limpide est incessamment balayé, rafraîchi et lavé par le battement de la paupière. La pupille palpite sous l’action variable de la lumière, mesurant exactement son diamètre à la luminosité ambiante, afin que la rétine soit toujours également impressionnée. Dans la masse transparente de l’iris est noyée une infime corolle de plumes de verre, une rosace ténue, infiniment précieuse et délicate. Robinson est fasciné par cet organe si finement composé, si parfaitement neuf et brillant aussi.*” (TOURNIER, 1972, p. 181).

¹⁷⁴ “*Robinson se souvint que c’était la première nourriture qu’il eût prise dans l’île le lendemain de son naufrage.*” (TOURNIER, 1972, p. 187).

administrada”, de uma estrutura domesticada é simbolizada pela morte do cão Tenn. “Todos os valores, a partir da explosão, são mudados, invertidos, a vida selvagem substitui os valores da civilização.”¹⁷⁵ (BOULOUMIÉ, 1991, p. 21, tradução nossa).

Apesar da força e da significância da explosão, está clara a influência de Vendredi no processo de renovação de Robinson. Sem a intervenção do indígena, Robinson talvez voltasse a reconstruir a mesma “ilha administrada” de outrora. “A explosão não matara completamente o velho homem em Robinson”¹⁷⁶ (TOURNIER, 1972, p. 188, tradução nossa). A queda do cedro gigante marca exatamente o momento de ruptura dos “últimos laços que atavam Robinson ao seu antigo fundamento.”¹⁷⁷ (TOURNIER, 1972, p. 190, tradução nossa). Note-se que a estrutura dessa árvore, símbolo das relações outrora estabelecidas entre Robinson e Speranza, fora abalada pela explosão, mas é uma outra força que a arranca finalmente da terra onde estava tão firmemente plantada. O cedro não resistiu ao “vento vigoroso” que balançava as folhagens, ou seja, a influência aérea de Vendredi é que completa o processo de desligamento de Robinson da antiga ordem.

O novo Robinson tem uma aparência diferente, ele assemelha-se a Vendredi, seu iniciador. Ele não teme mais o sol, mas expõe-se a ele pela nudez. Como um super-herói dos quadrinhos, ao assumir sua nova personalidade, Robinson parece ganhar força, saúde e beleza. A metamorfose de seu corpo opera mudanças até em sua medíocre constituição humana. A energia proveniente do sol funciona sobre a carne de Robinson como o espinafre de Popeye ou a ira de Hulk:

Seu peito arqueava como um escudo de bronze. Suas pernas tomavam apoio sobre a rocha, maciças e inabaláveis como colunas. A luz fúlvida revestia-o de uma armadura de juventude inalterável e forjava-lhe uma máscara de cobre de uma regularidade implacável na qual reluziam olhos de diamante. Enfim o astro-deus expôs completamente sua coroa de cabelos vermelhos em explosões de címbalos e estridências de trompetes.¹⁷⁸ (TOURNIER, 1972, p. 254, tradução nossa).

¹⁷⁵ “*toutes les valeurs, à partir de l’explosion, sont retournées, inversées, la vie sauvage se substitue aux valeurs de la civilisation.*” (BOULOUMIÉ, 1991, p. 21).

¹⁷⁶ “*L’explosion n’avait pas tout à fait tué le vieil homme en Robinson*” (TOURNIER, 1972, p. 188).

¹⁷⁷ “*derniers liens qui attachaient Robinson à son ancien fondement.*” (TOURNIER, 1972, p. 190).

¹⁷⁸ “*Sa poitrine bombait comme un bouclier d’airain. Ses jambes prenaient appui sur le roc, massives et inébranlables comme des colonnes. La lumière fauve le revêtait d’une armure de jeunesse inaltérable et lui forgeait un masque de cuivre d’une régularité implacable où étincelaient des yeux de diamant. Enfin l’astre-dieu déploya tout entière sa couronne de cheveux rouges dans des explosions de cymbales et des stridences de trompettes.*” (TOURNIER, 1972, p. 254).

Além da aparência física, a sexualidade de Robinson também se altera. O formato adquirido pela gruta após a explosão é um sinal da transformação. Por sua concavidade e pela simbólica de intimidade patente, ela remetia ao sexo feminino. Com a explosão a entrada da gruta desaparece e a rocha assume uma identidade andrógina, dotada do feminino, pela concavidade ainda existente, mesmo que obstruída, e do masculino, pela conotação claramente fâlica na descrição de Tournier: “No lugar da gruta – cuja entrada desaparecera – elevava-se um caos de blocos gigantesco em forma de torres, de pirâmides, de prismas, de cilindros. Este amontoamento era dominado por um pico rochoso que se elevava na vertical”¹⁷⁹ (TOURNIER, 1972, p. 186, tradução nossa).

Há ainda uma mudança no comportamento de Robinson indicadora da orientação de sua sexualidade para a androginia. O empenho de Robinson em conseguir se mover indiferentemente sobre qualquer um dos cinco membros do seu corpo aproxima-o do modelo do andrógino platônico, tema caro a Michel Tournier. Em *O Banquete*, Platão (1966, p. 125-126) conta que:

Com efeito, nossa natureza outrora não era a mesma que a de agora, mas diferente. Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino [...] E quanto ao seu andar, era também ereto como agora, em qualquer das duas direções que quisesse; mas quando se lançavam a uma rápida corrida, como os que cambalhotando e virando as pernas para cima fazem uma roda, do mesmo modo, apoiando-se nos seus oito membros de então, rapidamente eles se locomoviam em círculo.

A luta travada entre o bode Andoar e Vendredi é a representação do esforço do araucano para iniciar Robinson. A morte de Andoar simboliza a morte do velho Robinson; sua transformação em um papagaio voador é a transformação do Robinson telúrico em aéreo. A trajetória de transição de mudança de elemento caminha paralelamente à transformação de Andoar. Assim, no momento da morte do bode, Robinson vive sua primeira experiência aérea. A parede rochosa que escala é bem símbolo da divisão de seu espírito entre os dois elementos.

¹⁷⁹ “À la place de la grotte – dont l’entrée avait disparu – s’élevait un chaos de blocs gigantesques en forme de tours, de pyramides, de prismes, de cylindres. Cet amoncellement était dominé par un piton rocheux qui s’élevait à la verticale” (TOURNIER, 1972, p. 186).

Colado à parede, elemento telúrico, atrás de si abria-se o pleno espaço, o pleno ar. A vertigem que assalta Robinson é símbolo da atração que a terra ainda exerce sobre o herói. Mas, no momento, em que Vendredi termina a confecção do grande papagaio voador feito da pele de Andoar, Robinson aventura-se na escalada de uma araucária de mais de 150 pés de altura. Ainda tomado por certa vertigem, o herói sofre uma experiência de regressão à infância que permite sanar seu trauma infantil de medo de altura. A chegada ao alto da araucária coincide com a visão de “um grande pássaro cor de ouro envelhecido, de forma losângica”¹⁸⁰ (TOURNIER, 1972, p. 204, tradução nossa). Era Andoar.

O combate entre Vendredi e Andoar relaciona-se também ao episódio do bode morto por Robinson após sua chegada à ilha. Se naquele momento a morte do animal significou a prevalência da ordem do homem civilizado sobre a ordem natural da ilha, a morte de Andoar significa o estabelecimento da ordem de Vendredi sobre a ordem civilizada de Robinson. Além de tudo, o bode é um dos animais símbolo da virilidade e masculinidade. A sua morte implica na destruição de uma sexualidade exclusivamente masculina.

E, como transformação da sexualidade de Robinson, toda a sua metamorfose indica não a predominância de uma tendência, de um elemento, mas sim a fusão de todos. Dessa forma, o Andoar voador atado à canela de Vendredi, a uma árvore ou ao barco de pesca é o elo de ligação entre céu e terra. Por sua vez, o instrumento confeccionado com o crânio do bode executa com ajuda do vento uma música capaz de fundir o universo, uma “música verdadeiramente *elementar*, inumana, que era ao mesmo tempo a voz tenebrosa da terra, a harmonia das esferas celestes e o lamento rouco do grande bode sacrificado.”¹⁸¹ (TOURNIER, 1972, p. 209, tradução nossa).

Assim, Robinson e Vendredi deixam de ser os heróis antagonísticos do capítulo VIII e tornam-se irmãos, heróis complementares. Os jogos teatrais propostos por Vendredi de inversão de papéis e de manequins usados como bodes expiatórios para qualquer tipo de desentendimento ou irritação dos companheiros têm papel catártico e extinguem indefinidamente todo tipo de indisposição entre eles.

Encerrando o capítulo, o narrador anuncia a retomada da escritura do *log-book*. Porém, o diário recebe atributos diferentes em seu ressurgimento. Em primeiro lugar, os volumes que serão utilizados para a tarefa são classificados como virgens e não, mais como palimpsestos. Ou seja, é uma história completamente nova que será escrita ali. A tinta azul, providenciada

¹⁸⁰ “un grand oiseau de couleur vieil or, de forme losangée” (TOURNIER, 1972, p. 204).

¹⁸¹ “musique véritablement élémentaire, inhumaine, qui était à la fois la voix ténébreuse de la terre, l’harmonie des sphères célestes et la plainte rauque du grand bouc sacrifié.” (TOURNIER, 1972, p. 209).

por Vendredi, substitui a tinta vermelha de antes. A nova forma do *log-book* não é mais uma correção, mas sim uma forma última, como a da própria metamorfose de Robinson. A sua função de se inserir na narrativa como espelho da fragmentação do herói também é eliminada. Não há mais textos alternados entre narração e *log-book*. O capítulo IX compõe-se uniformemente da escrita do narrador e o capítulo X, a seguir, compõe-se da escrita exclusiva do *log-book*. Será a sua última aparição na narrativa. A fragmentação do sujeito Robinson está resolvida.

6.8 O Sol

Nós encontramos o par de Gêmeos no décimo nono arcano maior, o arcano do Leão. Duas crianças de mãos dadas diante de um muro que simboliza a Cidade solar. O deus-sol ocupa toda a parte superior desta carta que lhe é dedicada. Na Cidade solar – suspensa entre o tempo e a eternidade, entre a vida e a morte – os habitantes estão revestidos de inocência infantil, tendo atingido a sexualidade solar que, mais ainda que androgínica, é **circular**. Uma serpente mordendo-se o rabo é a figura desse fechamento erótico sobre ela mesma, sem perda nem dano. É o zênite da perfeição humana, infinitamente difícil de conquistar, mais difícil ainda de manter. Parece que você é chamado a elevar-se até ela. Ao menos o tarô egípcio o diz.¹⁸² (TOURNIER, 1972, p. 11-12, tradução nossa, grifo do autor).

A ênfase dada ao Sol na iconografia do arcano dezanove condiz com a importância adquirida pelo astro no capítulo X. Totalmente voltado para a contemplação e exaltação da estrela, Robinson está em perfeita harmonia com o seu companheiro e no apogeu de sua evolução.

O Sol pode ser tomado também como símbolo de realização plena e conexão perfeita do herói com o seu espaço. A imagem dos dois meninos alude a Robinson e Vendredi. Da mesma forma, no arcano quinze, o Diabo, as duas figuras ligadas por uma corrente ao pé do

¹⁸² “*Nous retrouvons le couple des Gémeaux sur le dix-neuvième arcane majeur, l’arcane du Lion. Deux enfants se tiennent par la main devant un mur qui symbolise la Cité solaire. Le dieu-soleil occupe tout le haut de cette lame qui lui est dédiée. Dans la Cité solaire – suspendue entre le temps et l’éternité, entre la vie et la mort – les habitants sont revêtus d’innocence enfantine, ayant accédé à la sexualité solaire qui, plus encore qu’androgynique, est circulaire. Un serpent se mordant la queue est la figure de cette érotique close sur elle-même, sans perte ni bavure. C’est le zénith de la perfection humaine, infiniment difficile à conquérir, plus difficile encore à garder. Il semble que vous soyez appelé à vous élever jusque-là. Du moins le tarot égyptien le dit-il.*” (TOURNIER, 1972, p. 11-12, grifo do autor).

diabo representavam os companheiros. Os gêmeos, presentes em diversas mitologias simbolizam a união de diferentes aspectos, como o mortal e o imortal, o terrestre e o divino, que se fortalecem unidos, mas separados são fracos.

6.8.1 Capítulo X

Finalmente chega a fase solar do herói, regida pelo elemento fogo. A descrição do êxtase de Robinson ao nascer do sol é repleta de símbolos ascensionais, indicando a transcendência de sua evolução. Uma das imagens mais representativas descreve os raios do sol tocando primeiro a cabeça, depois a boca e enfim os ombros de Robinson; cena similar à sagração de um cavaleiro. Robinson torna-se então “cavaleiro solar”. Com seu corpo todo banhado pela luz do sol, Robinson ascende à condição de um deus: “mil diademas e mil cetros de luz cobriam minha estátua sobre-humana.”¹⁸³ (TOURNIER, 1972, p. 216, tradução nossa).

Elevado a tal condição, o tempo adquire outra conotação na vida de Robinson. O tempo cíclico dos deuses torna-se o tempo da existência do herói. Robinson sente cada vez mais a abolição do tempo cronológico em proveito de um tempo circular e eterno. O conceito de eterno que se aplica à obra acorda com o pensamento primitivo no qual

a imortalidade não deve ser concebida como uma sobrevivência *post mortem*, mas como uma situação que se constitui continuamente, à qual nos preparamos e mesmo da qual participamos **a partir do agora**, a partir deste mundo. A não-morte, a imortalidade deve ser concebida então como uma situação-limite, situação ideal em direção à qual o homem se inclina de todo seu ser e que se esforça por conquistar morrendo e ressuscitando continuamente.¹⁸⁴ (ELIADE, 1957, p. 279, grifo do autor, tradução nossa).

Por sua vez, toda referência bíblica é eliminada e substituída por referências pagãs, em especial, à mitologia greco-romana. A nova religião de Robinson é regida por Vendredi, que

¹⁸³ “*mille diadèmes et mille sceptres de lumière couvraient ma statue surhumaine.*” (TOURNIER, 1972, p. 216).

¹⁸⁴ “*l’immortalité ne doit pas être conçue comme une survivance post mortem, mais comme une situation qu’on se crée continuellement, à laquelle on se prépare et même à laquelle on participe dès maintenant, dès ce monde-ci. La non-mort, l’immortalité doit être conçue alors comme une situation-limite, situation idéale vers laquelle l’homme tend de tout son être et qu’il s’efforce de conquérir en mourant et en ressuscitant continuellement.*” (ELIADE, 1957, p. 279, grifo do autor).

representa o fim da era cristã: “Sexta-feira é, se eu não me engano, o dia de Vênus. Eu acrescento que para os cristãos é o dia da morte do Cristo. Nascimento de Vênus, morte de Cristo.”¹⁸⁵ (TOURNIER, 1972, p. 228, tradução nossa).

Segundo a mitologia, a deusa Vênus é filha do céu, Urano. Robinson conscientiza-se que a vinda de Vendredi tinha uma função: “Vênus não saiu das águas e não pisou minhas terras para me seduzir, mas para me direcionar à força para seu pai *Ouranos*.”¹⁸⁶ (TOURNIER, 1972, p. 229, tradução nossa).

Voltando sua libido para a contemplação solar, Robinson atinge enfim uma sexualidade transcendental e elementar. Diferente da experiência sexual anterior com a Terra, suas relações com Urano, são portadoras de vida. “E não se trata mais de uma perda de substância que deixa o animal triste *post coitum*. Meus amores uranianos enchem-me ao contrário de uma energia vital que me dá forças para todo um dia e toda uma noite.”¹⁸⁷ (TOURNIER, 1972, p. 230, tradução nossa). Robinson sente-se fecundado pelo céu, repetindo a união primordial entre céu e terra, entre Gaia e Urano.

Outra referência à mitologia presente no capítulo X diz respeito ao relacionamento dos dois companheiros. Os gêmeos Vendredi e Robinson, já anunciados na carta do tarô, são comparados aos Dióscuros. Os Gêmeos da mitologia são dotados de apenas uma alma imortal que confere a ambos a existência eterna. Segundo Maillard (1993), este aspecto da relação dos Dióscuros explica a troca de papéis que acontece no capítulo anterior.

6.9 A Morte

Ah! o Capricórnio! É a porta de saída das almas, o mesmo que dizer a morte. Este esqueleto que ceifa uma pradaria juncada de mãos, de pés e de cabeças expressa bastante bem o sentido funesto que se liga a esta carta. Precipitado

¹⁸⁵ “*Le vendredi, c’est, si je ne me trompe, le jour de Vénus. J’ajoute que pour les chrétiens, c’est le jour de la mort du Christ. Naissance de Vénus, mort du Christ.*” (TOURNIER, 1972, p. 228).

¹⁸⁶ “*Vénus n’est pas sortie des eaux et n’a pas foulé mes rivages pour me séduire, mais pour me tourner de force vers son père Ouranos.*” (TOURNIER, 1972, p. 229).

¹⁸⁷ “*Et il ne s’agit plus d’une perte de substance qui laisse l’animal triste post coitum. Mes amours ouraniennes me gonflent au contraire d’une énergie vitale qui me donne des forces pour toute un jour et toute une nuit.*” (TOURNIER, 1972, p. 230).

do alto da Cidade solar, você está em grande perigo de morte.¹⁸⁸ (TOURNIER, 1972, p. 12, tradução nossa).

A Morte surge na trajetória de Robinson no momento da chegada do navio Whitebird. A carta aponta para mudanças, talvez um novo retorno ao passado esteja à espera do herói. Como já se pode depreender, a Morte é uma etapa fundamental na vida do iniciado. Ela significa mais uma vez renovação e regeneração para o início de uma nova etapa. Entretanto, é crucial para Robinson saber o que virá a seguir dela. Van Deysssel alerta que “se for um signo frágil, sua história está terminada...”¹⁸⁹ (TOURNIER, 1972, p. 12, tradução nossa).

6.9.1 Capítulo XI

A chegada do Whitebird à costa de Speranza não acontece sem causar estragos à ordem elementar vivida pelos gêmeos. Ele aparece como uma ameaça à eternidade atingida pelo herói. Whitebird pode por fim ao processo evolutivo de Robinson. A embarcação traz consigo o contato arrebatador com a civilização abandonada e, por consequência, a ameaça de morte. “Em suma, estes homens e o universo que eles traziam consigo causavam-lhe um insuportável mal-estar, que ele empenhava-se em superar.”¹⁹⁰ (TOURNIER, 1972, p. 236, tradução nossa).

Esta iminência da morte anunciada pelas cartas do tarô dá seus primeiros sinais antes mesmo que os primeiros tripulantes cheguem à praia. Em pé, aguardando os inesperados visitantes, Robinson visualiza toda a sua trajetória na ilha “como um moribundo antes de entregar a alma”¹⁹¹. (TOURNIER, 1972 p. 234, tradução nossa).

Entretanto, se para Robinson a chegada do Whitebird tem uma influência bastante negativa, em Vendredi o navio causa deslumbramento e exerce forte atração. O espírito aéreo do indígena excita-se diante do leque de possibilidades oferecidas pelo navio, com seus

¹⁸⁸ “Ah ! le Capricorne ! C’est la porte de sortie des âmes, autant dire la mort. Ce squelette qui fauche une prairie jonchée de mains, de pieds et de têtes dit assez le sens funeste qui s’attache à cette lame. Précipité du haut de la Cité solaire, vous êtes en grand danger de mort.” (TOURNIER, 1972, p. 12).

¹⁸⁹ “Si c’est un signe faible, votre histoire est finie...” (TOURNIER, 1972, p. 12).

¹⁹⁰ “Au demeurant, ces hommes et l’univers qu’ils apportaient avec eux lui causaient un insupportable malaise, qu’il s’acharnait à surmonter.” (TOURNIER, 1972, p. 236).

¹⁹¹ “comme un mourant avant de rendre l’âme” (TOURNIER, 1972 p. 234).

grandes mastros e suas velas balançando ao sabor dos ventos. Para Vendredi, “um grande veleiro, esbelto e audaciosamente aprestado como aquele, era o coroamento triunfal e como a apoteose desta conquista do ar.”¹⁹² (TOURNIER, 1972, p. 242, tradução nossa). Além disso, a simbólica do voo está presente no próprio nome do navio, que significa “pássaro branco” em português.

A possibilidade de voltar para a Inglaterra o faz refletir sobre o papel grandioso que ele poderia desempenhar levando o reino solar para a “cidade humana”. Ele compara-se ao lendário profeta iraniano Zoroastro, que após anos de isolamento, parte pelo mundo pregando uma nova religião. A escolha de tal final estaria de acordo com a narrativa típica do gênero romance de formação, porém Tournier opta por encaminhar sua obra em direção à subversão, que a caracteriza desde o princípio. A escolha pela felicidade individual de Robinson prevalece sobre qualquer inclinação social, de acordo com um pensamento individualista característico do século XX. Por outro lado, a vida social e mais ainda a vida dita “civilizada” não condizem com o universo interior de Robinson. Dificilmente, ele sobreviveria muito no mundo ao qual pertenciam os homens do Whitebird, corroído pela ação de um “turbilhão de tempo, degradante e mortal”. Robinson assombra-se com a possibilidade de envelhecer e deixar de participar da eternidade de Speranza.

A falta de convergência entre os dois mundos evidencia-se no diálogo presente – ou ausente – no capítulo. A princípio “o diálogo com Hunter empenhava-se laboriosamente e ameaçava a todo instante se perder em um pesado silêncio.”¹⁹³ (TOURNIER, 1972, p. 237, tradução nossa). Mas, o capitão do Hunter satisfaz-se em contar suas experiências sem demonstrar a mínima curiosidade pela vida de Robinson. Maillard chama a atenção para a inconsistência da conversação, oscilando sempre para o discurso indireto livre ou assemelhando-se mais a um monólogo do capitão do Whitebird. Ao pensar como seriam recebidas suas ideias, Robinson “imaginava incessantemente o diálogo que terminaria por o opor a um destes homens”¹⁹⁴ (TOURNIER, 1972, p. 243, tradução nossa). Desta forma, fica evidente a “incomunicabilidade” entre o mundo de Robinson e o da tripulação do navio.

O capítulo também estabelece uma crescente distância entre Robinson e Vendredi, evidente pela diferente disposição de espírito com a qual cada um recebe a visita do navio. Ao

¹⁹² “*un grand voilier, svelte et audacieusement gréé comme celui-ci, était l’aboutissement triomphal et comme l’apothéose de cette conquête de l’éther.*” (TOURNIER, 1972, p. 242).

¹⁹³ “*le dialogue avec Hunter s’engageait laborieusement et menaçait à tout instant de se perdre dans un silence pesant.*” (TOURNIER, 1972, p. 237).

¹⁹⁴ “*imaginait sans cesse le dialogue qui finirait bien par l’opposer à l’un de ces hommes*” (TOURNIER, 1972, p. 243).

evocar, no final do capítulo, mais uma vez a comparação com os Dióscuros, Tournier parece insistir em chamar a atenção para a lenda. Como é conhecida, a história conta que um dos irmãos compartilha sua alma divina com o outro, mortal. Esse ato de amor e dedicação tem por consequência a separação. Compartilhando a mesma alma, os Dióscuros não podem compartilhar o mesmo mundo. Assim, Vendredi ao dotar Robinson com sua própria alma, já não poderia mais fazer parte do mesmo mundo que seu gêmeo.

6.10 O Mundo

Júpiter! exclamou o capitão. Robinson, você está salvo, mas, que diabo, você retorna de longe! Você ia direto ao fundo, e o deus do céu veio em seu auxílio com uma admirável oportunidade. Ele encarna-se em uma criança de ouro, saída das entranhas da terra - como uma pepita arrancada de uma mina -, que lhe devolve as chaves da Cidade solar.¹⁹⁵ (TOURNIER, 1972, p. 12-13, tradução nossa).

Apesar do pouco que se pode depreender da fala de Van Deyssel, a carta que parece advir a Robinson neste momento é o Mundo. O arcano significa um renascimento para uma etapa de realizações, de apoteose e êxito. A iconografia da carta aponta para o sentido de totalidade, pela presença de quatro elementos em torno de uma roda. O ser andrógino no centro da carta representa a evolução da sexualidade de Robinson e a integração harmoniosa de elementos opostos.

6.10.1 Capítulo XII

Os acontecimentos do capítulo anterior parecem retirar Robinson temporariamente de sua estada feliz na “cidade solar” e atirá-lo de volta aos primeiros dias de sua chegada na ilha. Na manhã do dia seguinte, ele levanta-se e caminha pela praia, numa semelhança evidente

¹⁹⁵ “*Jupiter ! s’exclama le capitaine. Robinson, vous êtes sauvé, mais, que diable, vous revenez de loin ! Vous couliez à pic, et le dieu du ciel vous vient en aide avec une admirable opportunité. Il s’incarne dans un enfant d’or, issu des entrailles de la terre – comme une pépite arrachée à la mine -, qui vous rend les clés de la Cité solaire.*” (TOURNIER, 1972, p. 12-13).

com o dia do naufrágio. A seguir, os passos de Robinson em busca do desaparecido Vendredi parecem refazer em alguns minutos o trajeto de anos. A descrição dos lugares por onde passa, segue a mesma sequência de toda sua trajetória na ilha. Inicia-se pela Baía de construção do *Évasion* e passa pela gruta e pela Combe Rosa. A mesma constatação dos primeiros tempos refaz-se em sua mente: “ele estava sozinho na ilha”.

A página da Bíblia encontrada parece indicar uma inevitável regressão na sua evolução, arrancando dele toda a energia fantástica vinda de seu culto ao sol e recompondo a temporalidade nefasta dos tempos da “ilha administrada”, cujo espírito ressurgia para assombrá-lo ao se deparar com a coleira de Tenn. “Seria preciso tudo recomençar, as plantações, as criações, as construções, esperando a sobrevivência de um novo Araucano que varreria tudo aquilo por um nível superior?”¹⁹⁶ (TOURNIER, 1972, p. 251, tradução nossa). Robinson, porém, decide-se pela morte no alvéolo aconchegante da gruta.

A criança que sai do interior da gruta, ao mesmo tempo impede a entrada de Robinson, ou seja, evita sua morte e nasce para uma nova existência, saído do ventre, que é ao mesmo tempo sepulcro. Jaan surge como um substituto para Vendredi, que pode harmonizar novamente a existência de Robinson na ilha. A semelhança física entre as duas personagens é proposital; o menino Jaan é o próprio Robinson mais jovem que sobreviverá no lugar do primeiro, garantindo assim sua continuidade. O herói dá-lhe o nome de Jeudi, é o dia do deus Júpiter, dia do Sol, e também um sinal de renovação. Jeudi, na sucessão dos dias da semana, antecede a Vendredi¹⁹⁷.

A conquista de um novo companheiro permite a Robinson mais uma vez se instalar na eternidade de *Speranza*. O sol nascente volta a exercer sua influência benéfica sobre o herói e o menino recebe também sua cota de energia: “reflexos metálicos iluminaram-se na cabeça da criança”¹⁹⁸ (TOURNIER, 1972, p. 254, tradução nossa).

¹⁹⁶ “*Allait-il falloir tout recommencer, les plantations, l'élevage, les constructions, en attendant la survenue d'un nouvel Araucan qui balayerait tout cela d'un niveau supérieur?*” (TOURNIER, 1972, p. 251).

¹⁹⁷ Em francês *Vendredi* significa Sexta-Feira e *Jeudi*, Quinta-Feira.

¹⁹⁸ “*des reflets métalliques s'allumèrent sur la tête de l'enfant.*” (TOURNIER, 1972, p. 254).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de milênios o homem mudou o mundo e a si mesmo. Entretanto, um fato permanece igual desde muito tempo até os dias de hoje: a necessidade humana de criar narrativas que expliquem e representem os fundamentos de sua existência. São os chamados mitos.

As lendas primitivas, os mitos gregos, as narrativas bíblicas. Todos formam a grande biblioteca de mitos da humanidade. Com o passar dos séculos e a mudança de comportamentos, alguns mitos vão perdendo suas forças, outros se modificam e novos são criados.

Nos últimos séculos, o individualismo moderno determinou a aparição de novos mitos. Ele surgiu como uma nova forma de enxergar o papel do homem na sociedade e persistiu com força até a atualidade, mesmo que tenha passado por alterações. Em sua gênese, várias narrativas assumiram o papel de representantes da moralidade burguesa e entre elas, *As Aventuras de Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe.

A obra foi uma das pioneiras do gênero narrativo romance, trazendo em si uma inovação do paradigma literário tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo. Considerada por Ian Watt um dos mitos do individualismo moderno, sobreviveu até os dias de hoje como símbolo de narrativa exemplar.

Porém, mudanças significativas na sociedade têm concorrido para que o individualismo transforme seus contornos. A crença do homem nas instituições sociais, sejam elas, a família, a igreja ou os colegas de trabalho, está em ruínas. O homem fecha-se cada vez mais numa “ilha” habitada apenas por um indivíduo: ele próprio.

Vendredi ou Les Limbes du Pacifique é uma narrativa que consegue ilustrar com maestria essa nova faceta do individualismo. O livro chama atenção de muitos estudiosos, devido a seu universo rico de símbolos, referências mitológicas e filosóficas, intertextualidades, além de um tema fascinante encerrado numa história recorrente no imaginário popular, o mito de Robinson Crusoe.

Entre as duas obras estabelecem-se ao mesmo tempo relações contraditórias e complementares. A análise das estruturas narrativas aponta para a revalorização e insere a crítica. A riqueza de composição do texto de Tournier abriga pontos fundamentais da obra de Defoe direcionando os olhos do leitor inevitavelmente para o original. Este leitor encontra-se, entretanto, diante de uma nova realidade a sua frente, capaz de levantar diferentes questões

antes insuspeitadas. O novo mito de Robinson Crusoe simultaneamente nega, afirma, enriquece, despe, retoma, atualiza, subverte e acima de tudo valoriza a narrativa de Defoe. Trazida de volta ao palco das discussões literárias, a história do naufrago permanece viva no imaginário popular e transforma por vezes um olhar ingênuo em um uma exposição crítica, uma passagem considerada antes desinteressante em objeto de discussão e um selvagem em um deus.

Seria este o momento de classificar Michel Tournier como um mestre pós-modernista. Porém acima de qualquer título ou nomeação, enxerga-se no trabalho deste autor a desprendida mobilidade entre o velho e o novo, entre realismo e fantasia, entre romance e tese, entre filosofia e mito, entre prosa e poesia.

A opulência de conflitos de *Vendredi ou Les Limbes du Pacifique* acaba por embutir valores fundamentais para a formação individual. Seria então fácil taxá-lo em uma prateleira como “exótico romance de formação”, não fossem os poréns, as fugas, os disfarces e mais uma vez, a subversão. A formação de Robinson não segue regras fixas, sejam elas literárias ou morais.

É clara a contradição imanente da formação de Robinson como um “homem novo”, pois a sua evolução é bem sucedida enquanto retira dele exatamente a essência humana, em uma evolução direcionada para a vida em suas formas mais transcendentais. Uma vida alheia ao tempo cronológico, regida pela circularidade, onde cada dia é um novo recomeço. Robinson evolui junto com o seu meio, a ilha, que não conhece passado, presente ou futuro. Impossível buscar em *Vendredi* o romance de formação de um homem, pois o processo de sua formação direciona-se para uma deificação.

A ousadia de empreender tal formação, entretanto, não encontra sua solução no cotidiano medíocre da sociedade moderna. A formação tão ambiciosa de Robinson busca suas fontes numa época em que a existência do homem não era tão insignificante para a composição do universo, pois as suas ações repetiam as ações dos próprios deuses. O homem primitivo considera-se parte fundamental e imperecível do cosmos, oferecendo uma solução para todas as frustrações humanas. Não cabe ao homem questionar. A evidência da natureza viva é a prova cabal de um poder sobrenatural, de uma existência além do nosso mundo conhecido. Robinson Crusoe de Michel Tournier resolve seus traumas de homem moderno no encontro com os símbolos primitivos, com o inconsciente, com o sem explicação.

A trajetória de Robinson refaz os passos de um neófito das sociedades arcaicas. No final da obra encontra-se um outro homem, em nada semelhante ao que se conheceu nas primeiras páginas do livro. É natural que seja assim, pois o velho homem existente em

Robinson morreu, não uma, mas diversas vezes, até que não restasse mais nada. Sexo, morte, o outro e “eu” perdem a referência comum e assumem características transcendentais.

Em *Vendredi* pode-se atentar para este aspecto como para muitos outros que compõem a obra. O estudioso encontra referências ao tarô, à mitologia greco-latina, à Bíblia, a diversos intertextos, e as abordagens variam em muitos sentidos. Não é ocasional que o primeiro livro de Michel Tournier tenha sido recebido com louvor e cause tantas especulações. A obra parece cumprir magistralmente a função, tão cara a Tournier, de libertar-se de seu autor para entregar-se aos seus leitores. Não é, portanto, com intenção de restringir a uma única interpretação que se apresenta este trabalho, mas espera-se que possa figurar no rol de variegados olhares da obra de Tournier.

Contudo, quando se trata de um poema, um romance ou uma obra de teatro, a presença de uma tese, formulada de maneira explícita e sem ambiguidades, desmerece gravemente o valor da obra. [...] Certamente, um romance pode conter uma tese, mas é importante que seja o leitor, não o escritor, quem a introduza, pois a interpretação – tendenciosa ou não – é competência apenas do primeiro, e a pluralidade de interpretações – no último caso tão numerosas quanto os próprios leitores – revela o valor e a riqueza da invenção poética, romanesca ou teatral do público.¹⁹⁹ (TOURNIER, 1996, p. 13, tradução nossa).

¹⁹⁹ “Sin embargo, cuando se trata de un poema, una novela o una obra de teatro, la presencia de una tesis, formulada de manera expresa y sin ambigüidades, demerita gravemente el valor de la obra. [...] Ciertamente, una novela puede contener una tesis, pero es importante que sea el lector, no el escritor, quien la introduzca, pues la interpretación – tendenciosa o no – sólo es competencia del primero, y la pluralidad de interpretaciones – en último caso tan numerosas como los propios lectores – revela el valor y la riqueza de la invención poética, novelesca o teatral del público.” (TOURNIER, 1996, p. 13).

REFERÊNCIAS

BANCAUD-MAËNEN, Florence. **Le roman de formation au XVIII^e siècle en Europe**. Paris : Armand Colin, 2005.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BORNHEIM, Gerd. O sujeito e a norma. In: NOVAES, Adauto. (org.) **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 247-260.

BOULOUMIÉ, Arlette. Inversion bénigne, inversion maligne. In: COLLOQUE DU CENTRE CULTUREL INTERNATIONAL DE CERISY-LA-SALLE, 1990, Cerisy-La- Salle. **Images et signes de Michel Tournier**: actes... Paris: Gallimard, 1991, p. 17-53.

BOULOUMIÉ, Arlette. **Michel Tournier**: le roman mythologique. Paris: José Corti, 1988.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da mitologia (a idade da fábula)**: histórias de deuses e heróis. 9 ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

BURTIN-VINHOLES, Suzanne. **Dicionário francês-português, português-francês**. 40 ed. São Paulo: Globo, 2003.

DEFOE, Daniel. **A vida e as surpreendentes e singulares aventuras de Robinson Crusoe, de Iorque, marinheiro**. Tradução de Elsa Andriga. Mira-Sintra: Europa-América, 1975.

DETIENNE, Marcel. **Dioniso a céu aberto**. Tradução de Carmem Cavalcanti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ELIADE, Mircea. **Mythes, rêves et mystères**. Paris: Gallimard 1957.

ELIADE, Mircea. **Le mythe de l'éternel retour**. Paris: Gallimard, 1969.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Tradução de Manuela Torres. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. Tradução de José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ÉTUDES Littéraires. **Michel Tournier**: Vendredi ou Les Limbes du Pacifique. Disponível em: < <http://www.etudes-litteraires.com/tournier-vendredi-limbes-pacifique.php>>. Acesso em: 04 set. 2006.

EURÍPEDES. **As Bacantes**. Introdução, tradução e comentário de Eudoro de Sousa. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

FERGUSSON, Kirsty. Le paysage de l'absolu. In: COLLOQUE DU CENTRE CULTUREL INTERNATIONAL DE CERISY-LA-SALLE, 1990, Cerisy-La- Salle. **Images et signes de Michel Tournier**: actes... Paris: Gallimard, 1991, p. 135-146.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Tradução de Maria Helena Martins. São Paulo: Globo, 1988.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**: quatro ensaios. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.

HOBBSAWM, Eric. **A era das Revoluções**: Europa 1789-1848. 19 ed. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**: O breve século XX: 1914-1991. 2 ed. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Série Logoteca).

JEANMARIE, Henri. **Dionysos**: histoire du culte de Bacchus. Paris: Payot, 1970.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KOOPMAN-THURLINGS, Mariska. De la forme et du fond: le redoublement discursif. In: COLLOQUE DU CENTRE CULTUREL INTERNATIONAL DE CERISY-LA-SALLE, 1990, Cerisy-La- Salle. **Images et signes de Michel Tournier**: actes... Paris: Gallimard, 1991, p. 279-293.

KUPERMAN, Priscilla Siqueira. **Tarô: uma linguagem feiticeira**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo**. O *Bildungsroman* na história da literatura. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

MAILLARD, Michel. **Vendredi ou Les Limbes du Pacifique**: Tournier. Paris: Nathan, 1993.

MERLLIÉ, Françoise. **Michel Tournier**. Paris: Pierre Belfond, 1988.

MIGUET, Marie. Le tarot et “Les Météores”. In: COLLOQUE DU CENTRE CULTUREL INTERNATIONAL DE CERISY-LA-SALLE, 1990, Cerisy-La-Salle. **Images et signes de Michel Tournier: actes...** Paris: Gallimard, 1991, p. 341-365.

MIGUET, Thierry. L’argument ontologique comme “mostrance”. In: COLLOQUE DU CENTRE CULTUREL INTERNATIONAL DE CERISY-LA-SALLE, 1990, Cerisy-La-Salle. **Images et signes de Michel Tournier: actes...** Paris: Gallimard, 1991, p. 164-187.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô: uma jornada arquetípica**. São Paulo: Cultrix, 2001.

PIRARD, Régnier. Au jeu du Père et de l’impair (paternité et couple). In: COLLOQUE DU CENTRE CULTUREL INTERNATIONAL DE CERISY-LA-SALLE, 1990, Cerisy-La-Salle. **Images et signes de Michel Tournier: actes...** Paris: Gallimard, 1991, p. 86-112.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TOURNIER, Michel. **Conversation avec Michel Tournier**. [199-] Entrevistador: Leonella Prato Caruso. Disponível em: <<http://erewhon.ticonuno.it/arch/rivi/narrare/toulfrfr.htm>>. Acesso em: 01 set. 2006.

TOURNIER, Michel. **El vuelo del vampiro: notas de lectura**. Tradução de José Luis Rivas. Fondo de Cultura Económica: México, 1996.

TOURNIER, Michel. **Vendredi ou les limbes du Pacifique**. Paris: Gallimard, 1972.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WATT, Ian. **Mitos do individualismo moderno**. Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robinson Crusoe. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de Maria Irene de Queiroz Ferreira Szmrecsányi e Tamás József Márton Károly Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1967.

WORTON, Michael. Intertextualité et esthétique. In: COLLOQUE DU CENTRE CULTUREL INTERNATIONAL DE CERISY-LA-SALLE, 1990, Cerisy-La-Salle. **Images et signes de Michel Tournier**: actes... Paris: Gallimard, 1991, p. 227-243.